

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Vera Lúcia da Silva Almeida

**COTIDIANO ESCOLAR DEMOCRÁTICO:
UMA EXPERIÊNCIA DE 1983 A 1997, NA ESCOLA MUNICIPAL
GETÚLIO VARGAS**

**Sorocaba/SP
2015**

Vera Lúcia da Silva Almeida

**COTIDIANO ESCOLAR DEMOCRÁTICO:
UMA EXPERIÊNCIA DE 1983 A 1997, NA ESCOLA MUNICIPAL
GETÚLIO VARGAS**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^aDr^a Eliete Jussara Nogueira

**Sorocaba/SP
2015**

Ficha Catalográfica

Almeida, Vera Lúcia da Silva

A452u Um cotidiano escolar democrático: uma experiência de 1983-1997, da escola municipal Getúlio Vargas / Vera Lúcia da Silva Almeida. -- Sorocaba, SP, 2015.

110 p. : il.

Orientador: Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2015.

Vera Lúcia da Silva Almeida

**COTIDIANO ESCOLAR DEMOCRÁTICO:
UMA EXPERIÊNCIA DE 1983 A 1997, NA ESCOLA MUNICIPAL
GETÚLIO VARGAS**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof^aDr^a Eliete Jussara Nogueira Universidade
de Sorocaba

Prof^aDr^a Tania Maria de Castro Carvalho Netto
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Romário de Araújo Mello
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof. Dr. Waldemar Marques
Universidade de Sorocaba

Prof^a. Dr^a. Vânia Regina Boschetti
Universidade de Sorocaba

A todos os que, direta ou indiretamente, possibilitaram a realização deste trabalho, e aos alunos que fizeram parte do meu cotidiano escolar, na escola Getúlio Vargas.

Em especial à Associação Educacional Dom Bosco (AEDB), Resende/RJ, pelo apoio financeiro e incentivo no desenvolvimento desta tese.

AGRADECIMENTOS

À Deus, uma força maior que me conduz a cada dia, pelo privilégio de ter saúde e conquistar o Doutorado em Educação.

Ao querido esposo, Sérgio Olímpio Duque de Almeida, pelo carinho e dedicação, ouvindo a leitura dos trabalhos e dizendo: "pode pesquisar mais".

À minha mãe, Rosa Albina, pelos conhecimentos transmitidos e pelo apoio durante toda a vida. E aos meus irmãos e demais familiares, por acreditarem em mim, sempre.

À Profa. Dra. Eliete Jussara, minha orientadora, pelos profundos ensinamentos transmitidos, pelos incentivos, pela orientação concisa e sugestões para a realização desta pesquisa.

À Banca de Qualificação, com os professores Waldemar Marques e Wilson Sandano, que apontaram novas possibilidades para meu trabalho.

À Profa. Dra. Maria Lúcia Amorim (*in memoriam*), pelo carinho especial e contribuições.

Ao Dr. Hélio Iveson Passos Medrado (*in memoriam*), por tão ilustre presença durante três anos de Orientações na Tese de Doutorado e pelas contribuições compartilhadas.

À Profa. Gilda da Silveira Machado da Silva, pelos esclarecimentos e incentivos.

Ao Prof. Antônio Esteves (*in memoriam*), pelo incentivo e respeito.

Ao Prof. Afonso, pelo trabalho prestado nas conduções como motorista, para o retorno à residência após as chegadas, nas madrugadas, do Curso em Sorocaba. .

À Direção e aos Professores da Associação Educacional Dom Bosco, pela contribuição e motivação.

À Secretária da AEDB, Júlia Matos Simon Esteves, pelo apoio e fornecimento do referencial documental para a pesquisa.

Ao Sr. Ocimar da Silva, pelas experiências socializadoras e pelo respeito com todos.

À Coordenadora do Centro de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão (CPGE), Sílvia Maria S. E. Mariotti.

Costuma-se até dizer que não há cegueiras,
mas cegos, quando a experiência dos tempos
não tem feito outra coisa que dizer-nos que não
há cegos, mas cegueiras.

José Saramago

RESUMO

A educação é pautada por experiências e singularidades que revelam a complexidade do cotidiano escolar. A escola democrática pressupõe trocas de experiências e participação da comunidade. Para entender como essa experiência pode afetar as pessoas que vivenciam o cotidiano escolar, foi realizada uma pesquisa que teve como hipótese o fato de que a escola democrática pode manter relações mais afetivas com seus alunos e próximas deles, mas também com a comunidade externa aos muros escolares. Foi realizada uma pesquisa cujo objetivo foi compreender uma experiência de gestão democrática no período de 1983 a 1997, em uma escola municipal de Resende, no estado do Rio de Janeiro. Foram entrevistados alunos egressos, pais desses alunos, e professores que ministraram aulas naquele período, para saber a opinião deles sobre a escola. Outro levantamento de dados sobre essa experiência foi por meio do relato do diretor. Os resultados apontam a gestão próxima da comunidade e a importância das relações pessoais, de amizade, entre os alunos e com professores, na escola. Também foram reveladas situações que mostram uma escola integrada à comunidade. O relato do diretor apontou que, mesmo em situações de diversidade econômica e política, foi possível um trabalho educativo, com ideais políticos de democracia.

Palavras-chave: Gestão escolar. Cotidiano escolar. Educação.

ABSTRACT

Experience and singularities guide education, revealing the complexity of the school daily life. The democratic school requires exchange of experience and community participation. To understand how this experience can affect people who experience the school daily life, we conducted a survey assuming that the democratic school can be closer to students as well as with the external community, outside school walls, maintaining relationships that are more emotional, and closer to them. The survey aimed to understand a democratic management experience held from 1983 to 1997, in a public school in the city of Resende, in the state of Rio de Janeiro. To collect opinions and points of view related to that school, for that period, we interviewed former students, their parents, and teachers who taught them. We also conducted another survey with the school principal of that time. The results show that the school management was kept close to the community, maintaining interpersonal and friendly relationships among students and teachers. An integration of school with its community is also revealed in this study, through the narratives of different situations. The school principal's report pointed out that, even in situations of economic and political diversity, educational work was feasible with political ideals of democracy.

Keywords: School management. School daily life. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 ESCOLA DEMOCRÁTICA E COTIDIANO ESCOLAR.....	12
2.1 Gestão e prática escolar.....	16
2.1.1 Cotidiano da escola.....	25
3 ESCOLA GETÚLIO VARGAS.....	36
3.1 O bairro Cidade Alegria.....	36
3.2 A escola Getúlio Vargas: sob o olhar do diretor.....	38
4 A OPINIÃO DE PAIS, ALUNOS E PROFESSORES.....	50
4.1 Lócus da pesquisa.....	50
4.2 Objetivos	52
4.3 Instrumentos de pesquisa.....	52
4.4 Procedimento de pesquisa.....	53
4.5 Resultados da pesquisa: sob o olhar dos protagonistas da escola.....	54
4.5.1 Perfil dos entrevistados	55
4.5.2 Influências da escola	55
4.5.3 Relações interpessoais	58
4.5.4 Percepção da experiência na escola	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICE A – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido.....	72
APÊNDICE B – Modelo do questionário usado com alunos egressos.....	74
APÊNDICE C – Modelo do questionário usado com os pais.....	75
APÊNDICE D – Modelo do questionários usado com professores.....	76
APÊNDICE E - Questionário dos alunos egressos.....	77
APÊNDICE F - Questionário dos pais.....	81
APÊNDICE G - Questionário dos professores.....	83
APÊNDICE H – Modelo do roteiro de entrevista com o Diretor.....	85
APÊNDICE I – Transcrição da entrevista com Diretor.....	86
ANEXO A - Documento de criação da E. M. Getúlio Vargas - Resende, RJ.....	92
ANEXO B - Documento de alteração do nome da E. M. Getúlio Vargas.....	93
ANEXO C - Memórias fotográficas da E. M. Getúlio Vargas - Resende, RJ.....	96

1 INTRODUÇÃO

Quando uma criança aprende a andar, a mãe não discorre nem demonstra; ela não ensina o andar, não representa (não anda diante da criança): ela sustenta, encoraja, chama (recusa, às vezes) ela sustenta, incita e envolve: a criança busca e a mãe deseja o caminhar da criança (BARTHES, 2004).

Ao se descrever o aprender a andar da criança pelo encorajar da mãe, pretende-se nesta pesquisa uma analogia: estabelecer um paralelo com o papel da escola. Uma escola que encoraja, que apoia e envolve as pessoas em busca de um caminhar, uma escola democrática que se preocupa com a participação não apenas dos alunos, mas da comunidade em torno da escola, na convicção de que uma escola não pode ser isolada de seu lugar, das pessoas que integram esse lugar, pois seu cotidiano se faz com o entorno. Assim ela pode ser transformadora de realidades.

Oliveira (2007, p. 49) ressalta a ideia da vivência singular na compreensão de construções subjetivas no cotidiano escolar:

A compreensão de que as formas de ver o mundo são desenvolvidas a partir das experiências sociais, embora quase lugar-comum nos discursos hegemônicos sobre a construção das subjetividades e identidades individuais e coletivas, infelizmente não se tem feito acompanhar do devido aprofundamento quando se trata de buscar compreender em que condições concretas de possibilidades se inscrevem os diferentes fazeres docentes e discentes nos cotidianos das diferentes e incontáveis escolas dos diferentes sistemas de ensino. Em que pese o discurso que, cada vez mais, busca evidenciar a aceitação/tolerância da existência de uma diversidade de “olhares” sobre o mundo, ou de leituras de mundo, as políticas de educação e particularmente as de currículo insistem em negligenciar este dado, desenvolvendo propostas fechadas em generalizações fundamentadas no pensamento cientificista que restringe o conhecimento àquilo que, supostamente, é universal e formalmente explicitado e desenvolvido, num claro descompromisso com as aprendizagens cotidianas e experiências de vida de educandos e professores.

Vivemos tempos de “modernidade líquida”, ou de “pós - modernidade”, que se apresenta como um tempo fragmentado, contraditório, incompleto, com ausência de verdades totalizantes, fascinação ante as imagens de consumo, individualismo extremo, imediatismo e hedonismo, ausência de ideologias capazes de dar conta do mundo, com substituição de valores éticos por estéticos norteados pela mídia e novas relações interpessoais mais descompromissadas (SOARES; NOGUEIRA; GOMES, 2013). Nesse contexto, escolas singulares e seus cotidianos podem ser referências para discussão do movimento que a escola vivencia no processo de interação com as características do momento sócio-histórico em que se localiza.

Ao abordar o momento sócio-histórico de uma escola pública de Resende/RJ, este trabalho pretende relatar um pouco do cotidiano escolar, por meio de resgate da memória de pessoas que vivenciaram uma gestão democrática. A tese aqui desenvolvida pretende relacionar a gestão democrática como a possibilidade de participação efetiva da comunidade e ganhos pessoais e coletivos ao longo do tempo.

Memórias extremamente diversificadas irrompem e invadem a cena pública, buscam reconhecimento, visibilidade e articulação, respondendo provavelmente a uma necessidade que a racionalidade histórica é importante para exprimir e atualizando, no presente, vivências remotas (revisitadas, silenciadas, recalçadas, ou esquecidas) que se projetam em direção ao futuro (SEIXAS, 2004, p. 43).

Por meio de entrevistas com pais, alunos, professores e o diretor da escola, essa tese tem como objetivo relacionar, apresentar e compreender uma gestão democrática, no período de 1983 a 1997, em uma escola pública municipal, localizada na cidade de Resende, município do estado Rio de Janeiro.

Atuando como docente na rede pública estadual no Rio de Janeiro, interagir com muitos alunos e suas famílias. Ao reencontrar com esses alunos, agora adultos, percebo a consideração que guardam em relação aos professores, que deixaram marcas que de uma forma ou de outra foram significativas para suas escolhas na vida. Assim, a justificativa para a construção deste trabalho ocorre na crença de que professores, alunos e pais que interagiram numa escola democrática podem apontar as contribuições da escola no processo de formação de pessoas.

Ao pensar sobre um cotidiano escolar, sobre as práticas e seus desdobramentos que envolveram subjetividades, e indagar o que no cotidiano escolar pode afetar os alunos, foi levantada a hipótese de que a escola transforma socialmente quando ouve a comunidade; e as interações próximas e afetivas, com alunos e comunidade, advindas de uma gestão democrática, podem imprimir marcas na vida adulta.

Portanto, o objetivo geral desta tese é relacionar, descrever e compreender a relação comunidade - escola, no período de 1983 a 1997, realizando apontamentos da gestão e da percepção dos integrantes da escola.

Os objetivos específicos são:

- Identificar as reivindicações e pressões da comunidade de Resende na relação com a escola Getúlio Vargas (GV)¹;
- Discutir aspectos da relação professor aluno naquele momento histórico;
- Levantar a opinião de alunos e pais sobre a escola.

Considerando as perspectivas dos professores e dos alunos, bem como os registros das ações desenvolvidas em um determinado período, foram utilizadas para coleta de dados, entrevistas e análise de documentos.

Assumindo a existência de limites, aos quais devemos estar sempre atentos, precisamos compreender que é necessário discutir e criar conhecimentos sobre as múltiplas fontes com que podem contar os pesquisadores nos/dos/com os cotidianos escolares, articulados com as narrativas sempre presentes e necessárias, ao mesmo tempo em que aprendemos e interrogamos as críticas que vêm sendo feitas às pesquisas que realizamos nesses espaços (ALVES, 2005, p.7).

Para o procedimento da pesquisa, foi crucial conversar com alunos egressos, escolhendo aqueles que, no período estudado, cursavam a 7ª e 8ª séries, crianças na faixa etária média de 13 a 14 anos, hoje adultos. Como critério para escolha dos professores estabelecemos que esses deveriam ter sido professores no período indicado, ou seja, foram professores dos alunos entrevistados. Os pais desses alunos também foram entrevistados, o que formou um grupo de pessoas que viveram o mesmo período sócio-histórico, uma coorte. Detalhes sobre essa pesquisa são apresentados no capítulo quatro, com os resultados agrupados em categorias.

A fim de levar o leitor à compreensão do lócus da pesquisa e da experiência democrática, descrevemos a estrutura deste trabalho.

O capítulo um direciona o leitor a uma compreensão e análise das experiências do cotidiano escolar.

O capítulo dois realiza uma discussão teórica para entendermos o sentido do cotidiano escolar e da gestão democrática

O capítulo três apresenta o relato do diretor, contextualizando a escola municipal Getúlio Vargas, no período de 1983 a 1997.

O trabalho foi finalizado com considerações sobre o resultado e a gestão democrática.

¹ A instituição foi inaugurada em 1983, com o nome de Escola Municipal Getúlio Vargas, dez anos depois, com a entrada do ensino médio em seu programa, pelo decreto nº 119, de 04/05/1993, ela passou a ser chamada Colégio Municipal Getúlio Vargas. Por conta da oralidade e do hábito, ocorre neste texto uma alternância no uso dos termos escola e colégio, porém, são ambas a mesma instituição.

2 ESCOLA DEMOCRÁTICA E COTIDIANO ESCOLAR

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre gestão escolar a fim de compreender como as situações escolares do seu cotidiano refletem, ou não, uma vivência escolar democrática.

O conceito de Gestão Escolar mudou com o passar dos anos. Da perspectiva conceitual de administração, do sentido econômico da capacidade administrativa de produzir o máximo de resultados com o mínimo de recursos, e depois, da capacidade administrativa escolar de organizar e coordenar com racionalidade as atividades subalternas (GANZELI, 2005, p. 13).

Para Ganzeli, é preciso descentralizar as atividades administrativas do gestor. Devem-se viabilizar os atendimentos aos participantes, atender as necessidades da comunidade em prol do desenvolvimento humano, com vistas ao diálogo e respeitando a realidade local.

Visto por esse prisma, um trabalho de obtenção de conhecimentos sobre a gestão, para as trocas de experiências, as relações pessoais e o fortalecimento de um trabalho de equipe, pode proporcionar subsídios para o trabalho de gestão escolar democrática. A gestão democrática, baseada nos estudos, na realidade da escola, em diálogos constantes, pode ultrapassar os conteúdos e técnicas e exercer influência sobre pessoas como cidadãos de direito.

Contemplamos com a visão de Ganzeli (2005): em plena fase da Revolução Industrial, a administração escolar, competência dos diretores escolares, não podia deixar de carregar as características relevantes de sua profissão, ligadas ao processo de produção. "Não seria a escola uma instituição com características específicas por ser comparada ao trabalho da indústria ou aproximar-se de seu processo administrativo, orientada pelo processo da administração industrial?" É a partir do taylorismo que a administração escolar ganhou proporções mais significativas na escola e direciona os diretores a uma ação educativa.

A teoria de Taylor partiu da base dos movimentos do trabalhador, da força produtiva em si, intensificando a divisão do trabalhador, a especialização e o controle do processo produtivo. Empregou, em seus estudos e metodologias: o planejamento, a preparação do trabalhador e o controle e a execução do trabalho, utilizando de mecanismos que vão desde o estudo de tempo para produção e da padronização de material até o sistema de rotina e cálculo de custos dessa produção. (PEREIRA, 2010, p. 27)

Paro (1990, p. 48) afirma que as organizações, públicas ou privadas, devem ser analisadas sob a perspectiva de que, "[...] na sociedade dominada pelo capital as regras capitalistas vigentes na estrutura econômica tendem a se propagar por toda a sociedade, perpassando as diversas instâncias do campo social". Dessa maneira, deve-se enxergar o diretor escolar como o gestor escolar.

Com base nessas discussões, devem ser articulados os conhecimentos que sustentam a dinâmica da gestão democrática. Nessa diretriz, se a escola pretende obter resultados mais dialógicos, é aconselhável um trabalho de parceria, envolvendo todos os membros da instituição, além da escuta dos seguimentos envolvidos na gestão.

Tudo isso pode levar o gestor ao gerenciamento das ações, das decisões coletivas para que todo trabalho seja transformado em realidade, num prisma alicerçado pelo novo saber, onde todos possam agir e interagir, junto com o gestor democrático.

Segundo Minto,

Gestão democrática do ensino foi conquista importante da Constituição de 1988, ainda que fosse difícil avaliar na prática a gestão democrática. No processo constituinte, esse tema dividiu opiniões: O Fórum Nacional de Defesa Pública afirmava o princípio de gestão com participação de toda comunidade escolar (pais, alunos, docentes, funcionários), o grupo encabeçado pelos privatistas, tentou limitar essa participação, tanto de forma de composição dos colegiados, quanto na qualidade das intervenções efetivas de cada segmento (MINTO, 2010, p, 182).

O autor prossegue confirmando que o termo gestão sugere uma separação entre concepção e execução das atividades relativas à administração escolar, de modo que o gestor passa a ser encarregado apenas da execução de determinações hierarquicamente superiores, advindas dos responsáveis pela tomada de decisões, transformando-se numa espécie de trabalho alienado, que apenas segue decisões prontas, não podendo participar de sua concepção/elaboração (MINTO, 2010, p. 182). Com as reflexões acerca da gestão democrática, é claro que uma nova visão sobre o gestor é colocada e pode levar a outras práticas e outros entendimentos.

Como ponto de partida, os conhecimentos sistematizados em função da gestão podem propiciar ambiente de investigação e ação científicas numa gestão democrática em consonância com a sociedade local. Um processo de gestão dialógica e de revelação intelectual, marcado por um emaranhado de atividades cotidianas, possibilita fazerem-se ajustes, exigir que se realizem com exatidão as

funções para as quais os indivíduos são formados, nas ações pedagógicas/educativas.

Como qualquer outra instituição, a escola precisa ser administrada, e essa atividade cabe ao pedagogo com formação em administração escolar. Segundo Paro (1996, p. 18), administrar "[...] é a utilização racional de recursos para a realização de fins determinados". Esses recursos de que o homem faz uso podem ser de natureza material ou conceitual, sendo que os últimos consistem nos conhecimentos e técnicas que ele acumula historicamente (p. 20).

Para a área de educação escolar, podem significar a possibilidade de que uma equipe voltada à construção de um projeto possa promover momentos para a socialização de saberes com o objetivo de aprimorar a prática pedagógica em sala de aula, além de envolver toda comunidade educativa (alunos, professores, pais, coordenador, diretor) em suas ações. Estas podem estar implicadas em uma administração escolar comprometida com a transformação social que, como explica Paro (1996, p. 81), deve ser determinada pelas condições que a educação traz como elemento de transformação social para o interior da instituição. "A escola estará contribuindo para a transformação social não apenas quando promove a transmissão do saber, mas, também quando consegue concorrer para o desenvolvimento da consciência crítica de sua clientela." (p.118-119). O diretor escolar, ao assumir a função de gestor, assume o compromisso de lidar com as contradições que possam surgir no contexto das funções de educador, quais sejam, trabalhar os objetivos institucionais da escola e gerenciar com responsabilidade, conhecimento, determinação, as diversas deliberações advindas dos órgãos superiores do sistema de ensino que, muitas vezes, coíbem suas decisões de educador democrático, representando muitos desafios à gestão.

Como coordenador dos recursos diversos, e como pessoa que gere os bens financeiros e reivindica benfeitoria para a gestão de pessoas, o gestor, enquanto mobilizador do saber, enfrenta desafios enormes no cumprimento das medidas em prol da educação e da coordenação.

O que se pode observar nas instâncias emaranhadas da atuação do diretor escolar é que a sua função de gerente educacional lhe dá poder para gerir os recursos que são recebidos para a educação escolar, entretanto são poderes restritos. O cargo de diretor exige que quem o possua tome decisões e represente os interesses políticos e sociais de todas as instâncias administrativas, seja estadual,

municipal ou privada. E ainda mais delicados e detalhados são esses interesses quando a instituição mantenedora pertence a um Estado ou Município.

Entretanto, o diretor precisa ser mediador em todas as ações que possam surgir durante sua gestão escolar. Tudo deve tratado com sabedoria e conhecimento. Certamente na diretriz de gestor a escola fluirá melhor e de forma dialógica. Assim, Paro afirma sobre a coordenação administrativa profissional:

Os professores e o pessoal técnico-pedagógico: orientadores educacionais, coordenadores pedagógicos, etc. também são trabalhadores e como tais, possuem interesses ligados a essa condição. Mas eles são, acima de tudo, os educadores, por excelência, da escola, ou seja, as pessoas encarregadas, em última instância, das atividades-fim da instituição escolar. Como tais, sua presença numa administração democrática da escola deve ser preponderante, já que eles são os autênticos „produtores diretos“ da educação escolar (PARO, 1996, p. 163).

Nesse sentido, a administração escolar democrática e cooperativa com os desejos dos profissionais da escola, nos dias atuais, deve ser feita de forma dialógica, discutida com a equipe pedagógica, e deve buscar o apoio e participação constante da comunidade.

As reflexões levam a considerar análises feitas por autores que sustentam as fundamentações teóricas apresentadas nesta pesquisa, o significado da gestão democrática não é apenas pedagógico e administrativo, mas também filosófico, sociológico, com significado para a autonomia dirigida de forma dialógica, num contexto interativo e coletivo.

Relativamente às práticas administrativas, afirma Paulo Freire (2010, p.25), uma das significativas vantagens dos seres é a de se terem tornado capazes de ir mais além de suas condicionantes. Nesse sentido, os docentes são desafiados, constantemente, pelos fatos que circundam a sala de aula. Lidar com as questões pedagógicas convoca a aprender que exercer uma função numa instância democrática significa educar para a cidadania, pela autonomia do sujeito e para o despertar da consciência crítica dos envolvidos no contexto educacional.

Quanto ao aprendizado, num olhar coletivo, segundo Soares (2001, p. 65), "[...] é importante edificar singularidades desejantes, não revolucionárias, mas libertárias". A autora nos conscientiza de que é preciso flexibilidade, aproximação entre os sujeitos envolvidos, respeito entre todos, incentivos à autonomia para que cada membro inserido no contexto possa agir em prol do desenvolvimento humano, numa perspectiva dialógica.

2.1 Gestão e prática escolar

Em reunião com a comunidade escolar da Cidade Alegria (Resende-RJ), o diretor, no ano de 1983, o assumiu juntamente com os professores a posição de trabalhar para decisões a respeito da melhoria da escola e dos recursos para que a escola prosseguisse no modelo de Gestão democrática.

Em termos práticos, isso implica que a forma de administrar deverá abandonar seu tradicional modelo de concentração de autoridade nas mãos de uma só pessoa, o diretor – que se constitui assim no responsável último, por tudo o que acontece na unidade escolar, evoluindo nas formas coletivas que propiciem a distribuição da autoridade de maneira adequada a atingir os objetivos identificados com a transformação social (PARO, 1993, p. 160).

Nesse sentido, percebe-se que a realidade da escola deve ser vista com a finalidade de inserir, unir todos os sujeitos do processo de educação de práxis educativas. Todos inseridos no contexto, a fim de se criar na escola um processo de ação, no qual os envolvidos possam agir e interagir contribuindo para que os trabalhos administrativos e pedagógicos da instituição escolar sejam realizados de acordo com os propósitos de ensino e de investigação científica.

Nessa perspectiva, a escola passa a ser um espaço de relações sociais inserido em uma comunidade, um espaço educativo onde todos os que dele fazem parte interajam com as relações internas, cujos resultados, conseqüentemente, repercutem nos trabalhos docentes e discentes.

Assim, a escola sob a responsabilidade do administrador escolar deve ser espaço de reflexão, caracterizando o lugar para ação refletida, dinâmica, concebida num processo dialógico com vistas à coletividade, num caráter transformador. É função do administrador, permitir a realização do trabalho coletivo, promovendo ajustes em torno dos problemas que possam surgir.

Investigando os conceitos de gestão, Paro (1990, p.48) acrescenta:

[...] as organizações, sejam elas públicas ou privadas, devem ser analisadas numa perspectiva de que na sociedade dominada pelo capital, as regras capitalistas vigentes na estrutura econômica tendem a se propagar por toda a sociedade, perpassando as diversas instâncias do campo social.

Deve-se, portanto, considerar o diretor escolar um gestor escolar. Na ação e concepção subsidiadas pelos conhecimentos adquiridos, cabe ao diretor e aos demais membros da instituição de ensino fazer da escola um ambiente de construção e reconstrução do saber. É nosso desafio construir laços, relações pedagógicas.

Se se admite que a preocupação básica da escola pública deva ser a universalização do saber, então a principal prova de relevância de qualquer inovação que se promova no sistema educacional deve passar pela verificação de sua capacidade de contribuir para tornar realidade esse objetivo, [...] no que concerne à quantidade, a questão está relacionada à expansão da oferta de vagas e de escolas com condições satisfatórias de funcionamento (PARO,1996, p.121).

O autor ainda considera que é necessário articular os sujeitos que estão inseridos na escola, os segmentos que articulam a instituição. Devem-se fomentar discussões sobre a formação de licenciados. A criação de espaços e mecanismos de participação e exercício democrático das relações; devem ser colocados como prerrogativas fundamentais para a problematização da escola que queremos.

A proposta de gestão democrática passa, assim, a ser um trabalho inacabado, de efetivo acesso livre para a participação democrática. Nessa direção, recorre-se às contribuições de Bobbio (2000, p. 21) que considera a democracia, como algo instrumental que estabelece “[...] um conjunto de regras de procedimento para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada à participação mais ampla possível dos interessados”. Ou ainda, “[...] a democracia [...] é caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos” (p.30).

Isso significa pensar a democracia concretamente como dada no mundo ocidental contemporâneo, ou seja, como a democracia representativa, na qual a regra da maioria é pressuposta. Essa regra é um dos aspectos que o autor apresenta como condições para a democracia. As outras são as exigências da participação de um número elevado de sujeitos nos processos de tomada de decisões e a garantia de que os sujeitos que são chamados a participar dos processos de tomada de decisões tenham as condições mais próximas possíveis do ideal para tais procedimentos (p. 31-2).

Percebe-se, assim, que a legitimidade advém da discussão do direito de gerir a administração democrática. Isso nos mostra que a democracia é uma forma de administrar e de promover a participação dos sujeitos que urgem participação e respeito à inserção no contexto social e político para a transformação social.

A democracia se faz presente nas relações de poder na sociedade, não em condições ideais, mas pautada em princípios que envolvem considerar o coletivo. Pensar e agir democraticamente promove a construção de outros conhecimentos, viabilizando um olhar atento dos indivíduos envolvidos, diálogo constante entre os

atores que compõem o cenário, a fim de promover a construção contínua e as discussões a respeito da gestão democrática.

De acordo com Paro (1996), falar sobre gestão escolar, desde o contexto de redemocratização do país aos dias atuais, sob o respaldo da especificidade do processo pedagógico, requer que se compartilhe da ideia da impossibilidade de generalização, no âmbito escolar, do modo de produção capitalista.

A especificidade do processo pedagógico, segundo Paro, constitui-se a partir de três elementos fundamentais que o distinguem de outros processos de produção: o papel do educando no processo de produção pedagógica; a natureza do saber envolvido no processo e, finalmente, o conceito de “produto” da educação escolar. No processo pedagógico o aluno é sujeito, objeto e coprodutor, ou seja, sem sua participação efetiva, o processo não se consubstancia, o que difere sobremaneira da matéria-prima da empresa.

O saber envolvido no processo pedagógico, o conhecimento historicamente acumulado são inerentes ao processo, portanto não podem ser desvinculados dos trabalhadores, alunos e professores. Já na empresa, eles se restringem às poucas pessoas que, hierarquicamente, os detém para benefícios da classe dominante.

O último elemento, o produto da educação escolar, ou seja, o educando, não pode ser mensurado como na empresa, que contabiliza o lucro das vendas. "O que o aluno leva para a sua vida e como esses conhecimentos incidem sobre sua realidade não se pode mensurar" (ABDIAN; HERNANDES, 2012, p.144).

Para atentar às discussões, a ação democrática requer que os sujeitos envolvidos tenham pensamentos e perspectivas democráticas, isso fortalece a confirmação de que democratizar a gestão escolar envolve estudos e trocas de saberes para a abertura de espaços democráticos nas instâncias sociais. Compreender melhor a gestão proporciona outro conceito de gestão.

Gestão escolar, no sentido clássico, apresenta-se como mediação necessária. Por essa razão, só faz sentido complementar a atividade administrativa (ou de gestão) se os fins a que ela servir for conhecidos e apropriados pela comunidade educativa, porque administração é “[...] a utilização racional de recursos para a realização de fins determinados” (PARO, 1996, p. 18). Para Vitor Paro, as atividades dos gestores escolares são chamadas de 'atividades – meio'. Essas seriam

[...] aquelas que, embora se referindo ao processo de ensino e aprendizagem, não o fazem de maneira imediata, colocando-se, antes,

como viabilizadoras ou precondições para a realização direta do processo pedagógico escolar que se dá predominantemente em sala de aula (PARO, 2003, p. 72).

Compartilhar com essa concepção de gestão escolar, numa perspectiva democrática, cabe a todos os educadores e membros da sociedade que desejam buscar caminhos e incentivar os sujeitos a prosseguir com visão crítica, atentos para participar de uma nova gestão em prol da ação educativa.

[...] a escola pública de ontem (assim como as chamadas “boas” escolas particulares atuais) podia dar-se ao luxo de ser incompetente, ao passo que a de hoje não. Isso porque a 'boa' escola tradicional de até três ou quatro décadas atrás, por ser elitista, recebia predominantemente alunos de camadas mais ricas, que tinham, fora da escola, condições de aprender, apesar do ensino tradicional a que se submetiam nos bancos escolares. (PARO, 2007, p.45).

As novas funções da escola são necessárias e importantes não apenas porque os tempos mudaram, mas porque se supõe que a educação é formação do cidadão, em sua integralidade. É necessário entendê-lo como sujeito do processo, como autor, portador autônomo de vontade. (p.34). Assim, é preciso ter a convicção de que cada sujeito é autônomo, que pode interagir e agir, compartilhar com os demais envolvidos no processo de gestar sua formação e contribuir para o trabalho de gestão.

Para a ação, é aconselhável a apropriação de alguns conhecimentos democráticos sinalizados por autores que discutem as ações democráticas. No âmbito dos subsídios teóricos, o educador Paulo Freire (2010, p.72) diz: “Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança”.

A gestão democrática se coloca como lei - Lei de Diretrizes e Bases 9394/96(LDB nº 9394/96), em seus artigos 14 e 15, com apoio da Constituição Federal de 1988, em seu artigo 206, e outros, como segue:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democráticas do ensino público na educação básica, de acordo com suas peculiaridades, conforme os princípios:

- I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes [...]

Art. 15- Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeiro público. (BRASIL, 1996)

Serão priorizados os incisos II, III e IV com os princípios, destacando a Constituição Federal de 1968, art. 206, como seguem:

- II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar pensamento, a arte e o saber;
- III- pluralismo de ideias e de concepção pedagógica e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV- gestão democrática do ensino público, na forma da lei.
- IV- gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V- valorização dos profissionais do ensino, garantidos, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso de provas e títulos;
- VI- garantia de padrão de qualidade (BRASIL, 1996).

A Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases, 9394/96(LDB) e o Plano Nacional de Educação (PNE) estabelecem fundamentos, estratégias para a organização e gestão do ensino, como as práticas do cotidiano escolar. As Condições de Trabalho na Escola são representadas pelo:

Art. 4º - O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

IX – Padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínima, por aluno, de insumos, indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Art. 25 – Será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançarem relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais do estabelecimento.

Parágrafo único – Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo (BRASIL, 1996).

Nesse ponto, a participação da comunidade está representada na Lei de Diretrizes, como se vê a seguir:

Art. 12 – Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II – administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III – assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;

IV – velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

V – prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;

VI - articula-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

Art. 13 – Os docentes incumbir-se-ão de:

[...]

VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

A Formação Profissional dos Dirigentes é representada pelo artigo 64, que segue:

Art. 64 – A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. Essa formação pode ocorrer respeitando-se a autonomia de cada sujeito em sua especialidade, considerando o desenvolvimento de diferentes capacidades dos sujeitos envolvidos.

A escolha de dirigentes escolares está representada no artigo 67:

Art. 67 – Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I – ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

[...]

Parágrafo único.

A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino.

Altamente positivo o conteúdo do parágrafo único desse Artigo 67, ao colocar a experiência docente como pré-requisito para o exercício das funções do magistério. Igualmente benéfica a determinação do inciso I, ao estabelecer o concurso público como norma para o ingresso na carreira do magistério.

Para encerrar as discussões sobre gestão democrática, sintetizamos uma agenda básica por compromissos entre os autores que sustentaram a discussão e os que subsidiaram a construção da temática gestão. Seguem as sugestões de

agenda básica abaixo para que a escola possa contemplar melhor os trabalhos democráticos.

1. Relativizar o papel da escola, por meio da problematização da relação entre sociedade e escola, situando como agência contraditória e, portanto, como espaço de reprodução e resistência às relações sociais. Tal construção nos coloca diante do desafio de compreender as práticas educativas como práticas sociais que se efetivam enquanto campo social de disputa hegemônica.
2. Recuperar na escola, enquanto local de trabalho, o trabalho docente, por meio da distinção entre este e o “regente”.
3. Problematizar as formas de provimento ao cargo de dirigente e a função de diretor na escola. [...] Que a forma de provimento ao cargo de diretor não define o exercício, mas interfere no curso da gestão.
4. Criar e consolidar novos mecanismos de democratização:
 - a) importância política e limitações do conselho escola/comunidade: do executivo e muito menos o conselho não deve ser visto como um apêndice do executivo e muito menos a sua constituição deve ser entendido, como, mecanismo, de obrigação, público.
 - b) a construção de um projeto pedagógico da escola é imprescindível para o estabelecimento de suas premissas ([...]entre os vários interlocutores da escola (professores, grêmio, conselho, funcionários etc.[...]). Deve desenvolver todos os seguimentos na busca da ruptura autoritária da escola.
5. Rediscutir a organização do trabalho no interior da escola para além das bandeiras cooperativas e funcionais: mecanismos de construção coletiva, hora-atividade, pesquisa, identidade profissional etc.
6. Rediscutir a autonomia e o papel dos movimentos no interior da escola:
 - a) sindical; b) estudantis-grêmio livre; c) funcionários; d) pais na medida em que entendemos que efetiva participação não se decreta.
7. Criar mecanismos de avaliação do projeto político-pedagógico, envolvendo avaliação docente, discente institucional por meio da definição do parâmetro de qualidade (para quem e para que) da escola cidadã;
8. Criar e garantir canais de democratização das informações entre todos os segmentos envolvidos;
9. Lutar pela autonomia financeira da escola;
10. Estabelecer canais de articulação com outras esferas (poder público, ONGs, empresas, igrejas...) (FRIGOTTO, 1995, p. 25-58).

As condições do trabalho na escola devem estar sempre voltadas para uma concepção e visão críticas. Assim, o diálogo entre os sujeitos envolvidos e a comunidade educacional pode permitir aos trabalhos as orientações pedagógicas e

os projetos que podem fornecer os subsídios para a autonomia e para a infraestrutura da instituição em foco.

O conhecimento sobre a autonomia da escola permite aos autores que trabalham na instituição um processo inovador, que permeia o trabalho com gestor e a comunidade educativa. No entanto, é preciso que o trabalho que está sendo desenvolvido permeie a construção de conhecimentos que exigem flexibilidade. Hora (1994) ressalta que, para transformar as ações no cotidiano da escola numa gestão democrática, há de se considerar os determinantes sociais, políticos, econômicos e ideológicos, entre outros, que estão na realidade escolar, ou seja, são muitas as variáveis que dificultam ou impedem o processo democrático de participação efetiva da comunidade.

O gestor da escola deve desenvolver o trabalho educativo coletivamente, estimulando a organização, os estudos e as ações que, geralmente, são de cunho social, coletivo e dialógico, a fim de compreender o contexto escolar, os alunos, a comunidade inserida e os envolvidos no processo de gestão. Essa formação pode se dar respeitando-se a autonomia de cada um em sua especialidade, considerando o desenvolvimento de diferentes capacidades dos sujeitos envolvidos (CHIAVENATO, 2011).

Nesse sentido, precisa-se atentar aos pontos estratégicos que consolidaram e fortaleceram as discussões e as reflexões provocadas em torno da temática sobre a gestão escolar democrática, que é o foco central para o entendimento do cotidiano escolar da escola pública municipal de Resende, Colégio Getúlio Vargas.

Sobre o contexto do cotidiano escolar desse colégio, a comunidade comungava com a sua participação e ação no cotidiano, diariamente, em torno das construções edificadas em concordância com o diretor da Instituição, numa perspectiva interdisciplinar.

Diretrizes pedagógicas, segundo Hora (1994), podem se relacionar à gestão democrática, e o trabalho do gestor terá maior envolvimento e interação com a comunidade, numa perspectiva realmente democrática. Seguem as diretrizes:

1. O diretor é aquele que está na liderança, a serviço da comunidade escolar para o alcance de suas finalidades.
2. Os especialistas (supervisor, orientador, diretor) são possuidores de um conhecimento específico em uma área, assim como cada professor o é; o trabalho coletivo dessas diferentes especialidades na escola é que provocará mudanças.

3. A expectativa que alunos, pais, comunidade têm em relação à escola é uma dimensão que não pode ser ignorada e sim conhecida para ser atendida.
4. Os indivíduos precisam assumir as responsabilidades de suas atividades, sem que alguém lhes diga sempre o que e como fazer. Não pode, pois, existir a dicotomia-uns pensam, outros executam-, mas todos precisam ter e desenvolver o compromisso político próprio do ato educativo.
5. O individualismo, a desconfiança, a acomodação e o egoísmo devem ceder lugar no sentido coletivo da autocrítica, do direito e do dever, da responsabilidade social frente ao ato educativo.
6. O comando, por ser sensível às necessidades e aos interesses dos diversos grupos, agiliza o confronto dos mesmos, resultando em ações criadoras.
7. A gestão da escola passa a ser, então, o resultado do exercício de todos os componentes da comunidade escolar, sempre na busca do alcance das metas estabelecidas pelo projeto político-pedagógico (PPP), construído coletivamente” gestão escolar seguem as discussões a respeito do cotidiano escolar para entender melhor o contexto cotidiano. (HORA, 1994, p.52).

Atentos a essas sugestões, considera-se essencial o trabalho do gestor junto a todos os sujeitos que compõem o cenário acadêmico. O gestor, nesse prisma democrático, passa a ser o porta-voz da comunidade em todas as instâncias do saber científico administrativo. Afirma, ainda, a autora:

A escola como instituição social tem possibilidade de construir a democracia como forma política de convivência humana. Entretanto, o diretor de escola tem como funções básicas as ações de organizar e administrar, tendo em vista as orientações superiores, atribuindo a todo e qualquer problema uma dimensão puramente administrativa isolando-o do todo social que é de onde provêm suas causas, ignorando suas implicações pedagógicas (HORA, 1994, p. 53).

Diante dessa colocação da autora, cabe refletir sobre a função social da escola e sobre a convivência humana que tanto fortalece para a tomada de decisões no cotidiano da instituição educativa ou nas instâncias da sociedade.

No entanto, participar do contexto educacional na gestão democrática faz com que o educador tenha o sentimento de pertencimento em relação ao grupo, o que se considera um ingrediente essencial do prazer de ensinar com um caráter informal e, ao mesmo tempo, afetivo nas relações humanas.

Muitas vezes, a vida cotidiana na escola passou a ser tratada apenas nos aspectos burocráticos, quantitativos, dados relevantes são aqueles que demonstram a regularidade e se podem objetivar; por outro lado, perde-se a riqueza das experiências singulares, o compreender do cotidiano da escola, o que também significa compartilhar experiências.

Se pensar é a potência da alma [...] não pensar é estar despojado da força própria, enfraquecido pela carência de pensamento. Porém, é exatamente essa carência que dá início ao trabalho do pensamento. Uma paixão [...] nunca é vencida por uma razão forte só é vencida por uma razão, mas apenas por outra mais forte e contrária. Uma paixão forte só é vencida por uma ação mais forte e contrária, e o afeto, nascido de uma ação, é mais forte de que aquele nascido por uma paixão. Se o trabalho do pensamento for experimentado por nós como ação e como afeto, será mais forte do que o afeto de uma forte paixão carente de pensamento (CHAUÍ, 2002, p. 62).

2.1.1 Cotidiano da escola

De acordo com Oliveira (2002), a vida cotidiana não pode ser reduzida por explicações gerais, percebe-se que para se discutir sobre o cotidiano escolar, é sinérgico o contato com as atividades desenvolvidas. Dessa forma, um docente inserido nas questões subjetivas, presentes na escola, precisa apoderar-se da realidade, dos fatos oriundos das relações na instituição escolar, da participação dos diferentes “atores” dentro da escola.

Linhares ressalta que o cotidiano escolar compõe-se de uma complexidade de experiências e escolhas, envoltos por uma ética e estética.

Para uma dupla ruptura: a da crença da impotência e inoperância das práticas pedagógicas, baseada em análises que magnificam as ameaças à educação e à vida e que negam reconhecimento aos movimentos de recusa ao que está instituído e à invenção de mundos- e de todo tipo de otimismo fácil, que foge à complexidade das relações sociais, impõe-se à escola a apropriação/criação de uma multiplicidade de linguagens, para que se possa 'desenvolver distinções, experiências e escolhas, sustentadas por um horizonte de expansão de uma ética coletiva conciliada com estética' (LINHARES, 2001, p. 10).

A autora nos convida a entender o cotidiano escolar e a construir atividades por meio de trocas e de sustentações que circulam entre sujeitos, pesquisas fundamentadas por filosofia que possa viabilizar argumentações, formação de hipóteses, em um posicionamento ético, político, educativo, voltado para a constituição do sujeito crítico e pensante. Esse destaque é feito pela autora quando afirma que: “[...] o final do século XX esteve marcado pela ampliação de debates no campo da educação, tendo como aspecto principal as reformas que foram (e estão sendo) implementadas no Brasil” (LINHARES, 2001, p.10). Dessa forma, a autora define: “O cotidiano é o contexto de nossas invenções, contradições e superações”. É o espaço e tempo de interrogações sobre nossos fazeres e saberes.

Os entrelaçamentos de ideias e saberes são essenciais ao se trabalhar o cotidiano escolar e ao passar por experiências que percorrem o fazer pedagógico

educacional. Essas reflexões estabelecem embasamentos que dão sustentações pedagógicas que se consideram essenciais para a mudança e para a inovação da prática pedagógica mutável cotidianamente, num foco interdisciplinar. Pesquisar o cotidiano é buscar ler a experiência e assumir o lugar de protagonista da própria formação e profissão. Possibilita compreender melhor o que nem sempre está evidente, e se perder e reencontrar o caminho, aprendendo o ponto de partida (as necessidades, as dúvidas, as expectativas) e todo o contexto de produção do próprio trabalho.

Nesse sentido, considera-se fundamental trazer um simples destaque para a inserção do entendimento do Colégio Getúlio Vargas, que será o local objeto desta pesquisa, com o intuito de estabelecer e incorporar novos conhecimentos e facilitar o entendimento para as inquietações da pesquisa e das discussões.

A tarefa do pesquisador é juntar o fragmento, dar sentido ao residual e descobrir o que ele contém como possibilidade não realizada. Nos estudos sobre o cotidiano, a complexidade horizontal da vida social deve ser reconhecida, descrita na contextualização do vivido, que está intimamente implicada na complexidade vertical da vida social e na coexistência de relações sociais datadas em diferentes momentos históricos.

É na descoberta da gênese contraditória das relações e concepções que o pesquisador do cotidiano pode encontrar as alternativas não consumadas, as necessidades insuficientes atendidas, as virtualidades não realizadas. Na gênese das contradições, gestam-se virtualidades e possibilidades que ainda não se cumpriram ou o que, numa aproximação com Bakhtin (1999), podem-se chamar de memórias de futuro.

Nesse sentido, muitos compartilharam da ideia da urgência de se construírem alianças entre as diversas análises dessa realidade que desafia a todos, movidos pela crença de que a política e a racionalidade hegemônica no país se esgotaram.

Porém a superação dessa situação, a criação, ou recriação, de outras formas de política e a afirmação de outra forma de experiência que se possa ter em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo só se efetivará se houver capacidade de forjar conceitos e práticas que possam construir uma realidade mais múltipla e solidária.

Linhares (2001) alerta que esse espaço de circulação de pessoas é rico de experiência e pode contribuir para trocas de experiência e para mudanças de diversos princípios pedagógicos, educativos, sociais e até econômicos. Visto que o

sujeito que alcança novos conhecimentos, provavelmente, entende com maior profundidade os fatos do cotidiano e do social.

Mas, para que essas trocas de saberes e experiências sejam realizadas, é necessário que os atores da instituição educativa passem a vê-la como um modelo, valorizando as trocas de saberes, com profissionalismo, ética e entusiasmo que contagiam a todos, a fim de facilitar o contágio da inovação e da ação no cotidiano da escola e nas salas de aulas. O desafio é aguçar saberes por meio de práticas e de ações do cotidiano escolar com uma educação de qualidade e de cunho científico. Dessa forma, científica e pedagógica, agarrar a reflexão que deve fomentar a discussão cotidianamente, pois, “[...] nos seres-coisas processam-se significações. O acontecimento desdobra os seres-coisa, nos põem em movimento, num fluxo de fragmentação, sem uma rede de conexões que ligam a um todo, a uma totalidade. São suas dimensões em multiplicidades” (AMORIM, 2004, p. 40).

Numa palavra, assim como a vida social está fundada na participação que cada um tem do total e de todos, importa por em ação um pensamento que esteja em congruência com um conjunto mais vasto, participante desse conjunto mais vasto. Isso porque requer que a ordem de conhecimento não esteja mais obnubilada pelo conceito intangível em todo rigor, mas, pela alusão, pela noção, pela notação, em suma, pelo símbolo que ultrapassa o enclausuramento da palavra e faz entrar em relação ao que favorece a tomada de consciência do relacionamento. Trata-se de uma postura intelectual que ultrapassa a crença num verbo ativo que cria a própria coisa nomeada ou delimitada por ele com precisão [...] cuja importância cresce cada vez mais (MAFFESOLI, 2005, p. 77).

Sob o ponto de vista teórico, citado pelo autor, parecem muito nítidas a aprovação e a necessidade de se discutir o cotidiano escolar e as questões que fomentam o cenário em foco e os olhares em torno da temática. Olhando-se apenas o projeto, os autores sociais e as experiências vivenciadas, têm-se apenas repetições de ações. Entretanto, é visível a importância de se discutir teoricamente e de se subsidiar, organizar o cotidiano escolar, de se verem os significados das ações, e de se oportunizarem os sujeitos compositores a dialogar no cenário, bem como contribuir cientificamente, a fim de que se possa vivenciar atividades diversas e concretas.

Segundo Soares (2001, p.131), o cotidiano é o centro de atenção para produção de bens de consumo. Existe uma sedução que nos permite atuar no contexto educativo, interpretando as práticas pedagógicas diárias, as imagens dos atores que estão inseridos no contexto, as ações e as histórias, as dificuldades e os empecilhos que podem oferecer subsídios à produção do conhecimento.

[...] a vida cotidiana se revela local privilegiado de contradições em que se envolvem traços contra-heterogênicos que também constituem e (re) definem a realidade, possibilitando suas interpretações às alternativas para uma intervenção. [...] trazer a vida escolar para o cenário significa colocar o foco sobre os professores, professoras, alunos e alunas que dão visibilidade à sala de aula (VICTORIO FILHO; MONTEIRO, 2002, p. 23).

O cotidiano escolar também pode ser entendido como lugar de conflitos, de orientações pedagógicas, de ansiedade, quase sempre, compostos por transtornos, ideias e ações e, provavelmente, por entrelaçamentos acadêmicos, em sala de aula, possibilitando trocas de conhecimentos, estudos em prol dos fatos e pesquisas acadêmicas e científicas.

A compreensão dos pontos mencionados e a abertura às discussões futuras levam a compartilhar a pesquisa com os demais docentes e discentes para a dialogicidade e para o conhecimento da subjetividade que percorrem o trabalho e as questões visíveis e invisíveis da instituição escolar.

Visto por essa dimensão, o estudo do cotidiano escolar também nasce do entendimento de que a parceria de todos da instituição social e dos atores do local de pesquisa é essencial para um trabalho de fundamentação teórica, de embasamento científico com os inseridos no processo de acompanhamento pedagógico e de enfrentamento das diversas situações.

Nesse âmbito escolar, revela-se que ao se entender o cotidiano escolar, podem-se discutir as questões oriundas do saber. Para que se torne revelada de experiências, de trocas de certezas e de incertezas em prol da aprendizagem, a inovação do saber do sujeito então é revelada. Aprender a trabalhar nesse contexto supõe: A disponibilidade à revisão dos achados reconhece não apenas a disponibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo. Mas, como não há pensar certo à margem de princípios éticos, se mudarem, é uma possibilidade e um direito, cabe exigir de quem muda que assuma a mudança operada. [...] Do ponto de vista [...] do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente. [...] O velho que preserva sua validade ou encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo, continua novo (FREIRE, 2010, p. 34-5).

No entendimento que concerne à citação, todo aprendizado ocorre com a abertura do sujeito ao que nos é proporcionado nas trocas de conhecimentos, nas experiências cotidianas, nos confrontos com os fatos novos, nas incertezas diante

das ações oriundas do saber. Nesse prisma de diálogo, de pesquisa, de instigação, é que acontecem as tensões para as descobertas do novo aprendizado.

O cotidiano escolar é um espaço complexo que precisa de sujeitos que possam enxergar além dos fatos visíveis para o trabalho diário. Certamente, farão leitura de outros pontos que estão encobertos pelo silêncio das pessoas que compõem o cotidiano social e pedagógico da instituição de ensino.

Considera-se que todos são responsáveis para a concretização da pesquisa, respeitando a história de cada membro que está inserido no trabalho. Todos os que fazem história e interagem na escola tornam-se co-responsáveis no diálogo pedagógico.

Essa sedução, praticidade, mágica e ilusão chegam ao cotidiano escolar, colocando um véu nos olhos dos alunos e atores da educação e, muitas vezes, os aspectos complexos e necessários para uma educação de qualidade e de desafios ficam em segundo plano. A oferta de produtos é abundante e enchem os olhos dos consumidores gerando nas pessoas a necessidade da aquisição daqueles produtos, e acabam ficando em segundo plano as prioridades da educação (SOARES, 2001, p.132).

Há uma dialética inerente ao cotidiano, e essa cotidianidade é evidenciada, pois:

[...] se hoje existe um bem estar maior do que outrora, existe também um maior mal estar: mais ansiedade; há mais possibilidade de comunicação, mas também há mais solidão. Uma coisa não vai sem a outra; não basta ter a intenção de capturar o cotidiano; é preciso também, para conhecê-lo de verdade, querer transformá-lo (SOARES, 2001, p. 132).

Para a concepção de problema, é fundamental reconhecer-se o aluno como indagador que urge apoio pedagógico, diálogo e que galga um espaço para agir e trocar saberes. É fundamental abrir espaço para as discussões e debates, compartilhamento de saberes, numa proposta de levar o sujeito para as futuras revelações e ações que possam contribuir para o homem em sociedade.

Por considerar o cotidiano escolar como espaço de ação e contradição, precisa-se investir em práticas que entrelacem teorias e práticas nos trabalhos que sustentam o fazer da prática educacional e que sejam alinhadas ao longo do exercício, amparadas por atores que discutem a temática do cotidiano escolar. Esse assunto teve grande avanço nas discussões de formação de professores e também na ótica de ação e análise pedagógica, “[...] o ser humano encontra-se fragmentado na pós-modernidade [...] a vida cotidiana dá lugar aos sistemas abstratos,

acreditando-se que se aproxima o fim do indivíduo e da cultura” (PORTO, 2005, p. 104).

De acordo com esses posicionamentos, discutem o cotidiano educacional, não apenas como o que acontece diariamente, mas, como afirma Certeau (1996), como um cotidiano da vida em sociedade, a fim de se ver além do dia a dia.

Investigando sobre o cotidiano escolar, acredita-se ser possível revelar problemas, provocar, debater, aguçar olhares reveladores de fatos que podem contribuir para que os atores sociais da escola aprendam a lutar pelos seus direitos, seus deveres e tenham mais confiança em si mesmos, que ampliem seus sonhos, melhorando a formação profissional e, conseqüentemente, tenham um novo modo de viver, de pensar, de agir na sociedade consumista que exige atualização e ação constantes.

Nessa perspectiva, o cotidiano escolar pode ser visto como um lugar que visa o educar, melhorar o processo de ensino e aprendizagem, visa utilizar estratégias para orientar as atividades pedagógicas de forma a melhorar os participantes da instituição, intervindo e possibilitando um novo direcionamento para aprendizagens e novos posicionamentos que possam melhorar o fazer pedagógico. Por essa ótica, acreditamos ser mobilizador trazer a reflexão Maffezoli:

Talvez seja preciso deixar que o eu, e naturalmente, o eu crítico, se dissolva para melhor ouvir a sutil música nascente para melhor dar conta da profunda mudança que se opera sob nossos olhos. Em suma, pôr em ação um espírito contemplativo que saiba perceber a inegável exceção social que caracteriza esse fim de século. Isso, levando a sério um mundo imaginário do qual se está apenas começando a intervir os contornos (MAFFESOLI, 2005, p. 54).

Aos educadores que compõem o ambiente escolar, cabe a responsabilidade de buscar novas propostas de ensinar, de pesquisar outros recursos para outras atividades pedagógicas, e também para a criação de projetos interdisciplinares que possam trocar experiências, desvelar outros tipos de trabalhos que possam ser dialogados e trocados entre os professores e alunos, comunidades e os demais que circulam o cotidiano escolar.

A essa inquietação, é oportuno considerar que “[...] a vida cotidiana não é lugar apenas de repetição e de reprodução de uma estrutura social abstrata que, além de explicar toda a realidade, a determinaria” (OLIVEIRA, 2007, p.47).

Do ponto de vista teórico e interpretativo, há que se observar a necessidade de argumentar sobre o cotidiano escolar e sugerir ações, pesquisas,

acompanhamento e busca de experiências para a formação dos sujeitos, dos demais que compõem a sociedade atual.

Para que essas questões sejam viáveis, é preciso que todos do cenário permitam acompanhar a velocidade das informações, as novidades, que se preocupem com a formação contínua, e que cada elemento possa, por si, sentir-se comprometido com o espaço escolar, com o conhecimento e investimento intelectual.

O espaço da sala de aula pode ser ativador e gerador de ações pedagógicas e de inserção social da comunidade interna e externa à escola.

Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino, porque indaguei, porque indaguei me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2010, p. 29).

Na visão do autor, esses fazeres podem levar o docente a mudar o foco da repetição no cotidiano escolar e a buscar caminhos e ações coletivas para ensinar com criatividade, com a participação ativa do aluno, incentivando a pesquisa e as descobertas científicas para o educador e para o educando.

Quando isso ocorre, realmente, o ato de ensinar e de aprender faz diferença no cotidiano escolar, que é o lugar de caracterização da prática pedagógica dialógica. Considerando as discussões apoiadas nos teóricos que subsidiam no trabalho, esperamos maior participação individual e coletiva para a produção do conhecimento crítico e reflexivo. Para atender a essas diretrizes apontadas nas discussões, é permitido fazer a leitura e a releitura, partindo do fato de que:

[...] ao pesquisar, o professor se torna aprendiz, constrói o conhecimento, vive a alegria, o prazer deste processo. Também vive o rigor, esforços e disciplina, o treino de vontade; na vivência consciente desse processo, adquire novos hábitos de estudo, atenção, curiosidade, inventividade. E, assim, pode se aproximar (e muito) do que poderia vivenciar com seus alunos, transformando a tarefa docente (como é vista por muitos) na desafiante parceria de construção da sala de aula, ainda que os avanços, enquanto produtos, fossem muito diferenciados (ANASTASIOU, 1997, p. 112).

Argumenta-se assim que é preciso estar atrelado ao conhecimento, à pesquisa e aos ensinamentos das diversas áreas que compõem a educação em sala de aula. Diante dessa perspectiva, é oportuno que a educação revele que ser educado é agir e reagir diante das dificuldades e dos desafios do cotidiano escolar que é o lugar, o cerne de novo pensamento, de cooperação, de decisão para

avançar e garantir o conhecimento e as profundezas do diálogo com o conhecimento, e para fazer desvendar novos saberes.

No cotidiano só conhecemos nossas próprias criações, pois, em essência, é nosso objeto de estudo. Aprendemos do cotidiano o que nele introduzimos. Corremos permanentemente o risco de, sob o discurso e a intenção da complexidade e da configuração de processos emancipatórios, mantermos a metodologia do olhar (FERRAÇO, 2001, p.91).

A afirmação evidencia que a historicidade do cotidiano escolar implica a percepção também do olhar em relação aos acontecimentos e aos fatos que circulam o cotidiano escolar. Trata-se de uma postura ética e de sustentação teórica que pode favorecer o entendimento para as ações pedagógicas, possibilitando o entendimento, os limites para as organizações das pesquisas científicas ao processo histórico do sujeito.

Desse entendimento científico nascem novas práticas cotidianas e possibilidade de se estabelecerem vínculos e de se abrirem espaços para a evolução das experiências cotidianas, que são vitais à construção do conhecimento dialógico, pois, “[...] o que somos, ou melhor, ainda, o sentido de quem somos, depende de histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos” (LARROSA, 1999, p. 48).

É importante entender que, dependendo das histórias contadas e arquivadas, facilitam-se as trocas de saberes e, quando isso acontece, todos os que participam das discussões são beneficiados, sendo inseridos nos projetos que podem surgir dos estudos envolvendo docentes, discentes e comunidades educativas.

Experiência não é a informação que o sujeito do mundo moderno busca para somar aos conhecimentos, como se isso lhe desse mais poder, sem perceber que informação, por si só, não lhe diz nada, não se fixa; antes, perde-se em meio às outras (LARROSA, 2002, p.42).

A experiência não se confunde com manifestação de opinião frequente na era da informação que caracteriza a modernidade. Todos têm sempre de opinar sobre algo de que tomaram conhecimento e desejam relatar, como se fosse uma experiência vivida, mesmo que o alvo da opinião seja de tempo remoto

Nesse contexto, o sujeito produzido e manejado pelas redes de informação midiática e pela educação formal fica ocupado, bloqueado, impedido de responder aos estímulos que o instigam e o motivam mais a procurar o novo, o desconhecido. Inserida, nessa “[...] conjuntura, também, a escola contribui para a busca do pré-fabricado, ao estimular pesquisas - leia-se busca de informação na internet, na

qual a construção e a problematização não existe ou já foram feitas” (LARROSA, 2002, p.42).

Em suma, a existência de experiências do cotidiano escolar tem aumentado e gerado uma variedade de debates e sustentações sob a orientação pedagógica de cada instituição escolar. Considerar o lugar de buscas e de trocas de saberes reforça-nos a convicção de que todos devem interagir nesse lugar de certezas, de incertezas e de inundação do saber. Entretanto, para que isso aconteça, é preciso ousadia, ação e para que as propostas pedagógicas possam acontecer e os participantes possam consentir mudanças e conhecimento da realidade local, dos sujeitos que compõem o espaço investigativo,

“[...] tal sujeito é ponto de chegada, apto a receber outras informações e outros sujeitos num ambiente em que os fatos ocorrem e se modificam num espaço no qual os indivíduos se abrem, se expõem (ideias e pensamentos), se põem em risco e dúvida” (LARROSA, 2002, p.42).

Para Fazenda (1999, p, 79), “[...] o cotidiano escolar é tão amplo e complexo que nem sempre encontramos a melhor solução para estudo e enfrentamento de sua problemática nos padrões convencionais de análise comumente utilizados”. A vivência do cotidiano pelo docente com os discentes é permeada de desafios que, quase sempre, são trabalhosos, exigem esforços, motivação, buscas constantes, em parceria com os demais profissionais da instituição educativa. É preciso estar atento à organização, respeitar o desenvolvimento do aluno e sempre alertar para os registros das atividades pedagógicas, para as possíveis trocas entre os demais da educação.

A educação escolar só se desenvolve se acreditarmos na interação com os envolvidos no processo de ação-reação-convalidação de pesquisas que possam ser vistas por educadores e pela sociedade como um todo.

É inegável que o conhecimento põe certos problemas; todavia, o conhecimento em si mesmo não é um problema, mas um fato. Para que o conhecimento se torne um problema, é preciso que a análise separe e isole o que é dado efetivamente como indissolivelmente ligado aos elementos do conhecimento, o sujeito e o objeto. [...] O conhecimento é um fato: desde a vida mais imediata e mais simples, nós conhecemos objetos, seres vivos, seres humanos (LEFEBVRE, 1995, p. 49-50).

O autor ressalta a relação entre sujeito e objeto para aprendizagem nas instituições educativas e, de modo geral, nos contextos da vida necessários para a construção de conhecimentos e experiências que, certamente, circularam nas

práticas do cotidiano. Ao mesmo tempo, ressalta que essa é a função social da escola.

[...] a interatividade e dialogia entre professoras consolidam suas práticas saberes configurando os 'espaços tempos' de formação mútua e continuada. Pensar a formação continuada da professora nessas lógicas do cotidiano implica repensar a noção de espaço e de tempo dos saberes desses profissionais; assumir as multiplicidades de linguagens lógicas, enredadas nesse universo cotidiano; participar da complexidade dinâmica da realidade vivida nesses espaços-tempos dos professores, assumir as conexões estabelecidas por esses nós, produzidas nessa rede de significados; e; sobretudo, buscar novas formas de interação com esses sujeitos que produzem a sua própria pesquisa, às vezes solidariamente, às vezes de forma compartilhada, para, na inserção dessa realidade, valorizar os que inventam o cotidiano nosso de cada dia. (VICTORIO FILHO; MONTEIRO, 2002, p. 35).

A citação do teórico aponta que os espaços para as atividades do cotidiano podem sinalizar os sucessos e as práticas executadas no recinto em foco. Tudo deve ser verificado e preparado para a ampliação dos saberes e dos novos conhecimentos, entre as possíveis interações e ações para evitar os fragmentos que podem nos levar às repetições enraizadas nas práticas por meio da meditação.

Ao participarem da experiência curricular cotidiana, ainda supostamente seguindo materiais curriculares preestabelecidos, professores e alunos estão tecendo alternativas práticas, com os fios que as suas próprias atividades práticas, dentro e fora da escola, lhes fornecem. Sendo assim, pode-se dizer que existem muitos currículos em ação em nossas escolas, apesar dos diferentes mecanismos homogeneizadores:

Infelizmente, boa parte de nossas propostas curriculares tem sido incapaz de incorporar essas experiências, pretendendo pairar acima da atividade prática diária dos sujeitos que constituem a escola. Inverter o eixo desse processo significa entender a tessitura curricular como um processo de fazer aparecer às alternativas construídas cotidianamente e já em curso. Uma prática curricular consistente somente pode ser encontrada no saber dos sujeitos praticantes do currículo sendo, portanto, sempre tecida, em todos os momentos e escolas. Nessa perspectiva, emerge uma nova concepção de currículo. Não estamos falando de um "produto" que pode ser construído seguindo modelos preestabelecidos, mas de um processo através do qual os praticantes do currículo ressignificam suas experiências a partir das redes de poderes, saberes e fazeres das quais participam (ALVES et al., 2002, p. 40-41).

Por meio das trocas que cada um possa perceber, acredita-se, enfim, que o cotidiano escolar seja rico em experiências, que podem ser aprofundadas entre os demais educadores, e registradas, a fim de levarem a discussões que podem ser trabalhadas e comprovadas cientificamente, após serem subsidiadas por autores que discutem as questões cotidianas.

Em cada escola interagem diversos processos sociais: a reprodução das relações sociais, a criação e a transformação do conhecimento, a conservação ou destruição da memória cultural, controle e a apropriação da instituição, a resistência e a luta contra o poder estabelecido (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p.58).

Sendo a escola esse lugar sociocultural, precisa do diálogo da compreensão e das trocas de experiências. Num contexto em que os indivíduos passam maior parte do dia, as influências, a aprendizagem, as relações obtidas no espaço escolar vão construindo diversos saberes que, alicerçados socialmente, podem levar o sujeito a dialogar e interagir nas várias instâncias da sociedade com maior bagagem sociocultural e a evoluir pessoal e intelectualmente.

[...] no contexto educativo é vital, para a discussão, trazer a reflexão que no espaço escolar é entendido que há uma transformação, “num lugar” visto como: construção ao mesmo tempo concreta e simbólica do espaço, servindo de referência para todos aqueles a que tal lugar destina uma posição central, ou periférica, não importa o sistema de valores, de hierarquia, do poder. O lugar assim definido é uma base de sentido para os que nela vivem, tornando-se uma base de inteligibilidade para a pessoa de outra cultura que observa e tenta entender aquela comunidade na qual o lugar em questão se construiu (AUGÉ, 1997, p.36).

Diante desse sentido fornecido pelo autor, torna-se crucial que todos estejam atentos aos acontecimentos, aos entendimentos diversos; tudo implica um olhar diferenciado para as questões que inundam saberes. A vigilância sobre a formação de valores, a formação de atitudes, a interação e a ação constante com a comunidade acadêmica são fatores relevantes.

O conjunto de ações pode levar os participantes a terem atitudes e comportamentos diferentes do habitual, respeitando as subjetividades e essências de cada fato, conduzidas ao contexto social, num prisma ético, político e de relações humanas.

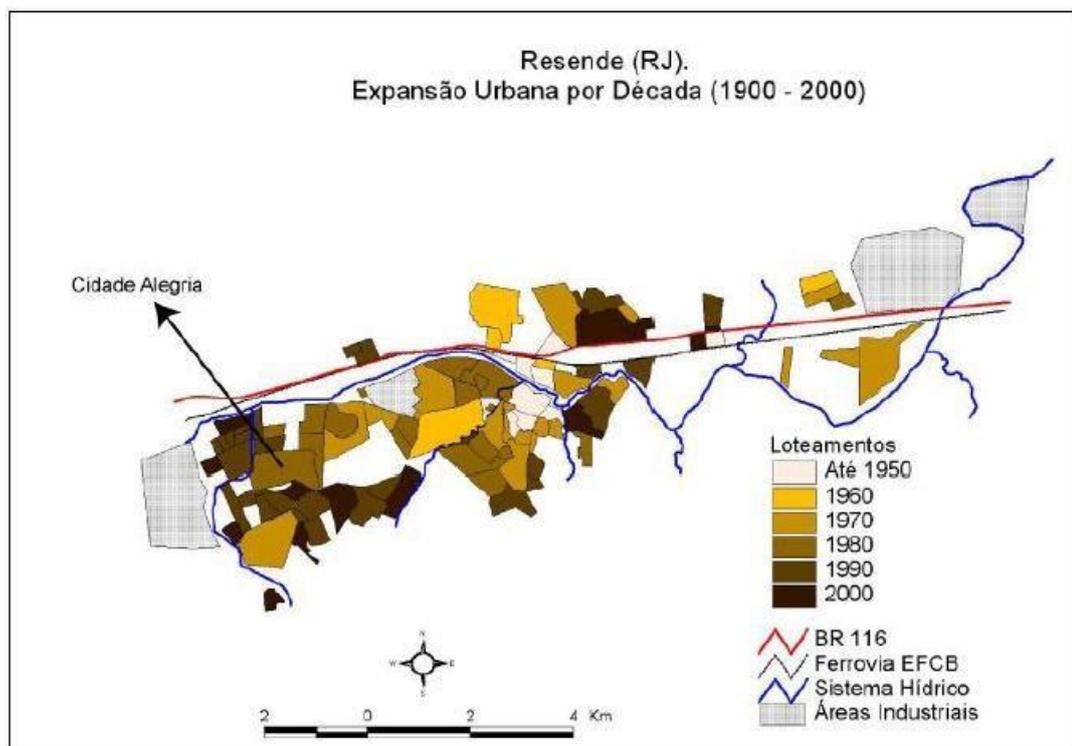
3 ESCOLA GETÚLIO VARGAS

Este capítulo apresenta a experiência da Escola Municipal Getúlio Vargas, entre 1983 e 1997, em Resende (RJ), por meio do relato de seu então diretor, assim como tenta mostrar características do bairro e sua localização.

3.1 O bairro Cidade Alegria

O Bairro denominado Cidade Alegria, fica em Resende, no Rio de Janeiro, e é o local onde a Escola Municipal Getúlio Vargas foi construída. Na figura 1, pode-se perceber em que épocas ocorreram os loteamentos dos bairros em Resende. Em específico, o Bairro Cidade Alegria foi loteado em 1980, pela Companhia de Habilitação Volta Redonda (COHAB-VR) e Cooperativa Habitacional do Sul Fluminense (COOPHASUL).

Figura 1 - Loteamento de bairros em Resende
Mapa I: Expansão urbana por décadas (1900-2000)



Fonte: SCALERCIO, V. S.; MAGALHAES, G. R. Novos espaços residenciais de Resende (RJ) após o processo de reestruturação da cidade a partir dos anos de 1990. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL DA UFRJ, 30, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

3.2 A escola Getúlio Vargas: sob o olhar do diretor

Para descrever a experiência da escola no período de 1983 a 1997, foi realizada uma entrevista com o então diretor da escola, o qual foi esclarecido sobre os objetivos da pesquisa e assinou o termo de consentimento livre, para a sua realização. Utilizou-se para a entrevista um roteiro de questões, mas, em grande parte, o diretor pode falar livremente sobre sua experiência, dessa forma pode-se compreender como a comunidade e a escola se relacionavam. O diretor, Mário José Dias, tem atualmente 53 anos, com a formação acadêmica em História, Pedagogia e Filosofia, também possui pós-doutorado em História Social. Abaixo um pouco de sua história:

Primeiramente, nos anos oitenta, eu fiz Filosofia e Pedagogia simultaneamente, depois eu fui fazer História, então na minha formação acadêmica de graduação eu tenho a graduação em Filosofia, História e Pedagogia. Depois eu fiz uma pós-graduação tanto na área da História quanto na gestão de ED, fiz mestrado na área de História Social e Doutorado em Memória Social. Atualmente estou entrando no curso pós-doutorado. Enquanto docente, eu comecei em 1982, peguei uma turma de ensino médio, uma experiência muito interessante, porque praticamente nós éramos da mesma idade, a diferença entre mim e os alunos não era uma diferença tão grande, então eu podia fazer, dessa experiência docente inicial com prazer com alegria, isso foi no Município de Lorena, depois eu fiz o concurso em Resende e continuei em Lorena.

Em Resende, eu assumi na escola Dona Mariúcha a função de professor de 5ª série, inicialmente porque estava começando naquela época, naquela escola, o ginásio, né? E paralelo a isso fui convidado para dar aula no Salesiano, escola particular aqui de Resende na turma de 6ª série e 8ª série e 1º ano do ensino médio, então eu pude fazer essa experiência, tanto na escola pública quanto na escola privada. Atualmente, eu trabalho aqui no arquivo histórico Municipal de Resende e também leciono, sou coordenador de um curso de Filosofia no Centro Nissan em Lorena, onde leciono tanto na pedagogia quanto na história e comecei aqui em Resende, como disse antes, na Escola Dona Mariúcha, em março de 1983, e em agosto desse mesmo ano, o então prefeito municipal de Resende, conhecendo um pouco o trabalho que eu desenvolvia na Mariúcha, sabendo que eu tinha pedagogia com a área de administração escolar, me convidou para o desafio, que eu acho que foi o maior desafio da minha vida e o mais prazeroso, que era começar um projeto na Escola Municipal Getúlio Vargas e oficialmente nós começamos em 05 de dezembro de 1983 (Diretor - informação verbal)³.

Quanto ao início da carreira do diretor Mario José Dias, na escola Getúlio Vargas, segue o relato abaixo sobre a equipe que montou para o trabalho:

Começamos com pouca gente, só a parte administrativa, e eu fiz questão de escolher uma pessoa que eu conhecia e que admiro, que é a Leda, que era secretária da escola Dona Mariúcha, então eu fiz questão de escolhê-la, foi a única pessoa que de fato eu escolhi para trabalhar comigo, porque eu sempre aprendi nos manuais de pedagogia que a secretaria é a alma da escola, então eu precisava de uma pessoa organizada, metódica e que fosse de confiança. Depois eu fiz convite para uma professora, a Magda, que era uma amiga de infância, para trabalhar na área de Coordenação, Coordenadora disciplinar dos alunos no período da tarde que era a criançada.

³ Relato do diretor: Toda a entrevista foi transcrita na íntegra e está no Apêndice I. Neste capítulo, apresentamos suas falas parciais de acordo com a análise.

Essas são as duas pessoas com quem eu pude contar no primeiro ano. E logo em seguida, em contato com a Secretária de Educação, me deram a relação dos professores que iam trabalhar comigo, nenhum deles eu conhecia, porque minha vida, embora eu seja resendense, os meus estudos todos não foram em Resende, então eu perdi contato, digamos assim, com a maioria das pessoas, e então nós fomos para a primeira reunião com esses professores e o que foi legal nessa experiência toda é que esses professores, tanto eles quanto eu, aceitamos o compromisso de iniciar uma escola (Diretor).

Ainda sobre a experiência do diretor e os trabalhos desenvolvidos, inclui-se a sua seguinte fala:

E eu me lembro de que na primeira reunião que aconteceu em fevereiro de 1984, eu disse para eles que eu estava fazendo uma experiência de direção, nunca tinha sido diretor de escola e também como eles nunca tinha trabalhado naquela escola (Diretor).

Quanto ao trabalho no cotidiano escolar e às questões de sucesso na gestão e na promoção de conhecimento aos alunos, o diretor Mário Dias argumentou que todos da equipe eram profissionais novos muitas vezes de primeira experiência com escolas:

Então todos nós éramos novos, então nós correríamos o sério risco de dar certo ou de dar errado, mas estaríamos todos juntos, e, portanto eles não poderiam comparar se tinha um diretor melhor do que ou pior do que eu, porque eu era o primeiro, não tinha gestão anterior. E essa época, 1980, era uma época política muito interessante no Brasil, porque a gente estava vivendo o contexto da redemocratização, né? E em 1983, estava também iniciando um projeto, nos anos 80, um projeto no Brasil de construção de escola, é de comunidades né? Como eu poderia dizer? Conjuntos Habitacionais, e esse é o cenário geográfico do Getúlio Vargas. O Getúlio Vargas estava no meio de duas grandes empreiteiras, né? O chamado COOPHASUL e a COHAB, e o Getúlio estava no meio, no lugar mais alto desse bairro. (Diretor).

A fala do professor entrevistado ensina-nos que a gestão democrática é possível desde que todos se sintam responsáveis, pelo fazer educacional de acordo com as suas especializações. Segundo o pensamento de (Freire, 2010, p.22), “assumindo-se como sujeito também de produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento”. O contexto social e político no qual a escola estava inserida também é muito relevante para que se entendam as escolhas da gestão. Quanto ao início dos trabalhos na escola e com a comunidade, o professor diretor, argumenta sobre a questão da infraestrutura da escola e do bairro, faz uma análise de como essas questões vão influenciar nas relações entre moradores, o que faz despertar uma consciência crítica para a comunidade, dizendo:

No início, o bairro não tinha muita infraestrutura porque a primeira leva de moradores, teoricamente invadiram o espaço, porque eles estavam demorando muito para poder entregar, então alguns ocuparam as suas casas de direito. E a Cooperativa Habitacional do Sul Fluminense (COOPHASUL) e a Companhia Habitação Voltam Redondas

(COHAB-VR) tinham muita diferença no padrão de qualidade dessas casas, de um lado, e esse conjunto habitacional era dividido ao meio por um canal, é dividido ao meio por um canal até hoje, né? E então, de um lado, as construções eram de telhas eternit, e, de outro lado, as construções eram de telhas francesas, muradas, inicialmente calçadas, algumas ruas do lado onde ficava o Getúlio, essas telhas eternit sem cercas, isso causa naturalmente um impacto muito grande, né? (Diretor)

Mesmo com os impactos, a gestão democrática “[...] pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo predado, mas um desafio, um problema” (FREIRE, 2010, p.75).

Na Figura 3, podemos observar alguns membros da comunidade em trânsito, e, ao fundo, a escola Getúlio Vargas. Quanto à arquitetura da escola, os pais e a comunidade escolar foram orientados para reivindicar melhores condições de estrutura física na escola, junto ao poder público, pois ela foi construída em forma de galpões. Quatro grandes blocos, cada bloco com 10 salas de aula, cobertas com telhas “eternit”, como continuam até hoje, como vemos nas Figuras 2 e 3. Ou seja, mesmo com as reivindicações da comunidade e do diretor, houve pinturas, colocação de cercas para dividir a escola do bairro em unidades, mas a construção inicial se mantém, com a mesma telha, e o calor do Rio de Janeiro permanece.

Figura 3 - Escola Municipal Getulio Vargas ao fundo



Fonte: Acervo da Escola Municipal Getúlio Vargas, Resende/RJ

Figura 4 - Uma tomada da lateral da E. M. Getúlio Vargas, no ano de 2013



Fonte: Acervo da Escola Municipal Getúlio Vargas, Resende/RJ

Figura 5 - Vista parcial da E. M. Getúlio Vargas, no ano de 2012



Fonte: Acervo da Escola Municipal Getúlio Vargas, Resende/RJ

A arquitetura do bairro, e de suas casas e da escola, não era funcional, e as pessoas faziam discriminações entre as construções que tinham telhas francesas e as que tinham telhas “eternit”, considerando aquelas melhores do que estas.

Porque as pessoas não se conhecem ou não se conheciam, então um vizinho era também uma coisa estranha pra mim, esse foi o primeiro grande desafio. E ao chegar à escola a gente notou que a arquitetura da escola não era funcional e porque ela era e continua sendo de telha eternit, o que dava um calor muito grande, o sol pegava o dia todo então tinha um momento em que o sol descia ou passava reto, né? E era em blocos separados, eram três blocos, cada bloco de dez salas, e a escola não tinha cerca, o que pra mim foi uma coisa muito legal, porque a escola cortava a cidade ao meio, então as pessoas passavam tranquilamente por dentro da escola com seu cachorro, com suas famílias, com criança, porque não tinha cerca. O que separava os alunos na escola era o bloco de aula nesse conjunto de dez salas e aí resolvi como era um pouco a minha praia, digamos assim, eu resolvi fazer levantamento em nível de Brasil, pra saber, ou pelo menos no nível regional pra saber se esse Conjunto Habitacional ele se replicava em alguns outros lugares, e aí eu fiquei surpreso com a constatação que de fato era um projeto político intencional, porque na região próxima também tinha um conjunto habitacional dividido ao meio e só não tinha escola, mas tinha as telhas francesas e a eternit, então era intencional (Diretor).

E com isso a gente enfrentou o primeiro desafio, fazer com que os pais acreditassem que a escola não era um divisor de águas, mas que na escola cabia todo mundo. Então nós tivemos no primeiro ano uma resistência maior do pessoal das telhas francesas, como eu costumo brincar, é porque muitos deles preferiam que seus filhos fossem estudar a 8 quilômetros de distância da escola, ao frequentar a escola, dificuldade de trabalho em grupo, mas tudo isso conseguimos superar, graças a um esforço muito grande de todos os professores ou de pelos menos da maioria dos professores, que de fato acreditou no projeto que a gente tinha, porque era um projeto pontilhado, a gente costumava fazer reuniões sistemáticas e daí veio a necessidade de pensar numa gestão que na época era diferente (Diretor).

Pela fala do diretor, percebe-se o cuidado na formação da equipe de profissionais, para que uma gestão democrática funcione, integrando comunidade interna e externa, era preciso que as pessoas envolvidas na equipe comungassem da mesma filosofia, e assim participassem ativamente, dando sugestões.

Uma gestão em que você tivesse o chamado Diretor Geral, que no caso seria eu, um diretor adjunto que se preocupasse mais com as questões administrativas, que não era muito, não é muito meu forte eu sou mais da área pedagógica, e o outro Diretor que fizesse a relação com a comunidade. Então nós tivemos uma equipe, nós montamos uma equipe, que eu acredito que tenha dado certo, que foi a presença da Maria da Glória, chamada de Gogoia, e a presença do Djalma, que ficava mais à noite. E em 1985, como o Brasil estava vivendo aquele momento da redemocratização, eu e minha geração nós fomos às ruas, eu me lembro de ter ido ao Rio de Janeiro e a São Paulo, para brigar por isso, e os alunos ficam sabendo, e começam também a se interessar um pouco por isso, e aí então nós apostamos nesse momento, em 85, de que de fato a escola tinha que ser um projeto diferente (Diretor).

No que se refere aos projetos para a participação da comunidade e para acolher melhor os participantes da escola, também visando melhorar a vida da comunidade por meio de elevação da cultura e da aprendizagem, o gestor apostou nas implementações de projetosecológicos, palestras com profissionais, para explicar a profissão, com pais que traziam relatos de experiências para compartilhar, entre outras atividades que envolveram as mães.

Listados alguns projetos: a) Projeto Plantar Árvores; b) Projeto Horta na escola; c) Projeto Clube das Mães; d) Projeto Corte e Costura; e) Projeto Criação da Fanfarra do Colégio

Getúlio Vargas e tivemos o apoio naturalmente da Prefeitura, de todos os prefeitos com quem eu trabalhei, de poder acreditar nessa proposta, então nós começamos a formar a fanfarra, grupos de esportes e aí as pessoas começaram a perceber que a escola não tem lado, que a escola é de fato a socialização das pessoas, e nessa época também tinha muitas enchentes, e com isso a escola era o local da acolhida, o que também facilitou a gente mostrar para os pais que nós não éramos diferentes, eram pessoas que estavam ali para acolher (Diretor).

Segundo Paulo Freire (2010, p. 68):

Outro saber é fundamental à experiência educativa é o que diz respeito a [...] como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro meu próprio desempenho.

A essa compreensão de saberes, produzidos pela citação e pela fala do diretor entrevistado confirma que a profissão de diretor é boa e que o gestor tem as ferramentas nas mãos e pode desenvolver bom trabalho, introduzir outros ensinamentos e interagir como equipe de gestão sempre democrática e de planos e projetos para a melhoria de todos no cenário educativo.

Nessa experiência, houve ganhos entre os profissionais que perceberam seu trabalho dando frutos, influenciando alunos nas escolhas por continuar estudando, por exemplo, e na comunidade, que pela atuação da escola conseguiu cursos profissionalizantes para seus filhos e postos de saúde, entre outras melhorias de infraestrutura, pois a comunidade era muito carente, e o papel da escola foi fundamental para as reivindicações.

Então até nisso nós ganhamos, até com a enchente nós ganhamos. Conhecemos a mãe mais crítica e a mãe mais generosa, isso nos aproximou e desta, desse fato, que era um fato de natureza, por conta da natureza a gente aproveitou para fundar um clube de mães, e esse clube de mães se reunia mensalmente, ele funcionou durante um ano e meio até que uma das mães resolveu burocratizar o que era livre e eu cada vez mais estou convencido, que a burocratização afasta as pessoas, então quando os pais começaram a perceber que as coisas iam começar a se organizar, que aquele clube de mães ia ter uma mãe como presidente e outra seria tesoureira, esse grupo foi esvaindo e desapareceu e eu infelizmente não consegui resgatar (Diretor).

Por outro lado, a gente pode perceber que o bairro é um bairro muito acolhedor, então nós começamos a fazer e a desenvolver alguns projetos em função do bairro, como eu disse no início, as condições não eram muito boas, as ruas eram de chão, poeira, chuva virava barro e com isso a gente começou a pensar um pouco, qual seria a contribuição da escola, então o bairro começa a ser pavimentado e a escola então começa a fazer um projeto ambiental. E hoje com alegria quando eu vou lá e vejo que coisas né, as árvores que estão lá já florindo e dando manga, por exemplo, era fruto daquele que a gente chamou toda a escola, os alunos, os pais. Tornamos aquele bairro mais agradável, então nós plantamos muitas árvores, mas tudo isso dentro de um projeto muito bem pensado, não foi por acaso, foi intencional (Diretor).

E a nossa intenção era, de fato, que a escola continuasse aberta, e nós resistimos durante muito tempo, que ela continuasse sendo aberta, mas chegou um momento em que os pais, por questões de segurança, acharam que a escola tinha que cercar. E como a gente acreditava nesse processo que os pais são importantes, são os mais importantes parceiros, então a gente vai também comprar essa briga, embora contra a vontade da gente de cercar a

escola, e a única exigência que a gente fez na época era que fosse cercada de alambrado, para que os pais pudessem continuar de fora olhando a escola (Diretor).

Em avaliação com a situação atual, o diretor aponta para uma perda da proximidade das relações entre pais e escola, porém isso também é consequência de um contexto político diferente.

Hoje, com tristeza, eu vejo que ela está murada, né? Que pra mim é uma perda, porque os pais não se sentem mais responsáveis pela escola, porque eles não sabem o que está acontecendo lá dentro. Então isso era uma coisa muito interessante pra nós, e nós começamos também não é, a prefeitura começou também a procurar fundar as Associações de Moradores, a gente na época participou de algumas reuniões e insistimos que houvesse uma única associação de moradores, mas isso nós não conseguimos, porque as telhas francesas queriam ter a sua associação de moradores e as telhas eternit ter a sua própria associação. Isso para a Prefeitura foi um ganho, porque dividia a comunidade ao meio, e a escola continuava sendo um lugar de reunião, todas as reuniões aconteciam na escola (Diretor).

E aí, para a nossa surpresa, a escola cresceu e nós tínhamos vinte e duas turmas de 1ª série, e depois a gente pôde, como eu fiquei durante quatorze anos na direção da escola, a gente pôde perceber, de fato, que há essa curva, começam muitos e poucos terminam. E no meado do sétimo ano, a gente começou a perceber que esses alunos saiam da 8ª série, e nós tínhamos um compromisso com eles né? Então nós começamos a pleitear o ensino médio profissionalizante, que não é obrigação do Município, mas a gente apostou nisso. Nós apostamos no então Secretário de Educação de Estado, que foi prefeito de Resende, o sub-secretário era vereador em Resende e também conhecido nosso, que é o Cláudio Mendonça e o Noel de Carvalho, então nós resolvemos junto com a Secretária de Educação, na época, que era a Dalva Florenzano, comprar essa briga e montamos um projeto para o ensino médio noturno, nós não queríamos que ele fosse diurno, nós queríamos que ele fosse noturno propositalmente, para facilitar que os alunos continuassem trabalhando e dar a eles a oportunidade de concluir o ensino médio profissionalizante (Diretor).

Segundo Maffezoli (2005, p. 18-9),

Há aí um fecundo ensejo à reflexão. As coisas e as pessoas são o que são; procedem e organizam-se de acordo com uma disposição que lhes é própria. No conceito, talvez valha mais a pena acompanhar a energia interna que está em ação em tal propensão, em vez de desejar „pegá-las.

E prossegue o diretor:

Então nós começamos fomos autorizados, conseguimos vencer todas as barreiras burocráticas, e aí a gente começou com três cursos, o curso de informática, que continua até hoje não é? E pra isso a prefeitura investiu no laboratório que na época era de última geração; Técnico em Mecânica, que aí nós conseguimos uma parceria muito boa, muito interessante com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), então os alunos tinham aulas no Getúlio, e as aulas práticas eles iam para o SENAI, a Prefeitura disponibilizava ônibus que levava esses alunos para o SENAI e lá no SENAI eles tinham a parte prática, e nós sempre conversamos com a responsável pelo SENAI para fazer esse acompanhamento, e o Técnico em Turismo, Técnico em Turismo não deu muito certo, porque nós não conseguimos convencer a rede hoteleira das circunvizinhanças que era importante terem um técnico em turismo né? Então esse curso nós formamos apenas uma turma, infelizmente. É acho, que já falei um pouco, sobre questão da arquitetura da escola, hoje eu sei que o ensino médio não está em pleno vapor, mas continua existindo, né? (Diretor).

Ainda com Maffesoli (p. 16-22),

E, ainda que seja sob forma de constatação, importa assumir, intelectualmente, a afirmação da existência, o 'sim' a vida a que tudo isso incita. Mas, ainda que se permita talhar a metáfora do observado em seu castelo de proa, é preciso admitir que a visão da costa que se delineia ao longo não tem garantia alguma. Ela comporta como uma boa parcela de sonho, é incerta quanto aos contornos daquilo que se configura e nada pode prever quanto à duração do trajeto a realizar. Belo programa, o da incerteza! Mas é preciso passar por ele. Os sonhos individuais e coletivos são feitos de alegrias e dores. Esses sonhos transbordam cada vez mais da vida privada e ocupam, em massa, a praça pública.

Isso mostra que a instituição de ensino que tem um gestor democrático, certamente, flui melhor, o que beneficia a comunidade escolar. Concordando com o autor, pode-se dizer que a sociedade que participa do processo democrático adquire maior consciência política.

O sonho faz surgir justamente porque ele onera a prefeitura e não é obrigação da Prefeitura ter, e também nós estamos vivendo outro tempo, outra época, então tem que ser repensado esse projeto, não é? É a gestão nossa, eu acredito que ela sempre foi muito aberta, muito transparente, as nossas reuniões de professores, a gente tinha, lógico, situações de conflito, mas nada que se levasse ao lado pessoal, mas do profissional que fizesse a escola crescer. Eu costumava sempre dizer que, e continuo acreditando nisso, a escola é o lugar que os profissionais reúnem-se, os amigos reúnem-se em casa. Então aquela coisa de acreditar que a escola é um espaço de amizade não, a escola é um espaço que também produz amizade, mas o profissional ele é para além disso, então a gente sempre deixou muito claro isso, eu, na minha parte, com muita clareza que os professores podiam livremente se reunir nas suas casas para conversar, bater papo etc. e tal, porque são amigos, e, na minha casa, também eu me reservava o direito de convidar os meus amigos, que ninguém se cobrasse por isso, eu deixava muito claro que ninguém se cobrasse, porque teve na sua casa e você não me convidou? E justamente por isso, porque as reuniões na escola são profissionais, são pessoas trabalham com a educação e para a educação, na minha casa são pessoas com as quais eu tenho uma convivência passageira ou não, mas é que eu livremente eu convivi, e assim os pais, muitas vezes me convidam para ir a sua casa fazer visita, eu ia, mas eu ia como profissional e sou lógico que entre um ou outro pai a gente acaba criando um vínculo maior, por conta do filho, eu fui padrinho de casamento de alguns alunos (Diretor).

E por conta disso, porque a gente não perdeu o vínculo, esses vínculos eram criados extra escola, extra currículos, eram os grupos de esportes, o grupo da fanfarra, e nesse lugar eu acredito sempre que a escola é um grande pátio, pela minha formação anterior eu acredito nisso, que a escola é o espaço do pátio, o espaço da conversa, por isso que todo mundo que trabalhava comigo sabia que durante o intervalo, o recreio, eu não atendia pai nenhum, porque eu me sentia obrigado a estar no pátio com os alunos, com os professores, porque ali na informalidade a gente consegue captar alguma coisa, perceber algumas coisas, então eu não atendia pai e nem professor durante o intervalo. Para garantir a minha presença, e como a escola era grande, o intervalo também era grande, então de nove às dez e meia nós tínhamos três recreios, porque era quantidade muito grande, a escola começou com mil e quinhentos, depois ela foi para quatro mil alunos. E as pessoas perguntam você com vinte e um anos assumiu uma escola com quatro mil alunos, cento e vinte professores, não sei quantos funcionários? E eu respondia que eu trabalhava com pessoas que acreditavam no projeto, quem não acreditava no projeto no final do ano pedia transferência, saía (Diretor).

Uma ou outra pessoa que a gente teve que dispensar porque de fato não acrescentava, eu queria uma escola de qualidade, eu queria uma escola em que os alunos se sentissem protegidos e preparados para o mundo da vida, então quem não estava comigo, e que não

conseguia criar um projeto ou um vínculo com esse projeto, não era obrigado a estar ali, então a gente até facilitava para sair, porque não se sentia bem, não concordava com o jeito como a gente tratava as pessoas, né? Essas reivindicações que os pais faziam eram todas muito combinadas, muito francas, é lógico que algum pai ou outro chegava mais exaltado e você tinha que acalmar esse pai, mostrar que, como a escola era aberta, o pai podia tranquilamente ver o que estava acontecendo. Interessante, quando a escola era aberta, a gente nunca teve um assalto, nunca ninguém roubou nada da escola. Quando se colocou o alambrado, na semana seguinte, aconteceu um assalto dentro da escola, eles roubaram duas caixas de biscoito, mas isso serviu pra gente pensar, roubou biscoito, mas podia roubar outras coisas, mas mesmo assim, a gente não gradeou a escola, mas imediatamente a gente convocou os pais pra dizer, olha a escola agora tem telhas alambrado, agora vocês é que são os vigias da escola, vocês é que têm que tomar conta da escola. Aconteceu isso depois não aconteceu mais nada de grave que eu possa dizer (Diretor).

Quanto à permanência no Colégio Municipal Getúlio Vargas, o gestor expressa de forma amável e comprometida com a educação e com a formação do sujeito. Lembrando Maffesoli (2005, p.21), "É nesse sentido que o deixar ser é uma exigência que, para dar conta da globalidade da existência, para exprimir essa obra de arte que é a vida sabe-se integrar, em doses variáveis, o zelo estático no próprio seio da progressão intelectual". É certamente nesse sentido que o diretor acreditava na comunidade escolar, na educação e nos profissionais que atuavam na instituição e acredita até os dias atuais.

De uma maneira geral, eu acho que a gente conseguiu marcar uma época no Getúlio, eu me sinto marcado por ela, nas minhas aulas eu costumo dizer que a minha experiência de vida se deu no Getúlio, a minha experiência de vida se deu com as pessoas com quem eu me relacionei, com as pessoas com quem eu pude contar. Então eu sou o que sou por conta do Getúlio. É lógico que, quanto mais aberta a escola for, mais democrática ela é, mais participativa ela é, eu acredito muito nisso. Eu não acredito numa gestão burocrática, porque a gestão burocrática afasta as pessoas, e eu estou cada vez mais convencido de tudo aquilo que eu fiz, de tudo aquilo que eu construí e da forma também que eu saí. O Prefeito que ganhou a eleição, eu sabia que era um cargo de confiança, ele não me quis lá na comunidade, mas eu fiquei sabendo que houve manifestação, que teve abaixo assinado, mas também foi bom porque as pessoas precisam também respirar outros ares, outros momentos. É lógico que eu não queria sair naquele momento, mas sair naquele momento também foi bom, eu acho que a coisa na vida da gente não acontece por acaso, foi por conta disso que eu retomei os estudos, que eu pude fazer o meu mestrado, o meu doutorado. Hoje eu estou aqui no arquivo e me sinto bem estar aqui também. Recentemente fui ao Getúlio dar uma palestra aos professores sobre aquilo que eu estudo, sobre gestão, sobre aprendizagem, metodologia ativa, que é aquilo que a gente trabalha (Diretor).

Ao lançar considerações sobre a entrevista com o professor diretor, destacam-se alguns aspectos de seus objetivos: Fazer com que os pais acreditassem que a escola não era um divisor de águas, mas que na escola cabia todo mundo; diminuir a resistência das pessoas identificadas pelas telhas francesas com discriminação relativas aos moradores de casas de telhas eternit. Os projetos criados pelas equipes de gestão, naturalmente, contribuíam para romper com os mecanismos de segregações e pressões sociais e, de acordo com as vivências de

cada sujeito, as ações no cotidiano da escola, tudo fortaleceu o educando e o processo de ensino e aprendizagem.

Ganzelli (2005) afirma que a escola é influenciada por forças externas e internas a seus “muros”, portanto, precisamos decidir deixar claro o que queremos e ouvir o grupo, para chegarmos a um consenso coletivo. Os sujeitos inseridos no contexto educativo devem ter ciência de que tudo depende de interação e ação em torno do saber.

É essencial trabalhar com responsabilidade, buscar recursos, lutar em torno da construção e da autonomia, envolvendo os atores da escola, comunidade interna, comunidade externa, alunos, seus familiares, docentes, profissionais da educação e, principalmente, o gestor, como responsável pela administração. Nesse sentido, cabe ainda ao gestor democrático fazer fluírem as ações de decisões.

Nesse sentido, os questionamentos dos participantes podem ajudar o gestor a enxergar os obstáculos, descobrir os problemas e tentar discutir com os envolvidos no cenário educativo, as soluções, respeitando as contribuições dos envolvidos na instituição educativa.

Rodrigues (2010, p.64) mostra que alguns trabalhos básicos podem contribuir para a gestão democrática, entre eles:

- Órgãos coletivos, consultivos e fiscalizadores, que atuam nas questões técnicas, pedagógicas, administrativas e financeiras da unidade escolar;
- Associação de Pais e Mestres, que é uma instituição auxiliar nas atividades da escola, formada por pais, professores e funcionários, que tem como objetivo auxiliar a direção escolar na promoção das atividades administrativas, pedagógicas e sociais da escola, bem como, arrecadar recursos para complementar os gastos com o ensino, a educação e a cultura;
- Órgão colegiado, que tem como objetivo promover a participação da comunidade escolar nos processos de administração e gestão da escola, visando assegurar a qualidade escolar em termos administrativos, financeiros e pedagógicos.
- A organização formada pelos estudantes na escola, que representa os seus interesses, permitindo que os alunos discutam, criem e fortaleçam inúmeras possibilidades de ação tanto no próprio ambiente escolar

como na comunidade. É também um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade luta pelos seus direitos.

Diante desses projetos e de reuniões com a comunidade, tudo era mais pedagógico e, ao mesmo tempo, motivador para os participantes do colégio. Sempre que se pensava em um projeto, todos eram convidados a participar, a opinar, a trabalhar com as sugestões, contribuindo com as experiências que cada sujeito possui em relação aos temas em destaque. A partir da entrevista feita com o professor Dr. Mário José Dias, tomam-se como referências as atividades projetadas e realizadas junto ao diretor do Colégio Getúlio Vargas, aos alunos, aos docentes, da comunidade acadêmica e aos sujeitos que participavam da instituição educativa. Os conhecimentos adquiridos contribuíram para o desenvolvimento intelectual dos participantes dos trabalhos para a formação profissional e pessoal de todos os que contribuíam diretamente ou indiretamente das ações.

Para finalizar, considera-se que as reflexões em torno das experiências de todos os que motivaram os trabalhos com os alunos, com as pessoas envolvidas, com os professores, com o gestor e que os projetos, as inovações deram a oportunidade de se construir propostas de intervenções que facilitam a aprendizagem dos alunos e que aguçam os inseridos no trabalho a fazerem leitura diferente dos acontecimentos que podem surgir no cotidiano escolar. Certamente, foram destacadas questões culturais, conteúdos éticos, conteúdos filosóficos que perpassam a área de conhecimento, mas lançam um novo olhar em torno, com vistas ao crescimento pessoal e humano.

Os trabalhos eram feitos com comunidade escolar com a participação da ativa de todos.

Seguem alguns exemplos de atividades realizadas com os alunos e demais membros da escola.

- a) Reuniões periódicas com os pais e alunos da escola;
- b) Discussões em grupos para aprimoramento das práticas e para dialogar trocar experiências com os envolvidos no contexto;
- c) Levantamentos de opiniões com os pais, alunos, representantes da comunidade e professores.
- d) Pesquisas com a população para ouvir as opiniões e trazê-los para participar nos eventos da escola.

- e) Levantamentos de opiniões junto aos atores da comunidade/escola;
- f) Valorização das manifestações da população exercida pelo voto no processo de democrático;
- g) Criação de projetos para aproximação da comunidade no cotidiano escolar.

4 A OPINIÃO DE PAIS, ALUNOS E PROFESSORES

Assumindo a existência de limites, aos quais devemos estar sempre atentos, precisamos compreender que é necessário discutir e criar conhecimentos sobre as múltiplas fontes com que podem contar os pesquisadores nos/dos/com os cotidianos escolares, articulados com as narrativas sempre presentes e necessárias, ao mesmo tempo em que aprendemos e interrogamos as críticas que vêm sendo feitas às pesquisas que realizamos nesses espaços (ALVES, 2005,p.7).

Este capítulo tem como objetivo descrever a pesquisa realizada com pais, alunos e professores sobre a experiência da escola Municipal Getúlio Vargas, em Resende/RJ, no período de 1983 a 1997.

4.1 Lócus da pesquisa

O lócus desta pesquisa é a escola municipal Getúlio Vargas, de Resende/RJ, que fica situada na Avenida do Canal Norte s/n, no bairro CidadeAlegria, Região Médio Paraíba. Com o decreto nº043, de 01/08/1983; a Escola Municipal Getúlio Vargas foi oficialmente criada com 30 salas, para atender ao ensino de 1º e 2º graus. E pelo decreto nº 119, de 04/05/1993, alterou-se a denominação para Colégio Municipal Getúlio Vargas. Ainda pelo decreto nº 088, de 16/03/1994, autorizou-se o funcionamento, em nível de ensino médio, dos Cursos de Técnico em Processamento de Dados e de Técnico em Mecânica. Os dados obtidos da escola em questão foram, na sua maioria, retirados do livro de registro do Projeto Político Pedagógico e de memória de professoras.

A Escola Municipal Getúlio Vargas teve seu funcionamento iniciado em 1983, iniciando com pré-escola até a 8ª série do ensino fundamental, nos períodos da manhã e tarde. Com a reivindicação da população e atuação do diretor da escola, para atender outras etapas de ensino, a escola passou a oferecer o ensino médio, funcionando no período noturno, com cursos profissionalizantes (por exemplo: Processamento de Dados, Produção de Mecânica Industrial e Turismo). Pelo Decreto nº 88, o Exmo. Prefeito Municipal de Resende, na época, transformou a Escola Municipal Getúlio Vargas em Colégio Municipal Getúlio Vargas.

O fundador foi o professor Mário José Dias, que contava com o auxílio de seus diretores adjuntos, José Djalma da Silva Filho e Professora Maria da Glória de Souza Motta. O tamanho da escola, em termos de atendimento de alunos, permitiu

ter atuação de um diretor e dois adjuntos, da secretária, a professora Lêda de Assis Viana de Carvalho e da coordenadora, a professora Cleusa Maria de Oliveira.

Quanto ao número de atendimentos de alunos, o Colégio iniciou com 33 salas de aula, a procura de vagas era acirrada, chegando a atender até 6 mil alunos. Atualmente, a escola funciona em três turnos (manhã, tarde e noite), e as modalidades de ensino são: Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA- Educação de Jovens e Adultos.

Em 01 de janeiro de 2005, o curso de Técnico de Turismo foi fechado devido ao número de alunos reduzido por turma. Os cursos técnicos de Processamentos de Dados e Produção de Mecânica Industrial já formaram inúmeros alunos que hoje ocupam o mercado de trabalho em diversas indústrias regionais e fora da região, eles exercem diferentes cargos que vão desde a área técnica até cargos de chefia e muitos se tornaram micro – empresários.

Quanto à relação da escola com a comunidade, o Colégio abriu suas portas para o uso de suas dependências para: práticas esportivas, reuniões religiosas, festividades, incluindo casamento, e até velório já foi realizado na escola.

Na área esportiva, apesar das dificuldades existentes, o Colégio proporcionou aos discentes alcançar o 1º lugar em Voleibol, Queimada e Futebol de Salão, nos Jogos Estudantis promovidos pela Secretaria de Educação, além de outros troféus e medalhas de premiações.

Na área cultural, a escola contava com uma fanfarra cuja composição constava de 85 elementos, sendo dirigida por Evandro Nascimento de Paula e Jorge Luís dos Santos com o apoio de Cláudio Dionísio Barbosa- Diretor Geral de Esporte e Cultura da Rede Municipal, Resende-RJ. Conseguiram conquistar vários troféus dentro e fora de Resende, tornando-se a animadora da comunidade educativa. As atividades esportivas eram realizadas no Colégio, em outras escolas, em Concursos feitos nas cidades em vários locais, quase sempre promovidos pela Prefeitura Municipal de Resende, Rio de Janeiro.

Em 01 de janeiro de 2001, a pré-escola, que até então funcionava no mesmo prédio do ensino fundamental e médio, foi transferida para um prédio “apêndice”, no mesmo terreno, com reformas especiais para abrigar essa população de crianças pequenas. Foi denominada “Escola Municipal de Pré-Escolar Algodão Doce”.

Em 2014, o Colégio Municipal Getúlio Vargas permanece com o atendimento a 3204 alunos, sendo: 1263 no 1º turno, do 4º ao 9º ano de escolaridade; 1.172 no

2º turno, do 3º ao 9º ano de escolaridade. Em ambos os períodos, manhã e tarde, ela atende alunos deficientes, com três salas de recursos para a inclusão. No 3º turno atende 769 alunos, divididos em: 48 alunos da Fase I a IV da fase da EJA; 214 alunos da fase V a VIII da EJA; 65 alunos do 7º ao 9º anos de escolaridade do Ensino Fundamental Regular; 173 alunos de Informática; 269 do Curso Técnico de Produção de Mecânica Industrial.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, o Colégio Municipal Getúlio Vargas passou a oferecer a Informática Educativa a todos os seus alunos do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental, manhã, tarde e todos os alunos do noturno. Com este atendimento, todos os alunos foram inscritos na área digital, mas o curso de Informática teve sua organização prejudicada, pois os alunos menores reprogramam os computadores durante o dia, tornando trabalhosa a reorganização dos programas no horário noturno, prejudicando, assim, a eficiência dos cursos técnicos, pois dividem o mesmo laboratório⁴.

4.2 Objetivos

Acreditando que a experiência de um período histórico pode ser apresentada na fala das pessoas que a vivenciaram, buscou-se com alunos egressos, pais desses alunos e professores que atuaram com os discentes, uma compreensão sobre as contribuições da escola e dos professores no processo de formação dos alunos. O objetivo geral desta tese é compreender a relação comunidade - escola no período de 1983 a 1997, realizando apontamentos da gestão e da percepção dos integrantes da escola, e os objetivos específicos são:

- Levantar aspectos da relação professor aluno naquele momento histórico.
- Levantar a opinião de alunos e pais sobre a escola.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi construído um procedimento com: alunosegressos, pais e professores.

4.3 Instrumentos de pesquisa

Foram utilizados três questionários para a coleta dos dados:

- 1 Para a pesquisa com alunos egressos (APÊNDICE B);
- 2 Para a entrevista com os pais (APÊNDICE C) e
- 3 Para os professores (APÊNDICE D).

⁴ Fonte: Livro de Registro Histórico do Colégio Municipal Getúlio Vargas, 2014, p.1-4.

Todos os questionários apresentam uma estrutura contendo questões pessoais e uma segunda parte com questões abertas sobre a percepção e avaliação dos entrevistados sobre a experiência na escola Getúlio Vargas.

Tais instrumentos possibilitaram uma entrevista semi-estruturada que, segundo Triviños (1987), para alguns tipos de pesquisa qualitativa, é um dos principais meios disponíveis para que o investigador realize a coleta de dados.

4.4 Procedimento de pesquisa

Para investigar este tema: Cotidiano escolar democrático: uma experiência de 1983 a 1997, na Escola Municipal Getúlio Vargas, foi crucial conversar com alunos egressos de diferentes turmas e com os professores que lecionaram para esses alunos, que então cursavam a 7ª e 8ª séries, o que corresponde hoje ao 8º e 9º anos, do Ensino Fundamental, isto é, eram adolescentes na faixa etária média de 13 a 14 anos de idade.

Quanto à proposta metodológica e recursos utilizados, conforme Magalhães (1999, p.68-9), uma pesquisa envolve “[...] dimensões pedagógicas, sociológicas, administrativas, relações de poder e de comunicação, relações de transmissão e apropriação do saber”. Reconhecendo o caráter subjetivo da pesquisa, a análise utilizada para a discussão e construção do trabalho privilegiou os aspectos qualitativos nas interpretações.

Para o levantamento de dados, entrou-se em contato com a escola, na figura da sua secretária e sua diretora que, ao lerem o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A), permitiram a pesquisa e, em seguida, forneceram documentos, tais como o Projeto Político – Pedagógico (PPP), o livro de registros da escola e fichas de alunos para que pudéssemos obter o contato com endereços e telefones. O contato com os alunos foi facilitado, já que a entrevistadora mora no bairro em que situa-se a escola, e muitos dos alunos ainda moram no mesmo bairro. Todos os entrevistados foram esclarecidos sobre a pesquisa e assinaram o termo de consentimento, conforme exigido para as pesquisas com seres humanos.

Nos meses de julho, agosto e setembro de 2014, foram realizadas entrevistas com alunos, em encontros feitos no bairro. Às vezes, eram abordados em pontos de ônibus, igreja, e ao serem esclarecidos sobre a pesquisa, agendava-se um horário para um encontro formal, geralmente na própria casa dos alunos. O mesmo ocorreu

com as entrevistas com os pais. Por contato telefônico com os professores, foram agendados local e hora para as entrevistas.

Com os questionários em mãos, as respostas foram transcritas: alunos (APÊNDICE E); pais (APÊNDICE F) e professores (APÊNDICE G). Depois, foram analisadas, seguindo-se os procedimentos de análise de conteúdo de Bardin (2004), que consiste numa primeira leitura rastreadora, uma segunda, grifando-se as questões e palavras que se destacam e uma terceira leitura para agrupar em possíveis categorias.

4.5 Resultados da pesquisa: sob o olhar dos protagonistas da escola

É somente essa sensibilidade que pode permitir compreender as diversas efervescências sociais de que a atualidade não faz economia. Há uma ambiência amorosa em nossas sociedades. Ela não é mais o feito exclusivo das relações privadas, pelo contrário, engloba amplamente a esfera pública, e é permanecendo fixado numa atitude racionalista que se corre o risco de nada compreender das consequências cotidianamente induzidas por tal ambiência (MAFFESOLI, 2005, p.143).

As respostas, depois de analisadas, foram agrupadas em categorias, para o melhor entendimento da experiência da Escola Municipal Getúlio Vargas. Para seguir as representações das categorias, baseou-se em Triviños, (1987, p.120) que diz: “Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito; e a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa [...]”. Respeitando a posição do autor, o investigador precisa entender o propósito do trabalho e verificar os pontos qualitativos sem descartar os quantitativos. Com esses subsídios, é necessário entender as posições dos entrevistados que são representados numericamente.

De acordo com Krippendorff (1990 apud Moraes, 1999, p.10),

[...] em qualquer mensagem escrita, simultaneamente podem ser computadas letras, palavras e orações; podem categorizar-se as frases, descrever a estrutura lógica das expressões, verificar as associações, denotações, conotações e também formularem-se interpretações psiquiátricas, sociológicas ou políticas.

Apoiadas nas referências utilizadas que subsidiam o trabalho, seguem as categorias, obtidas pelas entrevistas e que serão representadas, seguindo-se as respostas relativas aos informantes do trabalho, num direcionamento ético e investigativo. As categorias são utilizadas para que se tenha melhor compreensão das falas e das ideias expressas para as análises.

A apresentação dos resultados da pesquisa segue o perfil dos entrevistados para aproximar as respostas das pessoas, sem identificá-las. Para tanto, identificou-se os entrevistados por números e, quando citados nomes que não se tem a permissão de divulgar, esses foram trocados por um fictício. As respostas foram agrupadas e identificadas nas seguintes categorias: a) influência da escola; b) relações interpessoais e c) percepções da experiência na escola.

4.5.1 Perfil dos entrevistados

Foram entrevistadas 29 pessoas, além do diretor, já apresentado: 15 ex-alunos; 10 pais e 4 professores. Quanto aos ex-alunos, 13 são mulheres e apenas 2, homens; 9 ex-alunos estão casados e 6, solteiros. Quanto à escolaridade dos ex-alunos, 8 cursaram até o ensino superior; 4 fizeram até o ensino médio, 1 fez o técnico, 1 parou no fundamental e 1 não declarou. A maioria trabalha em empresas, comércio e apenas 1 é “do lar”. Sete ex-alunos estão hoje na faixa etária de 30 a 35 anos; cinco entre 36 e 40 anos, e três entre 41 e 45 anos.

Os pais entrevistados somam dez, sendo 7 mães e 3 pais; sete casados, 2 viúvos e 1 divorciado. Quanto à escolaridade, temos: 2 com ensino superior; 3 com ensino técnico; 3 com fundamental e 2 com ensino médio. A idade variou de 40 a 70 anos. A maioria aposentado e “do lar”.

Foram entrevistados quatro professores, 2 homens e 2 mulheres; 2 solteiros, 1 casado e 1 separado. Quanto à escolaridade todos possuem ensino superior, e 2 possuem pós-graduação. A faixa etária variou de 51 a 61 anos. As professoras estão aposentadas e os professores ainda trabalham como professores e ou diretores em escolas e universidades.

4.5.2 Influências da escola

Com relação a como a escola colaborou com os alunos, foi questionado como a escola influenciou a vida e a formação geral, para os alunos e pais. Obtiveram-se as seguintes respostas.

A escola me influenciou no meu modo de agir, pensar, ter senso de responsabilidade, de pensar o certo e errado e principalmente na tomada de decisões. Este fator aprendi, absorvi, da escola, a me preparar para enfrentar a vida pessoal e profissional (Aluna 1).

Tive grande influência, pois com o estudo adquirimos habilidade, conhecimentos e desde cedo aprendemos a trabalhar em grupo (Aluna 2).

Pelo fato de ter estudado com bons mestres, refletiu positivamente, tanto na vida escolar, como na carreira profissional, com incentivo de muitos professores mesmo após a formação (Aluna 3).

Muito pouco. Naquele período havia muitos conflitos entre alunos, isso fazia com que muitos desistissem de estudar. Eu fui um desses que desisti (Aluna 4).

A escola foi muito importante na minha vida, pois me ajudou a ter responsabilidade em muitas coisas na minha vida adulta (Aluna 5).

Influenciou, pois tenho um comércio com minha irmã, e aprendi a ser organizada com meus cálculos e minha contabilidade e também na parte de saber lidar com respeito com meus clientes (Aluna 6).

A escola foi e continua sendo em minha vida o meio fundamental pela busca do saber, fazendo com que eu cresça tanto intelectualmente, como pessoa, como profissional. Através da escola aprendi a moldar o ser que me tornei um homem que acredita que a educação, a responsabilidade, o aprendizado é o caminho certo para formação do ser humano (Aluno 7).

Ajudou a ter vontade de fazer faculdade, pois queria ter mais oportunidade na vida (Aluna 8).

Ajudou na conscientização do futuro, na responsabilidade que preciso com meu trabalho. Influenciou no meu caráter, através do carinho e atenção dos professores e orientação educacional (Aluna 9).

Tive incentivo da minha família, ela é quem me influenciou em ser o que sou ser honesta perseverante. Não me lembro de nenhuma situação em que a escola me influenciou não. Só me lembro de os orientadores não respeitar a opinião dos alunos e também de não acreditar em nossa palavra (Aluna 10).

Tive uma boa influência escolar nessa época, pois aprendíamos a respeitar os professores e colegas. Em minha opinião, a ética, o respeito que hoje trago à minha vida pessoal e profissional eu devo à disciplina que o colégio mantinha. Na minha vida foi bom até porque fiz até o 7º ano, mas minha filha estudou até p 8º ano, hoje ela estuda no Souza Dantas. Meu filho está no 3º ano está bem, ele gosta do colégio, da sala de informática da merenda, da sala de livros (biblioteca) para fazer trabalhos (Aluna 11).

Eu adorei estudar no Getúlio Vargas, eu passei no momento difícil, eu sinto feliz por estudar na escola, na importância de ter amizade na escola. Eu sinto saudade da professora minha infância (Aluna 12).

Na minha vida a escola foi muito importante. Nos trabalhos escolares me ajudou muito. Foi muito importante para mim. Até hoje a escola é importante para mim (Aluna 13).

A escola me deu uma boa base para que pudesse me desenvolver intelectualmente e prosperar na progressão dos meus estudos (Aluno 14).

Influenciou muito bem, pois tem coisas que aprendi que uso até hoje até mesmo no trabalho (Aluna 15).

A maioria dos alunos apontam influências positivas com relação à escola, principalmente no que se refere à progressão intelectual, aos estudos; isso também foi confirmado pelo número de alunos que hoje tem ensino superior (8), mas há respostas que ressaltam a questão ética e de respeito nas relações entre as pessoas que também interpretam como influência da escola. Apenas uma aluna não identifica a escola como uma boa influência.

As respostas dos pais somam as influências positivas da escola nesse período, ressaltam que os filhos aprenderam a dar valor para escola, respeitar as regras e ser responsáveis, apontam ainda que os professores se importavam com os alunos em questões de saúde, e valorizam a relação trabalho e escola, dizem que estão todos trabalhando. Seguem as respostas dos pais (os grifos são nossos):

Ensinando-as a trabalhar em grupo, socializando com colegas, ter gosto pelas matérias; respeitar horários e professores e que a escola que tem que ser um lugar de aprender, não ir para a escola para criar problemas para os pais e educadores. É que ali formando, poderão crescer (Mãe 1).

A condição de viúvo, com dificuldades de educar minha filha de seis anos, deixou sobre a responsabilidade da direção e professores do colégio municipal Getúlio Vargas. Não tive decepção, minha filha hoje é uma professora de Português e bem educada (Pai 3).

Bom ensino, responsável, respeita os outros, formar ela para bom emprego, foi excelente Dona Vera, como educadora, excelente pessoa, companheira, sempre presente com as mães ótima pessoa, foi muito bom tempo dela no colégio, etc. (Mãe 4).

O colégio foi muito bom, para a Formação do meu filho (Pai 5).

Boa, puxava o ritmo. Ajudava o aluno a aprender mais, nas tarefas, no ensino, se faltava aula, mandava bilhete. Se a criança precisava de um médico era avisado pelo professor (Mãe 6).

Graças a Deus! O Colégio Getúlio Vargas foi à benção em nossas vidas. Eu com problemas de saúde, (“com o marido”) encontrei nesse educandário nos amigos, professores o conforto que eu necessitava. Encontrei carinho, conselhos, ombro amigo. A professora Vera tem o poder de apagar. Eu me senti a criança no colo da mãe (Mãe 7).

Influenciou muito, nos trabalhos escolares, nos ajudávamos no dia a dia. Sendo que a minha filha veio mais tarde veio a se tornar professora (Pai 8).

Influenciou como bom profissional, na formação, ajudou na educação, para o trabalho para a vida. Todos estão empregados. Sairão do Getúlio para o trabalho. Todo trabalho feito pela escola. Tem excesso de crianças. Isso atrapalha (Mãe 9).

Eu tenho nada a reclamar, porque na escola que as minhas filhas estudaram no colégio era muito bom. O ensino das professoras era muito bom, elas aprenderam muito (Mãe 10).

Diante dos relatos dos pais e alunos, cabe lembrar o pensamento de Paulo Freire (2010, p. 65): “A natureza mesma de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza”. Respeitando as palavras do educador, um fator fica evidente, o de que a escola promoveu a interação social, além da promoção do desenvolvimento intelectual e social dos alunos, sujeitos que compõem o cotidiano escolar.

Os professores também opinaram sobre as influências da experiência na escola Getúlio Vargas em suas vidas, apontam-nas como positivas, também na carreira acadêmica (nossos grifos):

Influenciou muito, ajudando na disciplina e organização de todos os trabalhos (Prof. 1).

Sim. Posso afirmar que muito influenciou, pois em 1984, quando fui contratado como professor esta estaria sendo a minha primeira experiênciana área de magistério. Portanto, todo meu trabalho foi principiado no novo e experimental, buscando alcançar os objetivos a que a escola se propunha, diante de uma comunidade nova. Foi desafiador, mas valeu a pena pois cresci como homem no aspecto humano e social de minha vida, bem como tornei um profissional da educação. Tudo muito bem (Prof. 2).

A maioria dos anos em que trabalhei foram bons, com problemas como toda entidade de trabalho. Os alunos em 70% apresentaram retorno de aprendizagem e com todas as informações e tecnologias nos dias atuais é impossível ter aluno passivo sem ser crítico. O que não pode ser aceito é anarquia, falta respeito ao próximo seja confundido com uma turma que seja participativa e que saiba o momento certo de expor suas ideias (Prof. 3).

A escola foi a maior base para a minha formação de vida e formação profissional, Na época que entrei, a escola já estava passando por mudanças. A pressão era grande, os alunos tinham dificuldades, mas eram mais responsáveis. Na escola que trabalhei, encontrei realidades diferentes e desafios também. As dificuldades dos alunos no decorrer dos anos aumentaram e a minhas angústias também. Sempre gostei de trabalhar com coisas novas e de criar. Observar o perfil da turma, suas necessidades. Além da visão de mundo deles como aplicar tudo que havia aprendido? Isto era mais um desafio. Mas fazia com que inspirações surgissem. Tudo foi surgindo graças às novas técnicas que surgiram: preparação para leitura, na leitura, na interpretação e na escrita. Estes cursos bons traziam propostas novas, podia ensinar o aluno segundo a visão dele de mundo e realidade do texto. Isto já o preparava para a escrita. Alguns não se adaptavam, porque a família era omissa. Não acompanhava. Nós tínhamos a Orientadora Educacional que estava sempre presente. Isto facilitava o trabalho. Claro que aqueles que a família não acompanhava o desenvolvimento do aluno, muitas vezes pressionavam para que nós colocássemos na série seguinte, muitas vezes sem base. No entanto, aqueles que deixavam este processo acontecer, queriam aprender, participar das atividades propostas: como jornal, filmes, livro e teatro. E surgiam bons resultados feitos por eles. Grandes aliados, estes alunos nunca deixaram que eu desistisse. E os que tinham dificuldades também eram complementados e tinham somente fazer a sua parte. Nunca permiti que desanimassem, sempre os incentivei a acreditar que tinham capacidade e que tinha que fazer as parte. Nem sempre fui entendida por alguns profissionais. Mas sempre segui em frente. Hoje estou aposentada, a experiência que tive lidando com pessoas fez com que começasse um novo trabalho com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem (Prof. 4).

4.5.3 Relações interpessoais

Quanto ao que vem à cabeça quando os alunos lembram do período em que estudaram no Getúlio, a maioria citou as relações de amizade, seguidas de lembranças de professores e situações do cotidiano que remetem ao respeito, conhecimento, relações entre as pessoas (nossos grifos).

A Sétima (7ª) Série, muitas matérias para estudar, mais responsabilidade, administração do tempo entre estudos e lazer. 8ª Série – Transição de criança para adolescente(Aluna 1).

Um ótimo colégio para se estudar, obtive um grande conhecimento neste colégio(Aluna 2).

Minha relação com os professores (Aluna 4).

Gostava das aulas de matemática com o Professor Isaías(Aluna 5).

Lembro-me da minha professora de Inglês que chamava todos os alunos democraticamente, ela ficou grávida entrou de licença e veio uma substituta. Uma escola onde o ensino era

rígido, a disciplina era imposta com rigor, mas que tive a oportunidade de levar comigo todo aprendizado e reter amigos, que até hoje tenho contato(Aluna 6).

Uma escola grande e grande escola (Aluno 7).

Trabalhos escolares, pesquisas, laboratórios, muito aprendizado (Aluna 8).

A amizade e professores maravilhosos que incentivavam os alunos (Aluna 9).

Que quando recebíamos visita ou que qualquer autoridade entrava em sala, levantávamos e cumprimentávamos em sinal de respeito (Aluna 10).

A amizade, os colegas e também os professores que tinham palavras de incentivo(Aluna 11).

Fui querido da escola, porque eu tinha talento, eu adorava desenhar, dançar, na hora educação física (Aluna 12).

Todos eram amigos. Um ajudava o outro (Aluna 13).

Meus amigos, o desfile de primavera promovido pela escola(Aluno 14).

Nas amizades que muitas vezes davam conselhos que acabavam me prejudicando(Aluna 15).

Quando a pergunta era sobre os aspectos da escola com relação aos professores, os pais, em geral, apontaram questões de acompanhamento dos filhos, professores que se importavam com os alunos. Interessante, nas falas dos pais, que, ao compararem com os dias atuais, disseram que há um certo distanciamento. Importante lembrar aqui que também os pais trabalhavam, e sem tempo e, muitas vezes, sem grandes informações, então a escola foi um apoio na educação dos filhos e, em específico nesse período, responsabilizou-se por essa educação, segundo a maioria.

Bom, as reuniões trimestrais, ou revisões dependendo do local de ensino, põem a par o rendimento, procedimento e ajuda dos filhos para o futuro, e se gostam ou não de estudar por obrigação(Mãe 1).

Aspectos positivos (Mãe 2).

“Relação ótima” a direção e os professores sempre tiveram um grande empenho e boa vontade na formação de seus alunos, criando assim uma ótima satisfação aos pais(Pai 3).

Aspecto positiva, ótimo, excelente, ótima pessoa ótimo caráter (Mãe 4).

O colégio sempre foi ótimo mais depende do aluno (Pai 5).

Antigamente era bem melhor o ensino. As coisas que aprendiam eram boas. Era cobrada a tabuada. A criança era acompanhada. Eu me lembro pela minha filha tinha nota e, no final do ano a professora. Disse que não ia passar a minha filha de ano, pela condição de precisar da Matemática para a Faculdade. Assim, a menina estudou no ano para não repetir. Foi para outro colégio Pedro Braille, tirou notas boas, ficaram três (03) anos de estudos. As pessoas diziam que a escola era forte, ela não ia aguentar. Ela passou (Mãe 6).

Será que existe clone da Prof.^a Vera? Que pessoa boa, justa! Foi uma inspiração para todos que com ela conviveram naquela época. Mas desejar clone dessa professora seria hoje um

castigo. Imagine hoje um trabalhador braçal ganhar mais que um professor com mestrado? O Brasil tem o privilégio de ter políticos autodidatas, professores é uma categoria em extinção (Mãe 7).

A sala de informática e cursos profissionalizantes (Pai 8).

Hoje não é pior. Hoje é mais difícil. Tinha boa educação. Deixava as crianças e ficava tranquila. Profissionais muito responsáveis. Hoje os pais precisam trabalhar, estão deixando de olhar os filhos que ficam jogados (Mãe 9).

A minha opinião é que no ano que minha filha estudou era bem melhor do que hoje (Mãe 10).

Essas respostas reforçam a importância que as relações interpessoais tiveram na escola Getúlio Vargas, pois são dadas pelos pais quando questionados sobre situações vivenciadas com professores, apontam como acompanhavam e se interessavam pela vida dos alunos.

A chamada a escola, no bimestre pela professora responsável, fiquei a par que minha filha, se estudasse mais, como química, passaria tranquila de ano; que elas participassem se saia bem nas olimpíadas estudantis ganhando até medalhas em inglês e que tinha uma veia de uma criança propensa a ter êxitos como, uma bailarina, atleta (Mãe 1).

Não respondeu (Mãe 2).

Só situações boas e normais (Pai 3).

(cita o nome da filha) professora desobediência, não gosta da professora, de resto não tive nenhum (Mãe 4).

Foi muito boa. Sem comentários (Pai 5).

Ele o meu filho chegou justamente dizendo que tinha apanhado, eu tirei o menino disse que precisava aprender para o exército. Como enfrentar monte de homens. Situação junto ao professor. Nenhuma (Mãe 6).

Éramos uma só família. Eu sabia o que acontecia com minhas filhas porque eu estava sempre no colégio (Mãe 7).

Boa. Amor. Relacionamento possível na época houve muito entrosamentos entre aluno e professor (Pai 8).

Situação boa. A mãe era chamada no Colégio em outubro para dar notícias da aprovação dos filhos. A gincana boa feita pela escola. Pessoas da época que encontram na igreja e lembram. Vende pizza. Na hora do recreio lanches com os alunos com o Prefeito da cidade numa sala de 15h00. Não tinha refeitório (Mãe 9).

Sempre foram boas, as professoras eram atenciosas. A educação de ontem foi melhor do que a escola, também do espaço não tenho nada a reclamar (Mãe 10).

4.5.4 Percepção da experiência na escola

Para entender um pouco como foi essa experiência, as questões foram feitas para comparar as situações de cotidiano anterior com o atual. Na comparação entre os cotidianos escolares da década de 80 e agora, na avaliação dos alunos,

destacase a desvalorização do professor, dizem que havia mais respeito e, no aspecto positivo de hoje, a tecnologia foi apontada como um facilitador da aprendizagem, fator que não existia. Interessante, ao analisar as respostas, como as lembranças e foco de atenção eram nas relações humanas próximas e, atualmente, o ponto positivo é a técnica. (nossos grifos)

Meu cotidiano escolar, na época, era ótimo! Ir para escola me animava, pois lá encontrava os amigos, brincava, aprendia brincando. Os professores eram animados e bem articulados, toda aula era diferente, na maioria das vezes não havia monotonia ou mesmice. Hoje, na minha visão, ir para a escola virou algo obrigatório, pois a garotada desta geração não vê a escola como um meio importante para formação deles. Apenas pensam no hoje o amanhã, penso amanhã (Aluna 1).

Hoje, as crianças e jovens tem mais benefícios como cursos gratuitos, computadores nas escolas, coisas que quando eu estudava não possuía. Com o avanço da tecnologia, hoje as aulas estão mais interativas (com usode data show, notebooks, tabletes, internet) (Aluna 2).

A forma de se colocar as coisas; nos dias atuais há uma diminuição da “energia”, tanto por parte dos professores, quanto dos pais, a falta devalorização dos professores, sendo uma profissão de correção, há dificuldade de trabalhar hoje como educador, por conta do salário e falta de apoio geral (Aluna 3).

Muitas brigas, muita rivalidade. Hoje não posso avaliar, porém fiz um ano de estágio e pude vivenciar o perfil dos alunos e da escola. Houve uma mudança na clientela, por isso o comportamento dos alunos mudou paramelhor (Aluna 4).

O cotidiano escolar era muito bom, tínhamos que ter responsabilidade com nossos trabalhos e tarefas de casa. Os professores eram atenciosos e preocupados com os alunos. Tinha também muitas festas comemorativas (Aluna 5)

Na época que estudei era muito melhor a disciplina era mais firme os alunos respeitavam mais os professores e diretores e alunos, pois na minha época tínhamos medo. Hoje em dia não respeitam e até enfrentam as autoridades na escola (Aluna 6).

A escola, seu cotidiano era bem rígido, quanto ao horário de chegada, cantar o hino nacional. Chegávamos até cedo na escola para que não pudéssemos cantar o hino sozinho ou de frente para os alunos. A segurança era bastante severa. Hoje o que eu percebo não há mais o canto do hino e os alunos entram e saem da escola quando querem (Aluno 7).

Hoje existe mais desrespeito aos professores e funcionários. Os alunos têm pouca vontade de estudar. Antigamente tínhamos que “correr atrás” / buscar a matéria (Aluna 08).

Na época em que estudei havia organização e atenção para com os alunos. Hoje não há tanta preocupação, nem o amor, nem o carinho. É mais mecânico, sem cuidado com cada um (Aluna 9).

Na época em que eu estudei os professores tinham valor, tinham muita importância na nossa vida, hoje acho que estão desmotivados, a própria escola não os respeitam e não dão o devido valor que eles merecem. Eu hoje olho com um grande pesar, pois não sei bem o que aconteceu com a educação em si, mas os valores estão totalmente invertidos, na minha época tínhamos verdadeiro respeito, e éramos cobrados com rigor (Aluna 10).

Hoje está bem melhor, estão mais disciplinados, os alunos não entra mais sem estar uniformizado, não tem brigas como antes (Aluna 11).

Jamie ajudou bastante sim. Porque eu onde fui criado no bairro Alegria. Hoje é melhor da escola, nunca tive problema com matéria. Matéria que mais gostava é artes (Aluna 12).

Muito bom. A escola de hoje não este mal educado como antigamente. (Aluna 13).

Antigamente, eu percebia um respeito maior dos alunos em relação aos professores, bem como um comprometimento e empenho maior por parte dos professores (Aluno 14).

Antigamente, a escola não era muito evoluída em tecnologia que ajuda no aprendizado (Aluna 15).

Os entrevistados foram beneficiados para a obtenção dos conhecimentos diversos e para o enfrentamento da vida cotidiana, isso também reforça o aluno a aprender e adquirir outros conhecimentos e habilidades.

Os relatos confirmam que os alunos que estudaram no Colégio Getúlio Vargas melhoraram os objetivos de vida, aumentaram as esperanças, mantiveram os benefícios obtidos após o término dos cursos que a escola oferece. Foram e continuam sendo significativos para o resto da vida.

Os professores em geral também percebem a experiência como positiva, para alguns foi o primeiro trabalho e devido ao perfil da população e situação em geral encararam como desafio, intelectual e transformador da teoria em práticas escolares. (nossos grifos)

Participando sempre das reuniões e acompanhando o seu desenvolvimento, poderíamos enumerar uma série de situação, mas quero aqui ressaltar que surgia um novo e grande bairro, umas duas, que acho serem de grande valia para toda a comunidade educativa, são: Em 1983, demos início a esta Unidade Escolar, ao meio da formação de novo bairro formado por 3501 unidades residenciais, totalizando uma média de 14.004 habitantes. Nesta formação, os diversos bairros periféricos do Município, vindo daí as causas indisciplinadas. Ficamos muito assustados, visto que o índice de desenvolvimentos foi muito grande, gerando brigas inacabadas e diárias. Tivemos que diante destes fatos reunir a nossa equipe diretiva tornando medidas disciplinares, e criando medidas para conhecimento melhor e profundos dos alunos de maior insubordinação. O braço firme, associado ao ombro e à palavra amiga nos levou à formação mais humana desta nova comunidade educativa, que neste período já tinha em seu bojo mais ou menos 3954 alunos – foi muito difícil. (b) O segundo relato que foi desafiador, bem como glorioso para toda equipe diretiva e docente deste educandário municipal, localizado em zona urbana a dista do centro foi à implantação do Ensino Técnico, no terceiro turno. Embora seja desta formação de obrigatoriedade do governo estadual, o nosso município assumiu com empenho e competência a implantação dos cursos técnicos em Informática e Mecânica Industrial, mais tarde também o ensino de turismo. Estes três cursos foram estudados, suas grades curriculares elaboradas conforme as normas padrões do MEC - Ministério de Educação e Cultura. O grau de satisfação e aproveitamento foi imensurável, pois os mesmos foram criados num momento do grande surgimento da informática no país, bem como o curso de Mecânica veio ao encontro com as empresas automobilísticas se instalando em nosso município. Os resultados foram os melhores. Tantos anos após, o Município ainda formando Técnicos para toda nossa região (Prof. 2).

Nas décadas de 80 e 90 os alunos na maioria não eram tão críticos como agora, não sei se essa maneira silenciosa de acatar ideias sem contestar é a tal disciplina que muitos professores antigos tinham como regra (Prof. 3).

A escola foi a maior base para a minha formação de vida e formação profissional, Na época que entrei, a escola já estava passando por mudanças. A pressão era grande, os alunos tinham dificuldades, mais eram mais responsáveis. Na escola que trabalhei, encontrei realidades diferentes e desafios também. As dificuldades dos alunos no decorrer dos anos

aumentaram e a minhas angústias também. Sempre gostei de trabalhar com coisas novas e de criar. Observava o perfil da turma, suas necessidades. Além da visão de mundo deles, como aplicar tudo que havia aprendido? Isto era mais um desafio. Mas fazia com que inspirações surgissem. Tudo foi surgindo graças às novas técnicas que surgiram: preparação para leitura, na leitura, na interpretação e na escrita. Estes cursos bons traziam propostas novas, podia ensinar o aluno segundo a visão dele de mundo e a realidade do texto. Isto já o preparava para a escrita. Alguns não se adaptavam, porque a família era omissa. Não acompanhava. Nós tínhamos a Orientadora Educacional que estava sempre presente. Isto facilitava o trabalho. Claro que aqueles que a família não acompanhava o desenvolvimento do aluno, muitas vezes pressionavam para que nós os colocássemos na série seguinte, muitas vezes sem base. No entanto, aqueles que deixavam este processo acontecer, queriam aprender, participar das atividades propostas: como jornal, filmes, livro e teatro. E surgiam bons resultados feitos por eles. Grandes aliados, estes alunos, nunca deixaram que eu desistisse. E os que tinham dificuldades também eram complementados e tinham somente fazer a sua parte. Nunca permitir que desanimassem sempre os incentivei a acreditar que tinham capacidade e que tinham que fazer a sua parte. Nem sempre fui entendida por alguns profissionais. Mas sempre segui em frente. Hoje estou aposentada, a experiência que tive lidando com pessoas fez com que começasse um novo trabalho com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem (Prof. 4).

Nessa categoria, há de se considerar que a união, o trabalho realizado em torno do ensinar e aprender foi muito importante para a atuação e ação no colégio. Nesses depoimentos dos atores da escola, verificou-se que as experiências e os projetos em função da práxis se fazem constantes e de concordância com os profissionais que administram as práticas pedagógicas.

As respostas dadas pelos alunos, pais e professores, levam a refletir, com base em Serres (2013, p. 55). "Se a imagem da luz servir ainda para ilustrar, por assim dizer, o conhecimento, nossos antepassados ficavam com a claridade, enquanto optamos pela velocidade. O motor de busca pode, eventualmente, substituir a abstração". Esta reflexão feita por Serres, tão profunda, invade-nos constantemente ao pensarmos a ação intelectual, as práticas pedagógicas e o aguçamento do próprio conhecimento. Consideramos que os trabalhos devem ser feitos alicerçados numa prática renovadora e democrática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saber organizado constitui, verdadeiramente, a nova fonte do poder humano, dirigindo a ação e a conduta do homem, por intermédio das instituições sociais de sua criação. Pelo saber, pela ciência, obtém o homem poder para a sua criação. Pelo saber, pela ciência, obtém o homem poder de uma consecução dos seus objetivos vitais e o põe em operação por meio das instituições sociais, cujo progresso promove por meio desse saber mesmo saber, automaticamente organizado e em condições de independência suficiente para se elaborar e renovar constantemente (TEIXEIRA, 2006, p. 173).

Para encerrar este estudo, apresenta-se a epígrafe de Anísio Teixeira que incentiva a todos a serem diferentes do que eram no início deste trabalho de pesquisa. A partir da investigação realizada nesta Tese de Doutorado, construída por pesquisa feita junto aos trabalhos realizados no cotidiano escolar de uma escola pública de periferia, com alunos, pais ou responsáveis, professores e demais entrevistados, percebe-se a sinergia que envolve a pesquisa científica que aguça outros olhares, novo entendimento de mundo e de vida, que serão fortalecidos constantemente, por meio de trocas de experiências.

Acredita-se que, nas vivências do cotidiano escolar, os atores que compõem o cenário educativo são sujeitos de inúmeras experiências e sabedoria que nos nutrem constantemente, incentivando descobertas, conhecimentos novos, desafios diversos, para trabalhar nas diversas instâncias. Por exemplo, os alunos entrevistados revelam satisfação em relação à escola, amor aos atores que compõem o cenário pedagógico, entusiasmos ao se referirem aos fatos vividos no contexto escolar. Há uma existência concreta do sujeito que atribui uma significação peculiar ao fazer parte desta escola. Para os pais, o bom ensino e o respeito sempre estiveram presentes nas conversas com os responsáveis e nos trabalhos que faziam junto aos atores da Instituição. Os professores, sujeitos de subjetividades que podem fornecer conhecimentos para entender melhor as suas necessidades, o seu trajeto, enquanto seres em ação-reflexão, reconheceram na experiência um aprender a ouvir e se engajar nas reivindicações da comunidade. A pesquisa evidencia a relação comunidade / escola dos anos de 1983 a 1997 e se apresenta como apoio para suas necessidades junto ao poder público. Esta tese procurou compreender a gestão democrática da Escola Getúlio Vargas com a comunidade, num processo de aprender com o outro.

De modo geral, a experiência de uma gestão democrática na escola municipal Getúlio Vargas foi positiva na formação geral do aluno, para os pais que dividiram a

educação com a escola, para os professores que precisaram criar, planejar e ouvir a comunidade, num aprendizado difícil de diálogo e parceria, com aprendizagem para além do conteúdo formal acadêmico, que perpassou valores, afirmação da identidade pessoal e coletiva. As análises dos relatos levantados na pesquisa consolidam as ações de um contexto escolar singular.

Cabe aqui trazer as conclusões a respeito dos alunos egressos da pesquisa em pauta, centrando-se em algumas respostas destaques para o melhor entendimento que segue:

A escola foi e continua sendo em minha vida o meio fundamental pela busca do saber, fazendo com que eu cresça tanto intelectualmente como pessoa, como profissional. Através da escola aprendi a moldar o ser que me tornei, um homem que acredita que a educação, a reponsabilidade, o aprendizado, é o caminho certo para a formação do ser humano (Aluno 7).

Com base nesse depoimento do entrevistado, e nos princípios que estão imbuídos na fala do sujeito, a escola orienta e forma para o cumprimento de sua articulação social, interagindo com os olhos voltados para as várias dimensões da independência e da autonomia do discente. Tudo deve ser construído em consonância com as experiências dos sujeitos. Tudo pode favorecer outras trocas, outras leituras das questões que circulam a prática. Nesse mesmo sentido, fica evidente que ser educador é agir e reagir diante das dificuldades e dos fatos que possam surgir. No que se refere à gestão escolar, existiu um trabalho coletivo, estudos, pesquisas e convicção do trabalho que estava sendo realizado nas instâncias da escola e principalmente com a comunidade escolar. Foi possível trabalhar, no âmbito da escola, mover ações, interagir com outras pessoas, construir nova hipótese de trabalho em torno do saber compartilhado. Relacionado ao cotidiano escolar, os sujeitos envolvidos na pesquisa podem oferecer análises, reflexões educativas, oportunidades de colocar os benefícios obtidos nas diversas ações do cotidiano. Houve espaço para as colocações das situações que viveram na escola.

Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam. Daí que a briga pelo resgate do sentido da utopia de que a prática educativa humanizante não pode deixar de estar impregnada tenha de ser uma só constante (FREIRE, 2010, p. 115).

Nesse entendimento, com Freire (2010, p.120) “[...] É escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura”

De posse dessa reflexão, tudo pode ser estratégia para o acesso a novas informações e a formação dos envolvidos no processo educativo, de modo que possam vivenciar experiências singulares. O objetivo deste trabalho foi apresentar uma experiência que envolveu uma equipe de educadores frente a uma escola e uma comunidade em formação na cidade de Resende. Essa experiência e a coleta de informações com pais, alunos e professores buscou mostrar que uma escola pode fazer diferença no lugar a que pertence, quando se importa e se aproxima das pessoas e de suas necessidades.

A fala do diretor em consonância com as dos demais entrevistados é indício da complexidade para enxergar a educação como campo de saber, de ação e de conhecimento, que envolve questões sociais, políticas, filosóficas, além de aspectos ocultados pelo silêncio, que guardam as emoções das pessoas. Diante da complexidade da escola, é aconselhável que as decisões ocorram num contexto de diálogo, e ações coletivas, convocamos, então, os atores envolvidos nos afazeres para participar e buscar soluções em comunhão com os sujeitos que compõem a instituição em ação.

Importante frisar que, nesse processo, não há apenas uma reprodução do já criado, mas pelo contrário, o novo surge a partir do movimento no qual o sujeito, em atividade, constitui seus sentidos base na dialética interna/subjetiva, recorrendo a elementos de sentidos (articulados no plano da subjetividade) de diversas procedências diferentes. Explicando melhor: os sentidos não são respostas fáceis, imediatas, mas são históricos. Constituem-se a partir de complexas reorganizações e arranjos, em que a vivência afetiva e cognitiva do sujeito, totalmente imbricados na forma de sentidos, é acionada e mobilizada. A mobilização interna e a qualidade desses arranjos e rearranjos vão depender tanto do momento específico do sujeito, como das condições objetivas geradoras da mobilização (AGUIAR et.al., 2009, p. 63-4).

De acordo com os autores, todos os trabalhos que se constituem na dialética interna/externa perpassam o plano da subjetividade em diferentes modos. Nesse sentido, os autores que sustentam a citação acima, confirmam que os sujeitos envolvidos movimentam-se, e tudo influi na parte emocional, nas subjetividades, conseqüentemente, flui na parte social, que é o de que necessitamos para autonomia dos sujeitos envolvidos no trabalho.

A visão dos entrevistados mostra-nos que a autonomia dos sujeitos históricos cuja identidade é fortalecida, a promoção dos alunos e as ações que circundam o fazer pedagógico ajudam a fortalecer a comunidade e os atores da escola. A participação com a escola é fundamental para a socialização e para a dinamização dos sujeitos em prol da inserção social, a partir dos conhecimentos adquiridos num processo de ação-reflexão. Os professores investigados deixaram claro que, em suas ações cotidianas, respeitaram a história do sujeito atuante, na sua prática social e no mundo representativo de sucessos e insucessos, embora, a história de cada sujeito requeira uma dinâmica diferente para trabalhar em sua essência.

Na verdade as palavras não podem explicar e nem têm a capacidade de explicar realidades. Existem fendas, lacunas, buracos entre as palavras e as coisas, entre linguagens e realidades. A lógica estrutural do discurso não dá conta do não verbal na jornada de uma educadora. O essencial é permanecer sempre em estado de apetite. Afinal o que eu sou é o que me faz viver (MORAIS, 2012, p.66).

A singularidade do sujeito deve ser respeitada, juntamente com as ações pedagógicas, as trocas de experiências, as vivências de cada um, as experiências que cada um traz em sua singularidade.

REFERÊNCIAS

- ABDIAN, G. Z.; HERNANDES, E. D. Concepções de gestão e vivência da prática escolar democrática. **RBPAE**. v. 28, n. 1, p. 144-62. jan./abr., 2012.
- AGUIAR, W. M. J. de. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M. (Orgs.). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALVES, N. **Artefatos tecnológicos relacionados à imagem e ao som na expressão da cultura de afro-brasileiros e seu "uso" em processos curriculares de formação de professores na Educação Superior: o caso do curso de Pedagogia da UERJ/ Campus Maracanã**. Rio de Janeiro, 2005. Mimeo.
- ALVES, N. et al. **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2004.
- ANASTASIOU, L. G. C. **Metodologia do/no ensino superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica**, 1997. 165f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- AUGÉ, M. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BOBBIO, N. **O futuro da democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 10. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1988.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9394 de 20 de 12 de 1996 (Lei Darcy Ribeiro) - Plano Nacional de educação: Lei nº 10.172, de 10 de janeiro de 2001 e legislação correlata e complementar**. 6. ed. rev. atual. ampl. São Paulo: EDIPRO, 2013. (Série Legislação).
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHAUÍ, M. L. Laços do desejo. In: NOVAES, A. (Org.). **O desejo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.
- CHIAVENATO, A. **Introdução à teoria geral da administração**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CIDADE ALEGRIA (RESENDE). **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Resende, 2014. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Alegria_%28Resende%29>. Acesso em: 20 dez. 2015.

COLÉGIO MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS. **Livro de Registros**. Resende, Rio de Janeiro, 2010.

COLÉGIO MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS. **Projeto Político-Pedagógico (PPP)**. Resende, RJ, 2010.

EZPELETA, J. C.; ROCKWELL. E. **A pesquisa participante**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FAZENDA, I. C. **A interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1999.

FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre várias maneiras de sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GANZELI, P. Administração e gestão da educação: elementos para discussão. In: BITTENCOURT, A. B. et al. (Org). **Estudo, pensamento e criação**. Campinas, 2005. v.3, p.13.

HORA, D. L. da. **Gestão democrática na escola: artes e ofícios da participação coletiva**. Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e de educação. In: SILVA, T. T. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2002.

LEFÉBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LINHARES, C. (Org). **Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MAGALHÃES, J. P. de. Breve apontamento para a história das instituições educativas In: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J.C. (Orgs.). **História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas: Autores Associados, 1999, p. 67-72.

- MINTO, L. W. Administração escolar no contexto da nova república e do liberalismo. In: MINTO, L. W.; ANDREOTTI, A.; LOMBARDI, J. C. **História da administração escolar no Brasil**. Campinas: Alínea, 2010.
- MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, n. 37, mar1999.
- MORAIS, S. A. **O cotidiano escolar revelado na jornada: ruptura/Iniciação, preparação e retorno de uma professora criadora**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2012.
- OLIVEIRA, I. B. de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. **Educação e sociedade**, Campinas, v.28, n. 98, p.47-72, jan./abr., 2007.
- OLIVEIRA, I. B. de.; SGARBI, Paulo. Da diversidade nós gostamos, já que toda unanimidade é burra. In: _____. **Redes culturais, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 7-18.
- PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**, 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 1990.
- PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1996.
- PARO, V. H. **Gestão escolar democracia e qualidade de ensino**. São Paulo: Ática, 2007.
- PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- PEREIRA, M. R. **A direção da escola e o cotidiano escolar: entre teorias e práticas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP: 2010.
- PORTO, I. Ambiente e comportamento humano. In: LAMPERT, E. (Org.). **Pósmodernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- RESENDE, RJ. Gabinete do prefeito. **Decreto nº119, de 04 de maio**. Resende, RJ, 1993.
- RESENDE, RJ. Gabinete do prefeito. **Decreto nº 043, de 01 de agosto**. Resende, RJ, 1983.
- RESENDE, RJ. Gabinete do prefeito. **Decreto nº 088, de 16 de março**. Resende, RJ, 1993.
- RODRIGUES, C. L. G. **Estudo sobre a percepção dos gestores das escolas estaduais de Piedade sobre o curso de gestão educacional da faculdade de**

educação da UNICAMP (2005/2007). 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2010.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCALERCIO, V. S.; MAGALHAES, G. R. Novos espaços residenciais de Resende (RJ) após o processo de reestruturação da cidade a partir dos anos de 1990. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL DA UFRJ, 30, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro:UFRJ, 2008.

SEIXAS, J. A. de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Unicamp, 2004. p. 37-55.

SERRES, M.. **Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOARES, M. L. de A. **Girassóis ou heliantos: maneiras criadoras para conhecer geográfico.** Sorocaba: Prefeitura Municipal, 2001.

SOARES, M. L. de A.; NOGUEIRA, E. J.; GOMES, L. F. No cenário da pós-modernidade: a reiterada exigência de qualidade e excelência na educação contemporânea. **Conjectura: Filosofia e Educação, Caxias do Sul, v.18, n.1, p.120-34, jan/abr. 2013.**

SOUSA, R. G. de. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças: espaços de diálogos e práticas. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS. 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2010.

TEIXEIRA, A. S. **Educação e o mundo moderno.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VICTÓRIO FILHO, A.; MONTEIRO, S. C. F. **Cultura e conhecimento de professores.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DE SOROCABA- UNISO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa: **O COTIDIANO ESCOLAR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE RESENDE**. No caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação ao pesquisador(a) ou à instituição. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do(a) pesquisador(a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

**NOME DA PESQUISA: O COTIDIANO ESCOLAR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE RESENDE PESQUISADORAS
RESPONSÁVEIS:**

- **Prof.ª Dra. Eliete Jussara Nogueira:** eliete.nogueira@prof.uniso.br
- **Vera Lúcia da Silva Almeida:** veraluciaalmeida.professora@gmail.com **ENDEREÇO:** Rua 6, 193, Nova Alegria. Resende/RJ.

TELEFONE: (15) 2101-7082 – Pós-Graduação Mestrado em Educação

OBJETIVOS: Levantar a opinião sobre o cotidiano escolar vivido nos anos 80/90, na Escola Municipal GV.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se concordar em participar da pesquisa, você terá que responder a um questionário sobre os problemas no cotidiano escolar. As respostas serão analisadas e divulgadas como dados agrupados, não haverá identificação pessoal, sua participação é livre e se, a qualquer momento, quiser interromper, não haverá nenhum tipo de prejuízo para você.

RISCOS E DESCONFORTOS: Não haverá risco, nem desconforto, por se tratar de entrevista sem identificação.

BENEFÍCIOS: Os benefícios indiretos consistem em favorecer os estudos e reflexões sobre o cotidiano escolar.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Os participantes da entrevista não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Garantimos o sigilo, assegurando a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e informamos que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa.

Assinatura do Pesquisador Responsável:

_____ continua

continuação

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG: _____,
CPF _____, declaro que li as informações contidas neste documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora VERA LÚCIA DA SILVA ALMEIDA dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo / reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.
Declaro ainda que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento..

Sorocaba, ___/___/2014

Nome e assinatura do sujeito

**APÊNDICE B – MODELO DO QUESTIONÁRIO
USADO COM ALUNOS EGRESSOS**

QUESTIONÁRIO: PARA ALUNOS EGRESSOS **Data da entrevista: / /**
DADOS PESSOAIS

-
- 1. Gênero:** Fem. () Masc. () **2. Data de Nascimento:** __/__/__ **Idade:** ____ **3. Estado Civil:** Casado () Solteiro () Separado/desquitado () Viúvo () **4. Escolaridade:**
Ensino fundamental/ do 6ºano ao 9º ano. ()
Ensino Médio () Curso Técnico ()
Ensino Superior / Faculdade. () curso: _____
- 5. Estudante:** () Sim () Não Se sim, onde e qual curso:

- 6. Trabalho:** () sim () não Onde/ função: _____
Aposentado: sim () não ()
- 7. Com quem mora?**
() pai, a mãe, e irmão(s). () cônjuge e filho(s) () cônjuge
() cônjuge, filho(s) e neto(s). () filho(s) e neto(s) () amigos ()
) sozinho
- 8. Sustenta-se por renda:** Própria () Familiar ()

DADOS SOBRE A VIVÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL

-
- 1.** Período de estudante no Colégio Municipal Getúlio Vargas: Início: __/__/__
Término: __/__/__
- 2.** Qual a sua idade nesse período: _____
- 3.** Na sua, opinião, como a escola influenciou na sua vida, na profissão, na sua formação geral como sujeito?

- 4.** Se pudesse avaliar o cotidiano da escola quando você frequentou e hoje, como avaliaria?

- 5.** Qual a primeira coisa que lhe vem à cabeça quando pensa no Colégio Getúlio Vargas?

- 6.** Você se lembra de alguma situação, que gostaria de contar, relacionada aos professores, colegas e ou outras?

APÊNDICE C – MODELO DO QUESTIONÁRIO USADO COM OS PAIS

QUESTIONÁRIO: PARA PAIS

Data da entrevista: / /

DADOS PESSOAIS

1. Gênero: Fem.() Masc.() **2. Data de Nascimento:** __/__/__ **Idade:** ____ **3. Estado Civil:** Casado () Solteiro () Separado/desquitado () Viúvo () **4. Escolaridade:**

Ensino Fundamental/ Primário/ ou 1ª a 4ª série do primeiro grau ().

Ensino fundamental/ do 6ºano ao 9º ano. ()

Ensino Médio () Curso Técnico ()

Ensino Superior / Faculdade. () curso: _____

5. Estudante: () Sim () Não Se sim, onde e qual curso:

6. Trabalho: () sim () não Onde/ função: _____
Aposentado: sim () não ()

DADOS SOBRE A VIVÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL

1. Na sua opinião, como a escola influenciou na vida de seu filho, na trabalhos escolares?

2. Analisem as relações entre pais/professores/escola (aspectos positivos), (aspectos negativos).

3. Relatem situações vivenciadas junto com professores, relativas ao seu próprio filho.

**APÊNDICE D – MODELO DO QUESTIONÁRIOS
USADO COM PROFESSORES**

QUESTIONÁRIO: PARA PROFESSORES **Data da entrevista:** / /

DADOS PESSOAIS 1. Gênero: Fem.() Masc.() 2. Data de Nascimento: __/ __/

Idade: _____

3. **Estado Civil:** Casado () Solteiro () Separado/desquitado () Viúvo ()

4. **Possui filhos:** Sim () Não () Quantos: ()

5. **Tempo de Docência:** _____

6. **Escolaridade:**

Ensino Médio () Curso Técnico ()

Ensino Superior / Faculdade () curso: _____

5. **Estudante:** () Sim () Não Se sim, onde e qual curso:

6. **Trabalho:** () sim () não Onde/ função: _____

Aposentado: sim () não ()

DADOS SOBRE A VIVÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL

1. Na sua opinião, como a escola influenciou na sua vida e na profissão?

2. Relatem situações vivenciadas no Colégio que marcaram a sua vida.

APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS EGRESSOS

Quadro 1: Dados pessoais dos Alunos					
Alunos	Gênero	Idade	Estado civil	Escolaridade	Trabalho
1	Feminino	30	Casada	Ensino Superior / Secretária/ professora	Secretária
2	Feminino	32	Casada	Ensino Superior	Estudante
3	Feminino	32	Casada	Não colocou	Empresária Estudante
4	Feminino	41	Solteira	Ensino Superior	Comércio
5	Feminino	30	Casada	Ensino Médio	Professora
6	Feminino	36	Solteira	Ensino Médio	Comerciante Proprietária
7	Masculino	36	Casado	Ensino Superior	Empresa
8	Feminino	45	Solteira	Ensino Superior	Enfermagem
9	Feminino	35	Solteira	Curso Técnico	Professora
10	Feminina	30	Solteira	Ensino Superior	Colégio e Vendedora
11	Feminina	40	Casada	Ensino Superior	Secretária
12	Feminina	42	Casada	Ensino Fundamental	Do lar
13	Feminino	36	Casada	Ensino Médio	Empresa
14	Masculino	36	Solteiro	Ensino Médio	Empresa
15	Feminina	30	Casada	Ensino Superior	Professora

Quadro 2: Questionário Alunos	
Alunos	1. Na sua opinião, como a escola influenciou na sua vida, na profissão, na sua formação geral como sujeito?
1	A escola me influenciou no meu modo de agir, pensar, ter senso de responsabilidade, de pensar o certo e errado e principalmente na tomada de decisões. Este fator aprendi, absorvi conhecimentos, da escola, a me preparar para enfrentar a vida pessoal e profissional.
2	Tive grande influência, pois com o estudo adquirimos habilidade, conhecimentos e desde cedo aprendemos a trabalhar em grupo.
3	Pelo fato de ter estudado com bons mestres, refletiu positivamente, tanto na vida escolar, como na carreira profissional, com incentivo de muitos professores mesmo após a formação.
4	Muito pouco. Naquele período havia muitos conflitos entre alunos, isso fazia com que muitos desistissem de estudar. Eu fui um desses que desisti.
5	A escola foi muito importante na minha vida, pois me ajudou a ter responsabilidade em muitas coisas na minha vida adulta.
6	Influenciou, pois tenho um comércio com minha irmã, e aprendi a ser organizada com meus cálculos e minha contabilidade e também na parte de saber lidar com respeito com meus clientes.
7	A escola foi e continua sendo em minha vida o meio fundamental pela busca do saber, fazendo com que eu cresça tanto intelectualmente, como pessoa, como profissional. Através da escola aprendi a moldar o ser que me tornei um homem que acredita que a educação, a responsabilidade, o aprendizado, é o caminho certo para formação do ser humano.
8	Ajudou a ter vontade de fazer faculdade, pois queria ter mais oportunidade na vida.
9	Ajudou na conscientização do futuro, na responsabilidade que preciso com meu trabalho. Influenciou no meu caráter, através do carinho e atenção dos professores e Orientadora Educacional(OE).
10	Tive incentivo da minha família, ela é quem me influenciou em ser o que sou ser honesta perseverante. Não me lembro de nenhuma situação em que a escola me influenciou não. Só me lembro de os orientadores não respeitar a opinião dos alunos e também de não acreditar em nossa palavra.

Continua

11	Tive uma boa influência escolar nessa época, pois aprendíamos a respeitar os professores e colegas. Em minha opinião, a ética, o respeito que hoje trago à minha vida pessoal e profissional eu devo à disciplina que o colégio mantinha. Na minha vida foi bom até porque fiz até o 7º ano, mas minha filha estudou até o 8º ano, hoje ela estuda no Souza Dantas. Meu filho está no 3º ano está bem, ele gosta do colégio, da sala de informática da merenda, da sala de livros (biblioteca) para fazer trabalhos.
12	Eu adorei estudar no Getúlio Vargas, eu passei no momento difícil, eu sinto feliz por estudar na escola, na importância ter amizade na escola. Eu sinto saudade da professora minha infância.
13	Na minha vida a escola foi muito importante. Nos trabalhos escolares me ajudou muito. Foi muito importante para mim. Até hoje a escola é importante para mim.
14	A escola me deu uma boa base para que pudesse me desenvolver intelectualmente e prosperar na progressão dos meus estudos.
15	Influenciou muito bem, pois tem coisas que aprendi que uso até hoje até mesmo no trabalho.

Alunos	2. Se pudesse avaliar o cotidiano da escola quando você frequentou e hoje como, avaliaria?
1	Meu cotidiano escolar, na época, era ótimo! Ir para escola me animava, pois lá encontrava os amigos, brincava, aprendia brincando. Os professores eram animados e bem articulados, toda aula era diferente, na maioria das vezes não havia monotonia ou mesmice. Hoje, na minha visão, ir para a escola virou algo obrigatório, pois a garotada desta geração não vê a escola como um meio importante para formação deles. Apenas pensam no hoje, o amanhã, penso amanhã.
2	Hoje, as crianças e jovens tem mais benefícios como cursos gratuitos, computadores nas escolas, coisas que quando eu estudava não possuía. Com o avanço da tecnologia, hoje as aulas estão mais interativas (com uso de data show, notebooks, tablets, internet).
3	A forma de se colocar as coisas; nos dias atuais há uma diminuição da “energia”, tanto por parte dos professores, quanto dos pais, há falta de valorização dos professores, sendo uma profissão de correção, dificuldade de trabalhar hoje como educador, por conta do salário e falta de apoio geral.
4	Muitas brigas, muita rivalidade. Hoje não posso avaliar, porém fiz um ano de estágio e pude vivenciar o perfil dos alunos e da escola. Houve uma mudança na clientela, por isso o comportamento dos alunos mudou para melhor.
5	O cotidiano escolar era muito bom, tínhamos que ter responsabilidade com nossos trabalhos e tarefas de casa. Os professores eram atenciosos e preocupados com os alunos. Tinha também muitas festas comemorativas.
6	Na época que estudei era muito melhor a disciplina era mais firme os alunos respeitavam mais os professores e diretores e alunos, pois na minha época tínhamos medo. Hoje em dia não respeitamos e até enfrentamos as autoridades na escola.
7	A escola, seu cotidiano era bem rígido, quanto ao horário de chegada, cantar o hino nacional. Chegávamos até cedo na escola para que não pudéssemos cantar o hino sozinho ou de frente para os alunos. A segurança era bastante severa. Hoje o que eu percebo não há mais o canto do hino e os alunos entram e saem da escola quando querem.
8	Hoje existe mais desrespeito aos professores e funcionários. Os alunos têm pouca vontade de estudar. Antigamente tínhamos que “correr atrás” / buscar a matéria.
9	Na época em que estudei havia organização e atenção para com os alunos. Hoje não há tanta preocupação, nem o amor, nem o carinho. É mais mecânico, sem cuidado com cada um.
10	Na época em que eu estudei „os professores tinham valor, tinham muita importância na nossa vida, hoje acho que estão desmotivados, a própria escola não os respeitam e não dão o devido valor que eles merecem. Eu hoje olho com um grande pesar, pois não sei bem o que aconteceu com a educação em si, mas os valores estão totalmente invertidos, na minha época tínhamos verdadeiro respeito, e éramos cobrados com rigor.
11	Hoje está bem melhor, estão mais disciplinados, os alunos não entram mais sem estar uniformizado, não tem brigas como antes.
12	Já me ajudou bastante sim. Porque eu onde fui educado criado na Alegria. Hoje melhor da escola, nunca tive problema com matéria. Matéria que mais gostava é artes.
13	Muito bom. A escola de hoje o aluno não está bem educado como antigamente.

14	Antigamente, eu percebia um respeito maior dos alunos em relação aos professores, bem como um comprometimento e empenho maior por parte dos professores.
15	Antigamente, a escola não era muito evoluída em tecnologia que ajuda no aprendizado.

Continua

Alunos	3. Qual a primeira coisa que lhe vem à cabeça quando pensa no Colégio Getúlio Vargas?
1	A Sétima (7ª) Série, muitas matérias para estudar, mais responsabilidade, administração do tempo entre estudos e lazer. 8ª Série – Transição de criança para adolescente
2	Um ótimo colégio para se estudar, obtive um grande conhecimento neste colégio.
3	Não respondeu.
4	Minha relação com os professores.
5	Gostava das aulas de matemática com o Professor Isaias
6	Lembro-me da minha professora de Inglês que chamava todos os alunos democraticamente, ela ficou grávida, entrou de licença e veio uma substituta. Uma escola onde o ensino era rígido, a disciplina era imposta com rigor, mas que tive a oportunidade de levar comigo todo aprendizado e reter amigos, que até hoje tenho contato.
7	Uma escola grande e grande escola
8	Trabalhos escolares, pesquisas, laboratórios, muito aprendizado.
9	A amizade e professores maravilhosos que incentivavam os alunos.
10	Que quando recebíamos visita ou que qualquer autoridade entrava em sala, levantávamos e cumprimentávamos em sinal de respeito.
11	A amizade, os colegas e também os professores que tinham palavras de incentivo.
12	Foi querido da escola, porque eu tinha talento, eu adorava desenhar, dançar, na hora educação física.
13	Todos eram amigos. Um ajudava o outro.
14	Meus amigos, o desfile de primavera promovido pela escola.
15	Nas amizades que muitas vezes davam conselhos que acabavam me prejudicando.

Alunos	4. Você se lembra de alguma situação, que gostaria de contar, relacionada aos professores, colegas e ou outras?
1	Relato especificado na questão I, mas não posso deixar de mencionar um fato: "Oh garoto (a)". "Vai pra sala!" Era a Dona Vera gritando no corredor. Divertia muito com isso.
2	Sempre fui muito estudiosa e adorava ser aluna destaque da turma.
3	Jogos, viagens, shows de talentos, bons professores que ensinavam com boa disciplina, a cobrança dos educadores.
4	Era uma turma muito agitada, porém respeitava os professores e funcionários.
5	Sem comentários
6	Na oitava série eu só ficava lá nos fundos da sala com a turma da bagunça e acabei ficando para recuperação em matemática, mas estudei sozinha a matéria do ano todo em duas semanas e tirei 95 na prova errei apenas um sinal. Em relação aos professores, lembro muito da Prof. ^a Dagmar, era professora de geografia, que dava aula de forma cômica, o que reteve nossa atenção em sala. Tudo que explicava, ela contava uma vivência, sempre humorada e engraçada. Outro feito que me recordo com alegria foi a Dona Vera gritando no corredor: "Oh garoto", fazendo com que os alunos, após o recreio, entrassem para sua sala. E passava de sala em sala para ver se estava tudo em ordem e se estavam todos sentados. Se tivesse em pé ou fora do lugar era aquele grito, sem esperar "Oh garoto". O aluno tomava cada susto! Isso era alegria para nós. Quanto aos colegas, gostávamos muito de brincar após o recreio, de corredor polonês, montávamos um corredor de pessoas, aqueles que passavam no meio eram pisoteados, batíamos... Neste momento chegava a Dona Vera para impor disciplina e levar de castigo, além do "sermão", muitos conseguiam correr para sua sala, mas os que ela pegava recebia punição pelos outros.
7	Quando minha mãe ia visitar a escola (ela era sempre presente), minhas colegas corriam para me chamar em sala para saber o que eu havia aprontado. Eu tomava cada susto, mas como não fazia bagunça, eu não me preocupava.
8	Lembro-me das aulas práticas de química onde fazíamos experiências muito instrutivas e divertidas.
9	Era uma turma muito agitada, porém respeitava os professores e funcionários.



10	<p>Lembro que quando entrei no colégio, não tinha nem muro, era uma cerca que o fechava. E eu várias vezes fugia até em casa para tomar Nescau, no horário do recreio. E que uma vez, fui pega e levada até a Verinha, que assim a chamávamos, no SOE. Eu fiquei tão arrasada com a “bronca” dela, e pelo fato de tê-la decepcionado, que nunca mais fugi.</p> <p>O respeito, a moral, eram tão presentes nas nossas manhãs, que o errado nos fazia sentir muita culpa.</p> <p>Agradeço à equipe que na minha época formava o Colégio Getúlio Vargas, pois hoje sou uma advogada, que continuo levando esse aprendizado à minha vida.</p>
----	---

Continua

11	Era uma turma muito agitada, porém respeitava os professores e funcionários.
12	Dona Sueli, era da escola, sempre apoiava ser alguém na vida. Era momento eu gostava da dança, foi ótima pessoa, ela gostava trabalhava na escola.
13	Os professores davam aula com amor e carinho. O professor me amava, eu era muito alegre e não fazia bagunça.
14	Fiquei muito satisfeita quando a professora Mi. se tornou diretora da escola, pois foi uma professora que eu conheci na 2ª série quando eu tinha 8 anos e que sempre foi muito comprometida e competente durante todos os anos em que estive no Getúlio Vargas.
15	Sim me lembro. Lembro de uma vez na quadra da escola jogando bola quando cinco garotos começaram a bater no meu colega.

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO DOS PAIS

Enquadramento das entrevistas com Pais

Quadro 3: Dados pessoais dos Pais					
Pais	Gênero	Idade	Estado civil	Escolaridade	Trabalho
1	Fem.	67	Divorciada	Ens. Médio	Pensionista
2	Fem.	54	Casada	Ens. Superior	Não trabalha
3	Masc.	67	Viúvo	Ens. Fund.	Aposentado
4	Fem.	40	Casada	Ens. Téc. Contabilidade incompleta	Do lar
5	Masc.	61	Casado	E. Téc. Contabilidade	Aposentado/Trabalha Como Gerente de loja.
6	Fem.	65	Casada	Ens. Fundamental	Do lar
7	Fem.	70	Casada	Ens. Superior/ Ciências Sociais.	Aposentada
8	Masc.	64	Casado	Ens. Téc.	Vendedor Autônomo
9	Fem.	62	Viúva	Ens. Fundamental	Do Lar
10	Fem.	51	Casada	Ens. Médio	Do lar

Quadro 4: Questionário Pais	
Pais	1. Na sua opinião, como a escola influenciou na vida de seu filho, nos trabalhos escolares?
1	Ensinando-as a trabalhar em grupo, socializando com colegas, ter gosto pelas matérias; respeitar horários e professores e que a escola que tem que ser um lugar de aprender, não ir para a escola para criar problemas para os pais e educadores. É o que ali que formando, poderão crescer.
2	Não respondeu
3	A condição de viúvo, com dificuldades de educar minha filha de seis anos, deixou sobre a responsabilidade da direção e professores do colégio municipal Getúlio Vargas. Não tive decepção, minha filha hoje é uma professora de Português e bem educada.
4	Bom ensino, responsável, respeita os outros, formar ela para bom emprego, foi excelente Dona Vera, como educadora, excelente pessoa, companheira, sempre presente com as mães, ótima pessoa, foi muito bom tempo dela no colégio, etc.
5	O colégio foi muito bom para a Formação do meu filho.
6	Boa, puxava o ritmo. Ajudava o aluno a aprender mais, nas tarefas, no ensino, se faltava aula, mandava bilhete. Se a criança precisava de um médico era avisado pelo professor.
7	Graças a Deus! O Colégio Getúlio Vargas foi a benção em nossas vidas. Eu com problemas de saúde, ("com o marido") encontrei nesse educandário, nos amigos, professores o conforto que eu necessitava. Encontrei carinho, conselho, ombro amigo. A professora Vera tem o poder de apagar. Eu me senti a criança no colo da mãe.
8	Influenciou muito, nos trabalhos escolares, nos ajudávamos no dia a dia. Sendo que a minha filha veio mais tarde veio a se tornar professora.
9	Influenciou como bom profissional, na formação, ajudou na educação, para o trabalho para a vida. Todos estão empregados. Sairão do Getúlio para o trabalho. Todo trabalho feito pela escola. Tem excesso de crianças. Isso atrapalha.
10	Eu tenho nada a reclamar, porque na escola que as minhas filhas estudaram no colégio era muito bom. O ensino das professoras era muito bom elas aprenderam muito.

Continua

Pais	2. Analisem as relações entre pais/professores/escola (aspectos positivos e negativos).
1	Bom, as reuniões trimestrais, ou revisões dependendo do local de ensino, põem a par o rendimento, procedimento e ajuda dos filhos para o futuro, e se gostam ou não de estudar por obrigação.
2	Aspectos positivos

3	“relação ótima” a direção e os professores sempre tiveram um grande empenho e boa vontade na formação de seus alunos, criando assim uma ótima satisfação aos pais.
4	Aspecto positiva ótimo excelente, ótima pessoa, ótimo caráter.
5	O colégio sempre foi ótimo mais depende do aluno.
6	Antigamente era bem melhor o ensino. As coisas que aprendiam eram boas. Era cobrada a tabuada. A criança era acompanhada. Eu me lembro pela minha filha tinha nota e, no final do ano a professora disse que não ia passar a minha filha de ano, pela condição de precisar da Matemática para a Faculdade. Assim, a menina estudou no ano para não repetir. Foi para outro colégio Pedro Braille, tirou notas boas, ficaram três (03) anos de estudos. As pessoas diziam que a escola era forte, ela não ia aguentar. Ela passou.
7	Será que existe clone da Profa. Vera? Que pessoa boa justa! Foi uma inspiração para todos que com ela conviveu naquela época. Mas desejar clone dessa professora seria hoje um castigo. Imagine hoje um trabalhador braçal ganhar mais que um professor com mestrado? O Brasil tem o privilégio de ter polítics autodidatas, professores é uma categoria em extinção.
8	A sala de informática e Cursos profissionalizantes.
9	Hoje não é pior. Hoje é mais difícil. Tinha boa educação. Deixava as crianças e ficava tranquila. Profissionais muito responsáveis. Hoje os pais precisam trabalhar, estão deixando de olhar os filhos, ficam jogados.
10	A minha opinião é que no ano que minha filha estudou era bem melhor do que hoje.

Pais	3. Relatem situações vivenciadas junto com professores, relativas ao seu próprio filho.
1	A chamada a escola, no bimestre pela professora responsável, fiquei a par que minha filha, se estudasse mais, como química, passaria tranquila de ano; que elas participassem se saia bem nas olimpíadas estudantis ganhando até medalhas em inglês e que tinha uma veia de uma criança propensa a ter êxitos como, uma bailarina, atleta.
2	Não respondeu
3	Só situações boas e normais.
4	(cita o nome da filha) professora que desobedecia, não gosta da professora, resto não tive nenhum problema.
5	Foi muito boa. Sem comentários.
6	Ele o meu filho chegou justamente dizendo que tinha apanhado, eu tirei o menino disse que precisava aprender para o exército. Como enfrentar monte de homens. Situação junto ao professor Nenhuma.
7	Éramos uma só família. Eu sabia o que acontecera com minhas filhas porque eu estava sempre no colégio.
8	Boa. Amor. Relacionamento possível na época houve muito entrosamentos entre aluno e professor.
9	Situação boa. A mãe era chamada no Colégio em outubro para dar notícias da aprovação dos filhos. A gincana boa feita pela escola. Pessoas da época que encontram na igreja e lembram. Vende pizza. Na hora do recreio lanches com os alunos com o prefeito da cidade numa sala de 15h00. Não tinha refeitório.
10	Sempre foram boas, as professoras eram atenciosas. A educação de ontem foi melhor do que a escola também e o espaço não tenho nada a reclamar.

APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

Enquadramento das entrevistas com Professores

Quadro 5: Dados pessoais dos Professores					
Pais	Gênero	Idade	Estado civil	Escolaridade	Trabalho
1	Masculino	51	Separado	Ensino Superior	Professor/Atuante
2	Masculino	57	Solteiro	Ensino Superior / Pós Graduação em Gestão Escolar	Professor e Diretor Adjunto
3	Feminino	61	Casada	Ensino Superior / Pós Graduação	Professora Aposentada
4	Feminino	53	Solteira	Ensino Superior/ Português/ Inglês	Professora Aposentada

Quadro 6: Questionário dos Professores	
Professores	1. Na sua opinião, como a escola influenciou na sua vida e na profissão?
1	Influenciou muito, ajudando na disciplina e organização de todos os trabalhos.
2	Sim. Posso afirmar que muito influenciou, pois em 1984, quando fui contratado como professor, esta estaria sendo a minha primeira experiência na área de magistério. Portanto, todo meu trabalho foi principiado no novo e experimental, buscando alcançar os objetivos a que a escola se propunha, diante de uma comunidade nova. Foi desafiador, mas valeu a pena, pois cresci como homem no aspecto humano e social de minha vida, bem como tornei um profissional da educação. Tudo muito bem.
3	A maioria dos anos em que trabalhei foram bons, com problemas como toda entidade de trabalho. Os alunos em 70% apresentaram retorno de aprendizagem e com todas as informações e tecnologias nos dias atuais é impossível ter aluno passivo sem ser crítico. O que não pode ser aceito é anarquia, falta respeito ao próximo seja confundido com uma turma que seja participativa e que saiba o momento certo de expor suas ideias.
4	A escola foi a maior base para a minha formação de vida e formação profissional. Na época que entrei a escola já estava passando por mudanças. A pressão era grande, os alunos tinham dificuldades, mas eram mais responsáveis. Na escola que trabalhei, encontrei realidades diferentes e desafios também. As dificuldades dos alunos no decorrer dos anos aumentaram e a minhas angústias também. Sempre gostei de trabalhar com coisas novas e de criar. Observava o perfil da turma, suas necessidades. Além da visão de mundo deles como aplicar tudo que havia aprendido? Isto era mais um desafio. Mas fazia com que inspirações surgissem. Tudo foi surgindo graças às novas técnicas que surgiram: preparação para leitura, na leitura, na interpretação e na escrita. Estes cursos bons traziam propostas novas, podia ensinar o aluno segundo a visão dele de mundo e a realidade do texto. Isto já o preparava para a escrita. Alguns não se adaptavam, porque a família era omissa. Não acompanhava. Nós tínhamos a Orientadora Educacional que estava sempre presente. Isto facilitava o trabalho. Claro que aqueles que a família não acompanhava o desenvolvimento do aluno, muitas vezes pressionavam para que os colocássemos na série seguinte, muitas vezes sem base. No entanto, aqueles que deixavam este processo acontecer, queriam aprender, participar das atividades propostas: como jornal, filmes, livro e teatro. E surgiam bons resultados feitos por eles. Grandes aliados, estes alunos nunca deixaram que eu desistisse. E os que tinham dificuldades também eram complementados e tinham somente fazer a sua parte. Nunca permiti que desanimassem, sempre os incentivei a acreditar que tinham capacidade e que tinha que fazer a sua parte. Nem sempre fui entendida por alguns profissionais. Mas sempre segui em frente. Hoje estou aposentada, a experiência que tive lidando com pessoas fez com que começasse um novo trabalho com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem.

Continua



Professores	2. Relatem situações vivenciadas no Colégio que marcaram a sua vida.
1	Participando sempre das reuniões e acompanhando o seu desenvolvimento.
2	<p>Poderíamos enumerar uma série de situação, mas quero aqui ressaltar que surgia um novo e grande bairro, umas duas, que acho serem de grande valia para toda a comunidade educativa são:</p> <p>a) Em 1983, demos início a esta Unidade Escolar, ao meio da formação de novo bairro formado por 3501 unidades residenciais, totalizando uma média de 14.004 habitantes. Nesta formação, os diversos bairros periféricos do Município, vindo daí as causas indisciplinadas. Ficamos muito assustados, visto que o índice de desenvolvimentos foi muito grande gerando brigas inacabadas e diárias. Tivemos que, diante destes fatos, reunir a nossa equipe diretiva tomando medidas disciplinares, e criando medidas para conhecimento melhor e profundo dos alunos de maior insubordinação. O braço firme, associado ao ombro e à palavra amiga nos levou à formação mais humana desta nova comunidade educativa, que neste período já tinha em seu bojo mais ou menos 3954 alunos – foi muito difícil.</p> <p>(b) O segundo relato que foi desafiador, bem como glorioso para toda equipe diretiva e docente deste educandário municipal, localizado em zona urbana e dista do centro foi a implantação do Ensino Técnico, no terceiro turno. Embora seja esta formação de obrigatoriedade do governo estadual, o nosso município assumiu com empenho e competência a implantação dos cursos técnicos em Informática e Mecânica Industrial, mais tarde também o ensino de turismo. Estes três cursos foram estudados, suas grades curriculares elaboradas conforme as normas padrões do Ministério de Educação e Cultura(MEC). O grau de satisfação e aproveitamento foi imensurável, pois os mesmos foram criados num momento do grande surgimento da informática no país, bem como o curso de Mecânica veio ao encontro com as empresas automobilísticas se instalando em nosso município. Os resultados foram os melhores. Tantos anos após, o Município ainda formando Técnicos para toda nossa região.</p>
3	Nas décadas de 80 e 90, os alunos na maioria não eram tão críticos como agora, não sei se essa maneira silenciosa de acatar ideias sem contestar é a tal disciplina que muitos professores antigos tinham como regra.
4	<p>A escola foi a maior base para a minha formação de vida e formação profissional, Na época que entrei, a escola já estava passando por mudanças. A pressão era grande, os alunos tinham dificuldades, mas eram mais responsáveis. Na escola que trabalhei, encontrei realidades diferentes e desafios também. As dificuldades dos alunos no decorrer dos anos aumentaram e a minhas angústias também. Sempre gostei de trabalhar com coisas novas e de criar. Observava o perfil da turma, suas necessidades. Além da visão de mundo deles como aplicar tudo que havia aprendido? Isto era mais um desafio. Mas fazia com que inspirações surgissem. Tudo foi surgindo graças às novas técnicas que surgiram: preparação para leitura, na leitura, na interpretação e na escrita. Estes cursos bons traziam propostas novas, podia ensinar o aluno segundo a visão dele de mundo e a realidade do texto. Isto já o preparava para a escrita. Alguns não se adaptavam, porque a família era omissa. Não acompanhava. Nós tínhamos a Orientadora Educacional que estava sempre presente. Isto facilitava o trabalho. Claro que aqueles que a família não acompanhava o desenvolvimento do aluno, muitas vezes pressionavam para que os colocássemos na série seguinte, muitas vezes sem base. No entanto, aqueles que deixavam este processo acontecer, queria aprender, participar das atividades propostas: como jornal, filmes, livro e teatro. E surgiam bons resultados feitos por eles. Grandes aliados, estes alunos nunca deixaram que eu desistisse. E os que tinham dificuldades também eram complementados e tinham somente fazer a sua parte. Nunca permiti que desanimassem, sempre os incentivei a acreditar que tinham capacidade e que tinha que fazer sua parte. Nem sempre fui entendida por alguns profissionais. Mas sempre segui em frente. Hoje estou aposentada, a experiência que tive lidando com pessoas fez com que começasse um novo trabalho com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem.</p>

APÊNDICE H – MODELO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O DIRETOR

Roteiro de Entrevista - para o Diretor

Data da entrevista: __/__/__

1. Sobre dados pessoais

Data de Nascimento: __/__/__

Idade: _____

Estado Civil: Casado () Solteiro () Separado/desquitado () Viúvo () **Tem filhos:** Sim () Não () Quantos: ()

2. Sobre o trabalho como diretor – carreira –

- Como foi sua a carreira docente?
- Qual sua formação acadêmica inicial e atual?
- Teve continuidade nos estudos? Fez pós-graduação?
- Quanto tempo de docência e quando iniciou como diretor, fale um pouco sobre isso?
- Atualmente está trabalhando ou aposentou?

3. O percurso na Escola Getúlio Vargas.

- Como foi o início na escola Getúlio Vargas? Ano, como foi indicado para o cargo, o que o senhor pensou na época? O senhor se recorda do contexto político e social da época? Fale um pouco sobre o que lembra.
- Como era o bairro e as pessoas que viviam na Cidade Alegria?
- O senhor se recorda da escola, da arquitetura, dos professores...
- Gostaria de enfatizar na minha pesquisa sobre a gestão democrática e a participação das pessoas do bairro na escola; o senhor pode contar situações ou fatos em que ocorreram relações entre a escola e a comunidade?
- Na sua opinião, como e por que as reivindicações do bairro aconteceram? O senhor se lembra das pessoas e das reivindicações?
- Qual e como foi sua participação nas relações com a comunidade?
- O que, de maneira geral, o senhor avalia como bom para a comunidade?
- Gostaria de que avaliasse o papel da escola democrática para a formação e aprendizagem dos alunos. Como avalia as situações que ocorreram na escola Getúlio Vargas.
Para finalizar gostaria de agradecer e deixar em aberto para o senhor desejasse completar com o que desejar ou comentar mais alguma coisa?

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DIRETOR

Entrevistadora: Boa tarde professor! Como nos falamos e enviei o roteiro de questões, gostaria de que me falasse livremente, como o senhor desejar, sobre seus dados e depois um pouco sobre seu trabalho como diretor na escola Municipal Getúlio Vargas, contasse sobre sua experiência...

Entrevistado: Eu me chamo Mário José Dias, eu tenho 53 anos, nasci em fevereiro de 1961, sou casado e tenho um filho.

Entrevistado: Primeiramente, nos anos oitenta, eu fiz Filosofia e Pedagogia simultaneamente, depois eu fui fazer história, então, na minha formação acadêmica de graduação eu tenho a graduação em Filosofia, História e Pedagogia. Depois eu fiz uma pós-graduação, tanto na área de história quanto na gestão de Educação a Distância (ED), fiz mestrado na área de História Social e Doutorado em Memória Social. Atualmente estou entrando no curso pós – doutorado.

Enquanto docente, eu comecei em 1982, peguei uma turma de ensino médio, uma experiência muito interessante, porque praticamente nós éramos da mesma idade, a diferença entre mim e os alunos não era uma diferença tão grande, então eu podia fazer essa experiência docente inicial com um prazer com alegria, isso foi no Município de Lorena, depois eu fiz o concurso em Resende e continuei em Lorena.

Em Resende, eu assumi na escola Dona Mariúcha a função de professor de 5ª série, inicialmente porque estava começando naquela época, naquela escola o ginásio, né? E paralelo a isso fui convidado para dar aula no Salesiano, escola particular aqui de Resende na turma de 6ª série e 8ª série e 1º ano do ensino médio, então eu pude fazer essa experiência, tanto na escola pública quanto na escola privada. Atualmente, eu trabalho aqui no arquivo histórico Municipal de Resende e também leciono, sou coordenador de um curso de filosofia no Centro Nissan em Lorena, onde leciono tanto na pedagogia quanto na história e comecei aqui em Resende, como disse antes, na Escola Dona Mariúcha, em Março de 1983, e em agosto desse mesmo ano, o então prefeito municipal de Resende, conhecendo um pouco o trabalho que eu desenvolvia na Mariúcha, sabendo que eu tinha pedagogia com a área de administração escolar, me convidou para o desafio, que eu acho que foi o maior desafio da minha vida e o mais prazeroso, que era começar um projeto na Escola Municipal Getúlio Vargas e oficialmente nós começamos em 05 de dezembro de 1983.

Começamos com pouca gente, só a parte administrativa, e eu fiz questão de escolher uma pessoa que eu conhecia e que admiro que é a lida que era secretária da Dona Mariúcha, então eu fiz questão de escolhê-la, foi a única pessoa que de fato eu escolhi para trabalhar comigo, porque eu sempre aprendi nos manuais de pedagogia que a secretaria é a alma da escola, então eu precisava de uma pessoa organizada, metódica e que fosse de confiança. Depois eu fiz convite para uma professora Magda, que era uma amiga de infância, para trabalhar na área de Coordenação, Coordenadora disciplinar dos alunos no período da tarde que era a criançada. Essas são as duas pessoas com quem eu pude contar no primeiro ano. E logo em seguida, em contato com a Secretária de Educação, me deram a relação dos professores que iam trabalhar comigo, nenhum deles eu conhecia, porque minha vida, embora eu seja resendense, os meus estudos todos não foram em Resende, então eu perdi contato,

digamos assim, com a maioria das pessoas, e então nós fomos para a primeira reunião com esses professores e o que foi legal nessa experiência toda é que esses professores, tanto eles quanto eu, aceitamos o compromisso de iniciar uma escola.

E eu me lembro que na primeira reunião que aconteceu em fevereiro de 1984, eu disse para eles que eu estava fazendo uma experiência de direção, nunca tinha sido diretor de escola e também como eles, nunca tinha trabalhado naquela escola. Então todos nós éramos novos, então que nós correríamos o sério risco de dar certo ou de dar errado, mas estaríamos todos juntos, e portanto eles não poderiam comparar se tinha um diretor melhor do que ou pior do que eu, porque eu era o primeiro, não tinha gestão anterior. E essa época, 1980, era uma época política muito interessante no Brasil, porque a gente estava vivendo o contexto da redemocratização, né?

E em 1983 estava também iniciando um projeto, nos anos 80 um projeto no Brasil de construção de escola, é de comunidades, né? Como eu poderia dizer? Conjuntos Habitacionais, e esse é o cenário geográfico do Getúlio Vargas. O Getúlio Vargas estava no meio de duas grandes empreiteiras, né? O chamado COOPHASUL e a COHAB, e o Getúlio estava no meio, no lugar mais alto desse bairro. No início, o bairro não tinha muita infraestrutura porque a primeira leva de moradores, teoricamente invadiram o espaço, porque eles estavam demorando muito para poder entregar, então alguns ocuparam as suas casas de direito. E a COOPHASUL e a COHAB tinham muita diferença no padrão de qualidade dessas casas, de um lado, e esse conjunto habitacional, ele era dividido ao meio por um canal, é dividido ao meio por um canal até hoje, né?

E então, de um lado, as construções eram de telhas eternit e de outro lado as construções eram de telhas francesas, muradas, inicialmente calçadas, algumas ruas do lado onde ficava o Getúlio, essas telhas eternit sem cercas, isso causa naturalmente um impacto muito grande, né? Porque as pessoas não se conhecem ou não se conheciam, então um vizinho era também uma coisa estranha pra mim, esse foi o primeiro grande desafio. E ao chegar a agente notou que a arquitetura dela não era funcional e não é funcional porque ela era e continua sendo de telha eternit, o que dava um calor muito grande, o sol pegava o dia todo então tinha um momento em que o sol descia ou passava reto, né? E era em blocos separados, eram três blocos cada bloco de dez salas e a escola não tinha cerca, o que pra mim foi uma coisa muito legal, porque a escola cortava a cidade ao meio, então as pessoas passavam tranquilamente por dentro da escola com seu cachorro, com suas famílias, com criança, porque não tinha cerca.

O que separava os alunos na escola era o bloco de aula nesse conjunto de 10 salas e aí resolvi, como era um pouco a minha praia, digamos assim, eu resolvi fazer levantamento em nível de Brasil, pra saber, ou pelo menos no nível regional, pra saber se esse Conjunto Habitacional se replicava em alguns outros lugares, e aí eu fiquei surpreso com a constatação que de fato era um projeto político intencional, porque na região próxima também tinha um conjunto habitacional dividido ao meio e só não tinha escola, mas tinha as telhas francesas e as eternits, então era intencional.

E com isso a gente enfrentou o primeiro desafio, fazer com que os pais acreditassem que a escola não era um divisor de águas, mas que na escola cabia todo mundo. Então nós tivemos no primeiro ano uma resistência maior do pessoal das telhas francesas, como eu costumo brincar, é porque muitos deles preferiam que seus filhos fossem estudar a 8 quilômetros de distância da escola, ao frequentar a escola,

dificuldade de trabalho em grupo, mas tudo isso conseguimos superar, graças a um esforço muito grande de todos os professores ou de pelos menos da maioria dos professores, que de fato acreditou no projeto que a gente tinha, porque era um projeto pontilhado, a gente costumava fazer reuniões sistemáticas e daí veio a necessidade de pensar numa gestão que na época era diferente. Uma gestão em que você tivesse o chamado Diretor Geral, que no caso seria eu, um diretor adjunto que se preocupasse mais com as questões administrativas, que não era muito, não é muito meu forte, eu sou mais da área pedagógica, e o outro Diretor que fizesse a relação com a comunidade. Então nós tivemos uma equipe, nós montamos uma equipe, que eu acredito que tenha dado certo, que foi a presença da Maria da Glória, chamada de Gogoia, e à presença do Djalma, que ficava mais a noite.

E em 1985, como o Brasil estava vivendo aquele momento da redemocratização, eu e minha geração nós fomos às ruas, eu me lembro de ter ido ao Rio e a São Paulo, para brigar por isso, e os alunos ficam sabendo, e começam também a se interessar um pouco por isso, e aí então nós apostamos nesse momento, em 85, de que, de fato, a escola tinha que ser um projeto diferente e tivemos o apoio naturalmente da prefeitura, de todos os prefeitos com quem eu trabalhei, de poder acreditar nessa proposta, então nós começamos a formar a fanfarra, grupos de esportes e aí as pessoas começaram a perceber que a escola não tem lado, que a escola é, de fato, a socialização das pessoas, e nessa época também tinha muitas enchentes, e com isso a escola era o local da acolhida, o que também facilitou a gente mostrar para os pais que nós não éramos diferentes, éramos pessoas que estavam ali para acolher. Então até nisso nós ganhamos, até com a enchente nós ganhamos.

Conhecemos a mãe mais crítica e a mãe mais generosa, isso nos aproximou e desta, desse fato, que era um fato de natureza, por conta da natureza a gente aproveitou para fundar um clube de mães, e esse clube de mães a gente se reunia mensalmente, ele funcionou durante um ano e meio até que uma das mães resolveu burocratizar o que era livre e eu cada vez mais estou convencido, que a burocratização afasta as pessoas, então quando os pais começaram a perceber que as coisas iam começar a se organizar, que aquele clube de mães ia ter uma mãe como presidente e outra seria tesoureira, esse grupo foi esvaindo e desapareceu e eu infelizmente não consegui resgatar.

Por outro lado a gente pode perceber que o bairro é um bairro muito acolhedor, então nós começamos a fazer e a desenvolver alguns projetos em função do bairro, como eu disse no início, as condições não eram muito boas, as ruas eram de chão, poeira, chuva virava barro e com isso a gente começou a pensar um pouco, qual seria a contribuição da escola, então o bairro começa a ser pavimentado e a escola então começa a fazer um projeto ambiental. E hoje com alegria quando eu vou lá e vejo que coisas, né, as árvores que estão lá já florindo e dando manga, por exemplo, era fruto daquele que a gente chamou toda a escola, os alunos, os pais. Tornamos aquele bairro mais agradável, então nós plantamos muitas árvores, mas tudo isso dentro de um projeto muito bem pensado, não foi por acaso, foi intencional.

E a nossa intenção era, de fato, que a escola continuasse aberta e nós resistimos durante muito tempo, que ela continuasse sendo aberta, mas chegou um momento em que os pais, por questões de segurança, acharam que a escola tinha que cercar. E como a gente acreditava nesse processo que os pais são importantes, são os mais importantes parceiros, então a gente vai também comprar essa briga, embora contra a vontade da gente de cercar a escola, e a única exigência que a gente fez na época era que fosse cercada de alambrado, para que os pais pudessem continuar de fora

olhando a escola. Hoje, com tristeza, eu vejo que ela está murada, né? Que pra mim é uma perda, porque os pais não se sentem mais responsáveis pela escola, porque eles não sabem o que está acontecendo lá dentro. Então isso era uma coisa muito interessante pra nós, e nós começamos também não é? A prefeitura começou também a procurar fundar as Associações de Moradores, a gente na época participou de algumas reuniões e insistimos que houvesse uma única associação de moradores, mas isso nós não conseguimos, porque as telhas francesas queriam ter a sua associação de moradores, e as telhas eternit ter a sua própria associação. Isso para a prefeitura foi um ganho, porque dividia a comunidade ao meio, e a escola continuava sendo um lugar de reunião, todas as reuniões aconteciam na escola. E aí, para a nossa surpresa, a escola cresceu e nós tínhamos vinte e duas turmas de 1ª série, e depois a gente pôde, como eu fiquei durante quatorze anos na direção da escola, a gente pôde perceber, de fato, que há essa curva, começam muitos, e poucos terminam.

E no meado do sétimo ano, a gente começou a perceber que esses alunos que saíam da 8ª série, e nós tínhamos um compromisso com eles, né? Então nós começamos a pleitear o ensino médio profissionalizante, que não é obrigação do Município, mas a gente apostou nisso. Nós apostamos no então Secretário de Educação de Estado, que foi prefeito de Resende, o sub-secretário era vereador em Resende e também conhecido nosso, que é o Cláudio Mendonça e o Noel de Carvalho, então nós resolvemos junto com a Secretária de Educação, na época, que era a Dalva Florenzano, comprar essa briga e montamos um projeto para o ensino médio noturno, nós não queríamos que ele fosse diurno, nós queríamos que ele fosse noturno propositalmente, para facilitar que os alunos continuassem trabalhando e para dar a eles a oportunidade de concluir o ensino médio profissionalizante.

Então nós começamos, fomos autorizados, conseguimos vencer todas as barreiras burocráticas, e aí a gente começou com três cursos, o curso de informática, que continua até hoje, não é? E pra isso a prefeitura investiu no laboratório que na época era de última geração, Técnico em Mecânica, que aí nós conseguimos uma parceria muito boa, muito interessante com o SENAI, então os alunos tinham aulas no Getúlio, e as aulas práticas eles iam para o SENAI, a prefeitura disponibilizava ônibus que levava esses alunos para o SENAI e lá no SENAI eles tinham a parte prática, e nós sempre conversamos com a responsável pelo SENAI para fazer esse acompanhamento; e o Técnico em Turismo, que não deu muito certo, porque nós não conseguimos convencer a rede hoteleira das circunvizinhanças que era importante ter um técnico em turismo, né? Então nesse curso nós formamos apenas uma turma, infelizmente.

É acho que já falei um pouco, sobre essa questão da arquitetura da escola, hoje eu sei que o ensino médio não está em pleno vapor, mas continua existindo, né? Justamente os Cursos de Ensino Médio são de responsabilidade do Estado. Mesmo não sendo responsabilidade da prefeitura porque ele onera a Prefeitura e não é obrigação da prefeitura ter, e também nós estamos vivendo um outro tempo, uma outra época, então tem que ser repensado esse projeto, não é? É a gestão nossa, eu acredito que ela sempre foi muito aberta, muito transparente, as nossas reuniões de professores, a gente tinha, lógico, situações de conflito, mas nada que se levasse ao lado pessoal, mas do profissional que fizesse a escola crescer.

Eu costumava sempre dizer que, e continuo acreditando nisso, a escola é o lugar que os profissionais se reúnem, os amigos se reúnem em casa. Então aquela coisa de acreditar que a escola é um espaço de amizade não, a escola é um espaço que

também produz amizade, mas o profissional ele é para além disso, então a gente sempre deixou muito claro isso, de na minha parte, com muita clareza, que os professores podiam livremente se reunir nas suas casas para conversar, bater papo, etc. e tal, porque são amigos e, na minha casa, também eu me reservava o direito de convidar os meus amigos, que ninguém se cobrasse por isso, eu deixava muito claro que ninguém se cobrasse, porque teve na sua casa e você não me convidou? E justamente por isso, porque as reuniões na escola são profissionais, são pessoas que trabalham com a educação e para a educação, na minha casa são pessoas com as quais eu tenho uma convivência passageira ou não, mas é que eu livremente convivi, e assim os pais, muitas vezes os pais me convidam para ir a sua casa fazer visita, eu ia, mas eu ia como profissional e é lógico que entre um ou outro pai a gente acaba criando um vínculo maior, por conta do filho, eu fui padrinho de casamento de alguns alunos, né? É por conta disso, porque a gente não perdeu o vínculo, esses vínculos eram criados extra escola, extra currículos, eram os grupos de esportes, o grupo da fanfarra, e nesse lugar eu acredito sempre que a escola é um grande pátio, pela minha formação anterior eu acredito nisso, que a escola é o espaço do pátio, o espaço da conversa, por isso que todo mundo que trabalhava comigo sabia que durante o intervalo, o recreio, eu não atendia pai nenhum, porque eu me sentia obrigado a estar no pátio com os alunos, com os professores, porque ali, na informalidade, a gente consegue captar alguma coisa, perceber algumas coisas, então eu não atendia pai e nem professor durante o intervalo.

Para garantir a minha presença, e como a escola era grande, o intervalo também era grande, então de nove às dez e meia nós tínhamos três recreios, porque era quantidade muito grande, a escola começou com mil e quinhentos, depois ela foi para quatro mil alunos. E as pessoas perguntam você com vinte e um anos assumiu uma escola com quatro mil alunos, cento e vinte professores, não sei quantos funcionários? E eu respondia que eu trabalhava com pessoas que acreditavam no projeto, quem não acreditava no projeto no final do ano pedia transferência, saía. Uma ou outra pessoa que a gente teve que dispensar porque de fato não acrescentava, eu queria uma escola de qualidade, eu queria uma escola em que os alunos se sentissem protegidos e preparados para o mundo da vida, então quem não estava comigo, e que não conseguia criar um projeto ou um vínculo com esse projeto, não era obrigado a estar ali, então a gente até facilitava para sair, porque não se sentia bem, não concordavam com o jeito como a gente tratava as pessoas, né?

Essas reivindicações que os pais faziam eram todas muito combinadas, muito francas, é lógico que algum pai ou outro chegava mais exaltado e você tinha que acalmar esse paimostrando que como a escola era aberta o pai podia tranquilamente ver o que estava acontecendo. Interessante quando a escola era aberta a gente nunca teve um assalto, nunca ninguém roubou nada da escola, quando ela colocou o alambrado, na semana seguinte aconteceu um assalto dentro da escola, eles roubaram duas caixas de biscoito, mas isso serviu pra gente pensar, roubou biscoito mas podia roubar outras coisas, mas mesmo assim a gente não gradeou a escola, mas imediatamente a gente convocou os pais pra dizer, olha a escola agora tá alambrada agora vocês é que são os vigias da escola, vocês é que tem que tomar conta da escola, aconteceu isso depois não aconteceu mais nada de grave que eu possa dizer.

De uma maneira geral, eu acho que a gente conseguiu marcar uma época no Getúlio, eu me sinto marcado por ela, nas minhas aulas eu costumo dizer que a minha experiência de vida se deu no Getúlio, a minha experiência de vida de seu com as

pessoas com quem eu me relacionei, com as pessoas com quem eu pude contar. Então eu sou o que sou por conta do Getúlio. É lógico que quanto mais aberta a escola for mais democrática ela é, mais participativa ela é, eu acredito muito nisso. Eu não acredito numa gestão burocrática, porque a gestão burocrática, ela afasta as pessoas, e eu estou cada vez mais convencido de tudo aquilo que eu fiz, de tudo aquilo que eu construí e da forma também que eu saí.

O Prefeito que ganhou a eleição, eu sabia que era um cargo de confiança, ele não me quis lá na comunidade, mas eu fiquei sabendo que houve manifestação, que teve abaixo assinado, mas também foi bom porque as pessoas precisam também, respirar outros ares, outros momentos, é lógico que eu não queria sair naquele momento, mas sair naquele momento também foi bom, eu acho que as coisas na vida da gente não acontecem por acaso, foi por conta disso que eu retomei os estudos, que eu pude fazer o meu mestrado, o meu doutorado. Hoje eu estou aqui no arquivo e me sinto bem estar aqui também. Recentemente fui ao Getúlio dar uma palestra aos professores sobre aquilo que eu estudo, sobre gestão, sobre aprendizagem, metodologia ativa, que é aquilo que a gente trabalha. É isso.

ANEXO A - DOCUMENTO DE CRIAÇÃO DA E. M. GETÚLIO VARGAS -
RESENDE, RJ



PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE

85

GABINETE DO PREFEITO

DECRETO Nº 043, de 01 de agosto de 1983

Cria Escola Pública Municipal no Bairro Cidade Alegria com o nome de Escola Municipal Getúlio Vargas.

O PREFEITO MUNICIPAL DE RESENDE, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS,

CONSIDERANDO que o Bairro Cidade Alegria surgido do Conjunto Habitacional popular recentemente ocupado em parte, pelos mutuários do BNH, já apresenta número suficiente de menores carentes de instrução primária;

CONSIDERANDO a distância daquele Bairro às Escolas Municipais existentes em suas vizinhanças;

CONSIDERANDO que o custo elevado dos transportes iria onerar as famílias ali residentes, e com baixo poder aquisitivo;

CONSIDERANDO que o ano de 1983 é o ano comemorativo do centenário de nascimento do ex-presidente Getúlio Vargas;

CONSIDERANDO ter sido o ilustre político o idealizador e concretizador da política de amparo ao trabalhador brasileiro, principalmente daqueles menos favorecidos pela sorte, através da Legislação Trabalhista e da Previdência Social;

DECRETA :

Art. 1º - Fica criada a Escola Municipal situada no Bairro Cidade Alegria, 1º distrito de Resende, com 30 (trinta) salas de aula, e funcionamento previsto para atendimento ao ensino de primeiro grau da 1ª (primeira) a 8ª (oitava) séries e 2º (segundo) grau.



PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE

86

GABINETE DO PREFEITO

DECRETO Nº 043, de 01 de agosto de 1983

Fls. 02

Art. 2º - Passa a Escola Municipal ora criada denominar-se Escola Municipal Getúlio Vargas.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Resende, em 01 de agosto de 1983.

NOEL DE OLIVEIRA

PREFEITO MUNICIPAL

JFB/rmpm.

ANEXO B - DOCUMENTO DE ALTERAÇÃO DO NOME DA ESCOLA MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS



Gabinete do
Prefeito

Prefeitura Municipal de Resende

Publicado 5/3/93
Edição N.º 5806
Jornal A Voz da Cidade
João Carlos
ASSINATURA

Decreto nº 088, de 16 de março de 1993

ALTERA A DENOMINAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS

O Prefeito Municipal de Resende, no uso de suas atribuições legais,

D E C R E T A :

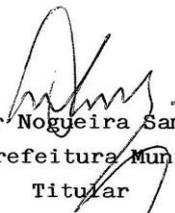
Art. 1º - Passa a denominar-se COLÉGIO GETÚLIO VARGAS, a Escola Municipal Getúlio Vargas situada na rua do Canal s/nº, Cidade Alegria, neste Município, criada pelo Decreto Municipal nº 043, de 1º de agosto de 1983.

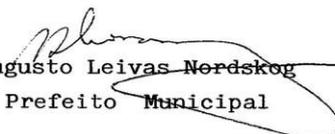
Art. 2º - A Secretaria Municipal de Educação e Cultura adotará as providências necessárias ao cumprimento deste Decreto.

Art. 3º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Dado e passado no Paço Municipal, antiga Casa da Cadeia e da Câmara aos 16 (dezesseis) dias do mês de março do ano de 1993 (mil novecentos e noventa e três) da Graça de Nosso Senhor, 192º da Ereção em Vila de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova e 145º da Elevação a Cidade, hoje Resende, no Estado do Rio de Janeiro.


Oscar Nogueira Sampaio
Vice-Prefeitura Municipal
Titular


Augusto Leivas Nordskog
Prefeito Municipal

ANEXO C - DOCUMENTO DE ALTERAÇÃO DO NOME DA E. M. GETÚLIO VARGAS E CRIAÇÃO DO 2º GRAU



Prefeitura Municipal de Resende

Gabinete do
Prefeito

Decreto nº 119, de 04 de maio de 1993

Publicado 23,05,93
Edição N.º 5871
Jornal A Voz da Cidade
Muni
Assinatura

ALTERA A DENOMINAÇÃO DO COLÉGIO
GETÚLIO VARGAS E CRIA CURSOS DE
2º GRAU.

O Prefeito Municipal de Resende, no uso de suas atribuições legais,

D E C R E T A:

Art. 1º. A denominação do COLÉGIO GETÚLIO VARGAS, constante no artigo 1º, do decreto nº 088, de 16 de março de 1993, fica retificada para COLÉGIO MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS.

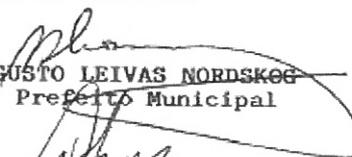
Art. 2º. Ficam criados, a partir de fevereiro de 1992, os Cursos de 2º Grau, Habilitação em Técnico em Processamento de Dados e Técnico em Mecânica, no Colégio Municipal Getúlio Vargas.

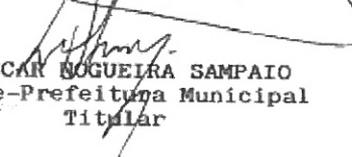
Art. 3º. A Secretaria Municipal da Educação e Cultura adotará providências necessárias ao cumprimento deste decreto.

Art. 4º. Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º. Revogam-se as disposições em contrário.

Dado e passado no Paço Municipal, antiga Casa da Cadeia e da Câmara, aos 04 (quatro) dias do mês de maio, do ano de 1993 (um mil novecentos e noventa e três), da Graça de Nosso Senhor, 192ª da Ereção em Vila de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova e 145ª da Elevação a Cidade, hoje Resende, no Estado do Rio de Janeiro.


AUGUSTO LEIVAS NORDSKOG
Prefeito Municipal


OSCAR BOGUEIRA SAMPAIO
Vice-Prefeitura Municipal
Titular

ANEXO C - MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS DA E. M. GETÚLIO VARGAS - RESENDE, RJ

Nota: Todas as fotos aqui inseridas fazem parte do acervo pessoal dos entrevistados ou são de propriedade da pesquisadora. Reproduções não são permitidas sem autorização expressa.

Figura 6 - Canal periférico da Cidade Alegria, Resende, RJ



Figura 7 - Atividade pedagógica desenvolvida na escola - Disciplina: História

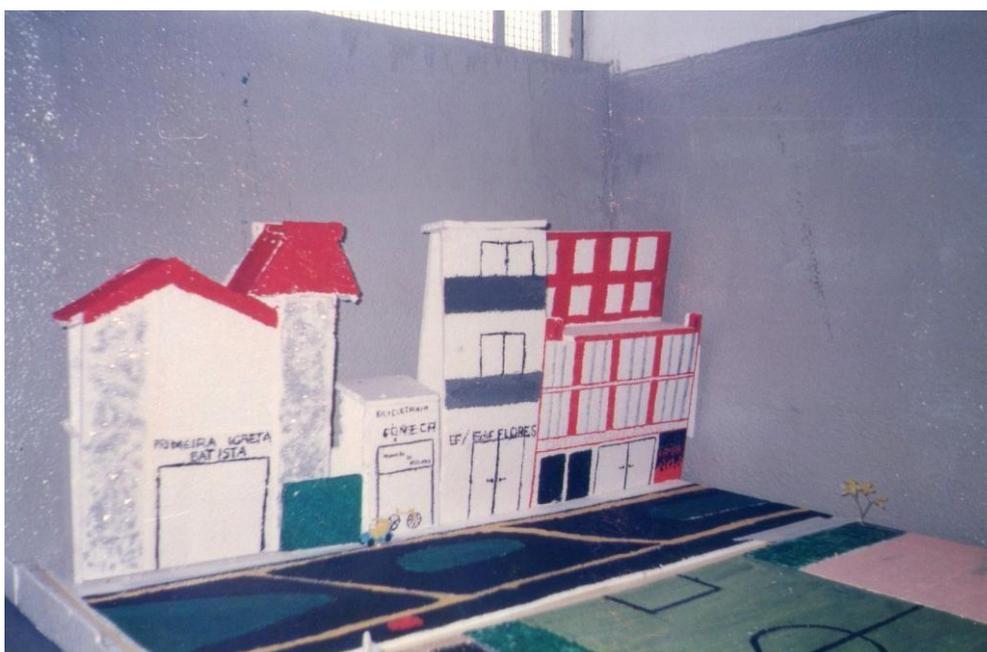


Figura 8 - Aluna do colégio Getúlio Vargas - Portão interno da Instituição



Figura 9 - Aluna do Colégio Getúlio Vargas - Ano de 1991



Figura 10 - Aluno egresso do Colégio Getúlio Vargas - Ano de 1991



Figura 11 - Aluno do Colégio Getúlio Vargas - Ano de 1996

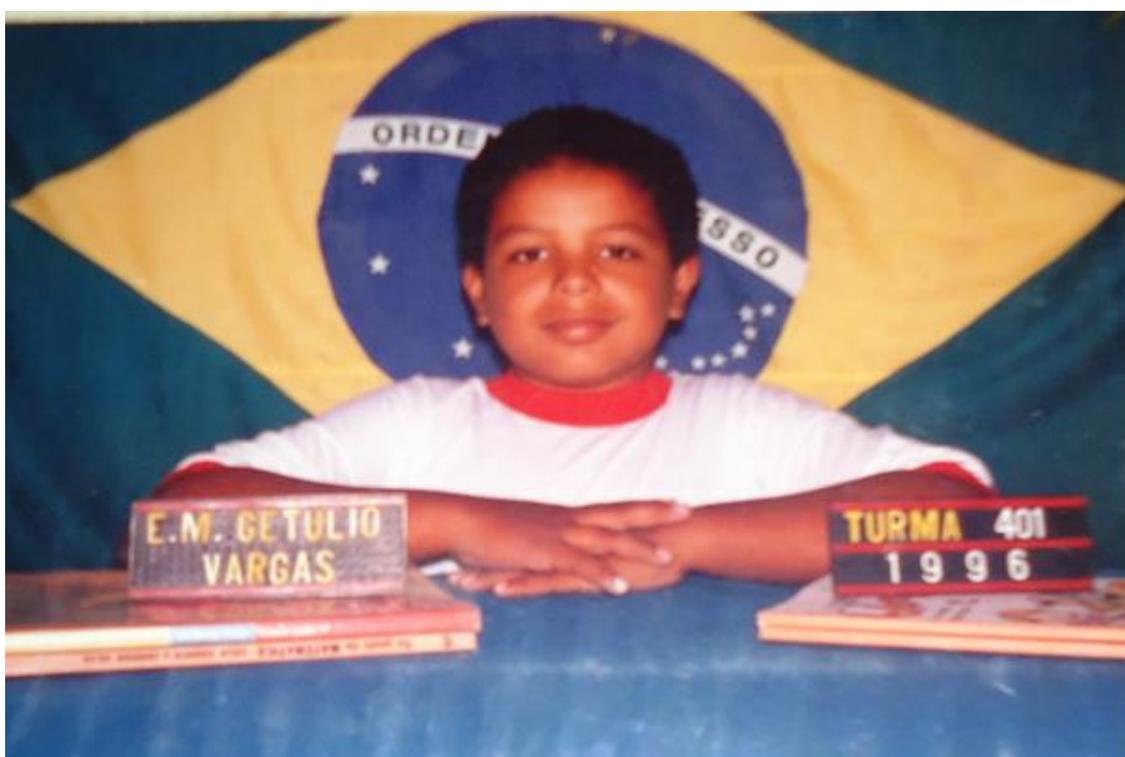


Figura 12 - Aluna egressa do Colégio Getúlio Vargas - Ano 1997



Figura 13 - Fanfara do Colégio Getúlio Vargas



Figura 14 - Desfile Cívico do Colégio Getúlio Vargas



Figura 15 - Aluna do Colégio Getúlio Vargas. Curso: EJA. - 1ª Fase. Ano de 2014



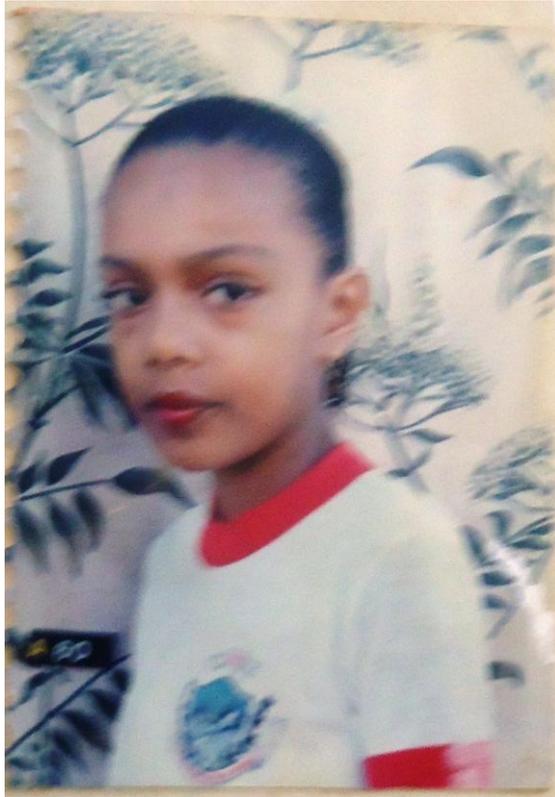
Figura 16 - Palestra pedagógica aos alunos



Figura 17 - Aluna do colégio Getúlio Vargas



Figura 18 - Aluna do colégio, no cotidiano escolar



**Figura 19 - Colégio Getúlio Vargas sem cercas ao redor.
Acesso à comunidade**



Figura 20 - Colégio Getúlio - Escola sem calçamento



Figura 21 - Colégio Getúlio Vargas. Desfile cívico



Figura 22 - Colégio Getúlio Vargas - Desfile cívico



Figura 23 - Colégio Getúlio Vargas. Sala de aula. Professora e alunos.



Figura 24 - Sala de aula. Professora e aluna



Figura 25 - Colégio Getúlio Vargas. Atividade acadêmica - Festa Junina (casamento)



Figura 26 - Colégio Getúlio Vargas. Atividade acadêmica - Festa junina (dança de quadrilha).



Figura 27 - Colégio Getúlio Vargas. Comunidade escolar. Mãe, filhas / pesquisadora. (entrevista na residência)



Figura 28 - Colégio Getúlio Vargas. Cotidiano escolar. Pesquisadora no pátio do Colégio



Figura 29 - Portão de entrada do Colégio Getúlio Vargas - a pesquisadora



Figura 30 - Portão de entrada do Colégio Getúlio Vargas - a pesquisadora



Figura 31 - Canal periférico ao Colégio Getúlio Vargas - e a pesquisadora

